



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ANA PAULA ANUNCIÇÃO

**PATRIMÔNIO IMATERIAL, HISTÓRIA E IDENTIDADE:
A FESTA DE SÃO BENEDITO EM POÇOS DE CALDAS/MG E
SUAS TRANSFORMAÇÕES (1889-2015)**

Londrina
2017

ANA PAULA ANUNCIÇÃO

**PATRIMÔNIO IMATERIAL, HISTÓRIA E IDENTIDADE:
A FESTA DE SÃO BENEDITO EM POÇOS DE CALDAS/MG E
SUAS TRANSFORMAÇÕES (1889-2015)**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Londrina (UEL) para o Exame de Qualificação, em cumprimento às exigências parciais para obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dra. Cláudia Eliane Parreiras
Marques Martinez

Londrina
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Anunciação, Ana Paula.

Patrimônio Imaterial, História e Identidade: a festa de São Benedito em Poços de Caldas/MG e suas transformações (1889-2015) / Ana Paula Anunciação. - Londrina, 2017.

99 f. : il.

Orientador: Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez.

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2017.

Inclui bibliografia.

1. Festa de São Benedito - Tese. 2. Patrimônio Imaterial - Tese. 3. Tradições - Tese. I. Eliane Parreiras Marques Martinez, Cláudia. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

ANA PAULA ANUNCIÇÃO

**PATRIMÔNIO IMATERIAL, HISTÓRIA E IDENTIDADE:
A FESTA DE SÃO BENEDITO EM POÇOS DE CALDAS/MG E SUAS
TRANSFORMAÇÕES (1889-2015)**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Londrina (UEL) para o Exame de Qualificação, em cumprimento às exigências parciais para obtenção do título de Mestre em História Social.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dra. Cláudia Eliane Parreiras
Marques Martinez
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dra. Miriam Hermeto de Sá Motta
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Prof. Dr. Richard Gonçalves André
Universidade Estadual Paulista em Franca – UNESP

Prof. Dra. Sandra de Cássia Araújo Pelegrini
Universidade de São Paulo – USP

Profa. Dra. Silvia Cristina Martins de Souza
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Londrina, 08 de maio de 2017.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram presentes neste longo momento da minha jornada. Contribuindo com sensibilidade e compreensão em todos os momentos. E acima de tudo acreditando que seria possível.

Agradeço minha orientadora pelo caminho que trilhamos juntas, pela amizade, humildade e compreensão, mostrando o lado humano de uma educadora que tem paixão pelo que escolheu para a vida.

ANUNCIACÃO, Ana Paula. **Patrimônio Imaterial, História e identidade: a festa de São Benedito em Poços de Caldas/MG e suas transformações (1889-2015)**. 2017. 99f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2017.

RESUMO

O presente trabalho visa focar o Patrimônio Imaterial, tendo como objeto a Festa de São Benedito, que ocorre na cidade de Poços de Caldas/MG, há mais de um século. O estudo revelou, ao longo da pesquisa, permanências e transformações pelas quais a celebração passou. Observou-se, também, a riqueza cultural e a experiência vivida pelos participantes antes e durante a festividade. Atualmente, a festa encontra-se em processo de registro enquanto patrimônio imaterial, possibilitando o debate acerca de sua história, seus cantos, seus rituais e seus elementos materiais e intangíveis. O sentido simbólico, espiritual e social conferido à festa pelos seus participantes constituiu um importante ponto de análise e reflexão. Para isso, foi necessário estudar não só o ritual da celebração *in loco*, como também realizar entrevistas com diferentes atores sociais envolvidos, coletar documentos nas instituições de memória, explorar o vasto material imagético produzido e outros documentos. Reinhart Koselleck, François Hartog e Françoise Choay constituíram o suporte teórico para as pesquisas de campo efetuadas em dois momentos específicos, 2012 e 2015. Os conceitos de tempo, memória, *presentismo* e patrimônio desenvolvidos pela tríade de autores auxiliaram no entendimento da festa em suas várias nuances que perpassam a dimensão cultural, religiosa, simbólica, política e econômica.

Palavras-chave: Festa de São Benedito. Patrimônio Imaterial. Tradições.

ANUNCIACÃO, Ana Paula. **Patrimônio Imaterial, História e identidade: a festa de São Benedito em Poços de Caldas/MG e suas transformações (1889-2015)**. 2017. 99p. Dissertation (Master's degree in Social History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2017.

ABSTRACT

This work aims to focus on the Intangible Heritage, having as object the Feast of St. Benedict, which takes place in the city of Poços de Caldas / MG, more than a century. The study revealed, throughout the research, stays and transformations by which the celebration passed. It was also observed the cultural richness and the experience lived by the participants before and during the festival. Nowadays, the party is in the process of being registered as intangible heritage, enabling the debate about its history, its songs, its rituals and its material and intangible elements. The symbolic, spiritual and social meaning conferred on the party by its participants constituted an important point of analysis and reflection. For this, it was necessary to study not only the ritual of celebration on the spot, but also to conduct interviews with different social actors involved, to collect documents in memory institutions, to explore the vast imagery produced and other documents. Reinhart Koselleck, François Hartog and Françoise Choay were the theoretical support for the field research carried out in two specific moments, 2012 and 2015. The concepts of time, memory, presentism and heritage developed by the triad of authors helped to understand the celebration in its various Nuances that cross the cultural, religious, symbolic, political and economic dimension.

Keywords: Feast of St. Benedict. Intangible Heritage. Traditions

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 -	Representação imagética de São Benedito	24
Figura 2 -	Urna Mortuária de São Benedito	27
Figura 3 -	Trecho do Mapa ferroviário do Brasil 1913	30
Figura 4 -	Construção da Igreja Matriz.....	42
Figura 5 -	Capela de São Benedito década de 50	43
Figura 6 -	Capela de São Benedito de 1974	44
Figura 7 -	Procissão de São Benedito, década de 30	47
Figura 8 -	Foto da festa 1940.....	48
Figura 9 -	<i>Fête</i> de Ste. Rosalie, patronne des négres. [Festa de Santa Rosalia, Villeneuve, Louis-Jules-Frédéric, 1796-1842.....	58
Figura 10 -	Dona Orlanda	65
Figura 11 -	Rainha do terno de Congo Nossa Senhora do Rosário	67
Figura 12 -	Festa de São Benedito Poços de Caldas.....	77
Figura 13 -	Barraca de comida típica.....	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 FESTA DE SÃO BENEDITO: ENTRE O HUMANO E O DIVINO	16
1.1 SÃO BENEDITO: O NEGRO INSERIDO NA RELIGIOSIDADE CATÓLICA.....	23
1.2 POÇOS DE CALDAS: UMA CIDADE E SUA HISTÓRIA.....	29
1.3 A VIDA RELIGIOSA NA CIDADE DE POÇOS DE CALDAS: FESTA DE SÃO BENEDITO.....	35
1.3.1 Festa de São Benedito em suas representações	44
2 CONGADAS: A EXPRESSÃO DE UM POVO	49
2.1 A CONGADA EM POÇOS DE CALDAS: DIVERSIDADE E SIMBOLISMOS	59
3 PATRIMÔNIO IMATERIAL E A FESTA DE SÃO BENEDITO	73
3.1 PATRIMÔNIO CULTURAL: A FESTA DE SÃO BENEDITO E O PROCESSO DE TOMBAMENTO.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DE FONTES	94
REFERÊNCIAS	96

INTRODUÇÃO

A construção da pesquisa iniciou-se no ano de 2012, no formato de trabalho de conclusão de curso, no curso de História na mesma Universidade. Ao iniciar a pesquisa, não era possível conceber a riqueza, a dimensão de detalhes e simbologias que se estava por adentrar, um universo histórico abundante em cultura, experiências de vida e de paixões. Fascínio pela história e pela construção da mesma, constituída por pessoas comuns, humildes e cheias de fé e esperança, e que desde o início são atores principais de sua própria história.

Uma inquietude moveu o desejo para realizar a pesquisa, almejando decifrar as transformações em uma festa tão expressiva, colorida e acima de tudo viva. Permeada por mudanças políticas, sociais, culturais e que, ainda se manteve forte, como ponto de resistência. Virou um século, depois tornou a virar outro e se depender do empenho de seus frequentadores e realizadores a festa terá vida longa.

A Festa de São Benedito acontece em Poços de Caldas-MG, cidade localizada ao sul de Minas Gerais, rodeada de história, conhecida por sua hospitalidade e também por ser um destino turístico, devido as águas termais, a natureza presente no município e aos doces típicos mineiros.

A trajetória da pesquisa foi estabelecida na medida em que a mesma ia acontecendo, e deste modo novas demandas iam surgindo. Meu anseio em continuar a pesquisa sobre a festividade, também se deu pelo fato de ter crescido na cidade onde a celebração ocorre. Outras questões também chamaram atenção, as transformações pelas quais a festividade vinha e vem passando ao longo do tempo.

Por toda a trajetória da pesquisa e por todas as fontes históricas encontradas, ao concluir o trabalho de conclusão de curso no ano de 2012, percebeu-se que ainda havia um leque de possibilidades para se analisar e debater. Por intermédio de uma ampla reflexão, atentou-se para a necessidade de prosseguir com a pesquisa em um segundo momento. Nesta finalidade, desenvolveu-se um projeto de mestrado.

O projeto de mestrado elaborado em 2013/2014 empenhou-se em priorizar questões que não haviam sido contempladas anteriormente, assim como, acolher sugestões que haviam sido feitas na banca¹ de defesa do TCC no ano de 2012.

Para a realização de ambos os trabalhos, foi necessário realizar uma longa e extensa pesquisa de campo -2012 e 2015-, o que possibilitou acompanhar os principais momentos da

¹ O TCC “Será o Benedito” A Festa de São Benedito em Poços de Caldas/MG entre memória e identidades (XIX/XXI), apresentado no ano de 2012 teve naquele momento a banca composta pela banca o Prof. Dr. Rogério Ivano e Prof^a. Dr^a. Zueleide Casagrande de Paula.

celebração, dialogar com os documentos e constatando mudanças e permanências na festividade, além de outras questões pertinentes.

Durante o trabalho de campo, novas perspectivas da pesquisa surgiam a cada dia e a cada momento. Um novo olhar teve de ser construído, unindo teoria e prática.

Adentrar o universo cultural e estar no momento presente em que as manifestações religiosas e culturais aconteciam, foi imprescindível. Estar frente a frente ao objeto de pesquisa é algo que auxilia para que o trabalho seja feito em unidade e contemple uma rede maior de complexidade. Sendo possível delimitar as pontes que o presente estabelece com o passado e conseqüentemente com o futuro. Sendo assim, a problemática principal do trabalho buscou perceber/compreender as transformações sofridas (ou não) pela celebração ao longo dos séculos. E se ocorreram transformações quais e como aconteceram?

As mudanças na performance da festa, acompanharam também as alterações pelas quais passaram o bairro e a cidade de Poços de Caldas? Qual o lugar que a festividade ocupa na vida das pessoas? Como se dá a mobilização das pessoas envolvidas na construção da festa? A cidade se envolve? De que forma? Como é possível perceber a relação identitária entre a festividade e os cidadãos envolvidos, na preparação da festividade em estudo?

Muitas dificuldades se impuseram durante a realização da pesquisa.

A distância entre a cidade na qual o objeto de pesquisa se localiza e o local onde a pesquisa é realizada/escrita dificultou algumas possibilidades do trabalho, como por exemplo, a ocorrência de um número maior de entrevistados pessoalmente. Também não foi possível acompanhar a movimentação e os preparativos da festa. Outra questão referente às dificuldades de pesquisa, está relacionada à pouca quantidade de documentos escritos em relação a festa em seu período inicial. São escassos os relatos sobre a festividade até a metade do século XX. Algumas vagas reportagens, contos, fotografias encontradas tanto no Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas, foram utilizadas enquanto fontes históricas para complementar o trabalho, e também fotografias de acervos pessoais.

Somente após a metade do século XX, houve uma cobertura maior da imprensa local, devido aos avanços na tecnologia, que possibilitaram uma cobertura maior. A partir daí, todos os anos os jornais e redes de televisão lançam notas sobre a celebração.

Em contrapartida, apesar de todas as dificuldades, foi viável entrevistar pessoas dispostas a ajudar, e que muito cooperaram para o trabalho, principalmente com suas histórias de vida. Por intermédio da história oral (FERREIRA; AMADO 2006), transmitiram suas relações com o passado, com a religiosidade e com a cultura e como suas vidas estão ligadas a celebração.

As entrevistas representam no trabalho fontes históricas constituídas a partir da metodologia da história oral ((FERREIRA; AMADO 2006), e são essenciais para a pesquisa. A História Oral proporciona dados e informações inestimáveis, e que sem ela jamais teríamos acesso. Uma contribuição rica, que ultrapassou as barreiras da formalidade e dos textos escritos. Nas entrelinhas da informalidade, de uma conversa guiada (ou não), a História Oral (ALBERTI, 2004) permitiu ao historiador o acesso a um novo tipo de fonte, a fonte oral. O trabalho de interpretação/debate de fontes também é feito sob a fonte oral, depois de transcrita a entrevista é analisada como um documento, retirando as evidências e questionamentos pertinentes.

Este tipo de abordagem possibilitou à História, revelar sujeitos que por muito tempo haviam sido negligenciados no anonimato. O processo de execução das entrevistas foi estruturado sob a perspectiva de que diferentes categorias de pessoas deveriam ser entrevistadas. Obtendo uma visão ampla da celebração, abarcando os problemas, as angústias, as alegrias e os pontos positivos da festa, assim como os significados simbólicos que cada um atribui para a mesma. As perguntas feitas aos entrevistados seguiram um roteiro, porém cada entrevista ocorria de uma forma e com determinadas particularidades, respeitando a personalidade e o modo de se expressar de cada entrevistado.

Na pesquisa de campo realizada no ano de 2012 e em 2015, as entrevistas foram feitas no período festivo, no mês de maio. As fontes históricas escritas e visuais (reportagens de jornais, revistas e fotografias) foram recolhidas ao longo dos anos de pesquisa, a cada ano novas fontes históricas eram descobertas.

Alguns autores memorialistas de diferentes períodos foram fundamentais para compreender o contexto histórico da cidade de Poços de Caldas. Sendo eles: Doutor Mário Mourão, Homero Benedicto Ottoni e Nilza Mégale. Eles foram utilizados como fontes primárias, por se tratarem de obras raras que forneceram elementos importantes para compreensão da história da cidade em suas diferentes dimensões sociais, políticas e religiosas no final do século XIX e início do século XX.

O trabalho será estruturado em três capítulos, que se complementam e refletem necessidades e questões relacionadas entre si.

No primeiro capítulo empenhou-se em apresentar o objeto de pesquisa em suas várias frentes e contribuições para sua construção. Ao inserir-se no universo festivo surgiu a necessidade de entender primeiramente, como se constitui uma festa, ou seja, o que viria a ser uma festa? Como as festas ganharam espaço no território brasileiro? E, principalmente como as festas religiosas constroem seus significados simbólicos? Outras questões nortearam essa

pauta. Como influenciam na vida e na rotina dos grupos, na interação dos grupos? E na construção de valores que são fundamentais para a sobrevivência dos mesmos?

Após estabelecer contato com o universo das festas e de sua composição simbólica, o próximo passo foi aproximar-se da história de vida de São Benedito. Compreender como a devoção do santo chegou ao Brasil, como se popularizou e elucidou questões que vão além do âmbito religioso, envolvendo a construção identidades e de resistência (CANCLINI, 1997).

Através da devoção a São Benedito aproxima-se da história da cidade de Poços de Caldas e em que determinado momento a devoção ao santo negro se fez presente. Para isso foi necessário entender a história da cidade, seu surgimento e sua sociedade, as atividades econômicas, a vida cultural e religiosa, e até mesmo ideologias que podem ter influenciado no caminhar da história local e seus desdobramentos.

O capítulo inicial traz à tona também, o contexto histórico da Festa de São Benedito e que é objeto do presente trabalho. Nesse sentido, foi essencial traçar os momentos históricos em que a festa apresentou mudanças, assim como a própria capela de São Benedito e sua representatividade para cidade. Quais pessoas foram fundamentais para o processo histórico da devoção do santo na cidade, as barreiras enfrentadas no início do século XX para que o ato de fé pudesse ser exercido. Diante de fatores como classe social e raça, considerando que os devotos de São Benedito, na virada do século XIX/XX, eram em sua grande maioria negros. Desta forma, a construção deste capítulo só se fez possível a partir da análise das fontes históricas.

O segundo capítulo, irá traçar o surgimento das Congadas, uma manifestação cultural religiosa essencial na Festa de São Benedito. Tal manifestação está presente há muitos anos na celebração, atribuindo todo um significado simbólico e especial para a festividade. Por isso, o capítulo se dedica a explorar estes elementos históricos e culturais da Congada, suas danças, seus cantos, seus rituais e não menos importante sua história no Brasil.

Enquanto principal manifestação cultural da celebração, a congada contribui no corpo festivo e na construção de identidades dos grupos (MENESES, 1993), que compõem toda a imaterialidade essencial para que a festividade aconteça todos os anos. Por não ser algo exclusivo da cidade de Poços de Caldas, é importante destacar as regiões do Brasil em que houve maior desenvolvimento e surgimento das Congadas, visto que é uma manifestação da cultura negra que representa religiosidade, resistência e devoção.

As Congadas destacam-se em festas populares em várias regiões do país, são elementos fundamentais na formação da identidade, mas nem sempre houve o apoio da população. Por estar relacionada aos negros já foi considerada um ponto de retrocesso. A

contribuição dos afro-descendentes na constituição da sociedade brasileira nos instiga a vasculhar ainda mais este universo, os saberes transmitidos e herdados dos mais velhos.

As Irmandades Negras presentes no Brasil Colônia (BOSCH, 1986) auxiliaram na perpetuação da tradição cultural das congadas. Quando aconteciam as festas dos santos considerados protetores, as congadas estavam presentes nos cortejos e celebrações. E essa presença só iria crescer com o passar dos anos.

As fotografias tiradas durante a pesquisa de campo no período festivo ajudaram na compreensão do universo complexo em que as congadas estão inseridas. Um universo de cores e de vida, e que durante os dias de festa e nas procissões, alegam a cidade com toda a agitação e animação que proporcionam.

É importante destacar que os valores simbólicos surgem a partir dos grupos de congadas, desde o modo de fazer as vestimentas, o tocar dos instrumentos, as cantigas que apresentam letras que estão presentes nas comunidades e que são transmitidas por gerações. A sabedoria popular é difundida pelos membros mais velhos e somente através deles as novas gerações poderão ter contato com as tradições historicamente construídas ao longo do tempo. Por meio destes, é que os jovens percebem a importância de se preservar as mesmas.

Na celebração, há também uma manifestação cultural não menos importante conhecido como Caiapós. Seus membros se vestem de indígenas (confeccionam suas próprias roupas com um capim típico da região²) e representam os grupos que ajudavam os escravos a fugir no passado. Atualmente são dois grupos que participam da festividade complementando todo o arcabouço cultural nos dias de festa, interagindo diretamente com os grupos de congadas.

O terceiro capítulo irá trabalhar a celebração na atualidade, com base em pesquisas de campo realizadas no ano de 2012 e 2015, demonstrando como a indústria cultural (CANCLINI, 2002) pode influenciar nos moldes em que a festa se estrutura na atualidade, a assim como na realização da festa. Quais as mudanças que ocorreram na celebração em diversos aspectos, assim como as transformações na produção dos instrumentos musicais utilizados nos grupos de terno de Congo, na produção das vestimentas e no apoio financeiro do poder público para a festa.

A festa se encontra em processo de registro estadual enquanto patrimônio imaterial pelo IEPHA, o órgão é responsável pelo reconhecimento dos bens patrimoniais no estado de

² Os caiapós fazem parte de um folgado popular, que relembra tradições indígenas e também participam da festividade de São Benedito em Poços de Caldas. A vestimenta dos caiapós é uma saia fabricada com capim membeca, blusa com penas de galinhas e um cocar na cabeça.

Minas Gerais. A celebração está nesse processo de patrimonialização devido a toda essa riqueza cultural que representa, recriando a identidade dos grupos. E que conseqüentemente dão significados para suas vidas. (MENESES, 1993)

O processo de registro implica em questões históricas relevantes, como as formas que os participantes da celebração lidam com o tempo. Também como o percebem não somente no período festivo, mas durante todo o ano e durante toda uma vida.

O significado do conceito de patrimônio nem sempre foi o mesmo (CHUVA, 2002). O patrimônio sempre esteve presente na vida do homem, influenciando diretamente nas questões familiares, sociais, religiosas, culturais e posteriormente políticas (POULOT, 2009).

Historiadores, antropólogos e sociólogos estão permanentemente traçando as minúcias sobre os usos do patrimônio, sua constituição e sua abrangência na sociedade e principalmente na cultura dos grupos (CHOAY, 2008).

A relação das instituições/organizações políticas com os bens patrimoniais espalhados pelo mundo é recente em vista da história da humanidade. O campo do patrimônio nem sempre teve os mesmos ideais e perspectivas, muitas ideologias influenciaram na construção das concepções acerca do tema. Durante determinado período salientou-se a ideação de um patrimônio homogêneo, de caráter unificador em prol do Estado Nacional (CHOAY, 2008).

Um patrimônio pautado em bens materiais contribuiria para a formação de nações que estavam surgindo. E necessitavam de elementos que representassem determinada identidade nacional (POULOT, 2009). A forma como os bens foram conduzidos, baseava-se sempre no direcionamento daqueles que estavam à frente da formulação de leis, projetos e identificações do que viria a ser considerado patrimônio.

A existência do bem intangível depende do bem tangível, a associação de ambos é essencial. Os dois tipos de patrimônio coexistem e só sobrevivem devido a essa união. Para a imaterialidade se manifestar ela necessita de um amparo material seja ele qual for (CHUVA, 2015). Desse aspecto visível/palpável que o saber popular, os modos de fazer, as cantigas, danças, enfim tudo que esteja relacionado aos bens intangíveis possam ser detectado e assim criar formas.

O patrimônio imaterial ou intangível, em determinado momento de sua existência, terá de ser materializado em sua construção histórica (MENESES, 2009). O campo do patrimônio imaterial exige respeito e sensibilidade por parte do pesquisador, os estudos baseiam-se em questões simbólicas complexas. Representam sentimentos de vida por parte daqueles que

participam de determinadas manifestações culturais que na imaterialidade residem (CHUVA, 2002).

Ultrapassar a barreira imposta pelos saberes tecnológicos e sua importância dada na modernidade é fundamental. Em muitas situações o conhecimento de determinado grupo social não está relacionado ao progresso tecnológico. Os saberes que são transmitidos de gerações em gerações, um conhecimento informal que é produzido dentro dos grupos, é o elemento que dá sentido a experiência de vida de seus membros (GALLOIS, 2006).

A tentativa de reconhecer os saberes populares e os bens intangíveis é relativamente recente na historiografia. A partir dos séculos XX/ XXI uma série de políticas de proteção aos bens culturais foram direcionadas aos bens imateriais. No Brasil, um marco foi o Decreto nº 3551/2000, que determinava o reconhecimento de manifestações culturais distintas. Cada avanço pode ser considerado uma conquista. Por muito tempo o foco foi direcionado aos bens materiais e seus discursos, que serviam para legitimar o poder vigente.

Uma questão de diferenciação entre o patrimônio imaterial em relação ao patrimônio material é sua capacidade de transformação. A manifestação cultural intangível se faz viva até o momento em que existe a identificação de seus praticantes com a mesma. A partir do instante que o sentido do bem imaterial se perde para o grupo, devido a questões variadas, o bem intangível deixa de existir ou se metamorfoseia para algo novo. O poder de nascer e renascer do bem imaterial é o que muitas vezes garante sua sobrevivência.

A evolução das políticas culturais (CHUVA, 2009) de patrimônio imaterial caracteriza a importância da diversidade cultural. Nenhuma sociedade se desenvolve sem o respeito e a tolerância com sua diversidade cultural. A festividade mineira é palco de toda essa imaterialidade, e, conseqüentemente de uma determinada materialidade. A diversidade cultural e religiosa faz da celebração um momento único para cidade.

A construção de todo o trabalho buscou elucidar o objeto em todas as suas faces. Os conceitos de tempo, memória, *presentismo* e patrimônio desenvolvidos pela tríade de autores (Reinhart Koselleck, François Hartog e Françoise Choay) auxiliaram no entendimento da festa em suas várias nuances que perpassam a dimensão cultural, religiosa, simbólica, política e econômica.

A Festa de São Benedito é mais do que uma simples celebração para os que participam da celebração. A festividade é o que dá o sentido de vida e qualifica o exercício da fé e da crença, construindo história, memória e identidade para todo um grupo que pauta sua coesão social na religiosidade.

A História Cultural permitiu que a celebração fosse estudada e analisada sob a égide dos diferentes sujeitos, e a forma como se colocam no mundo, as diversas relações que são construídas no mundo social (CHARTIER, 1991) e como constroem suas histórias de vida a partir da festa.

CAPÍTULO 1

FESTA DE SÃO BENEDITO: ENTRE O HUMANO E O DIVINO

*Olha lá vai passando a procissão
Se arrastando que nem cobra pelo chão
As pessoas que nela vão passando
Acreditam nas coisas lá do céu
As mulheres cantando tiram versos
Os homens escutando tiram o chapéu
Eles vivem penando aqui na terra
Esperando o que Jesus prometeu
(PROCISSÃO, Gilberto Gil, 1968).*

Algumas religiões³ se baseiam em uma concepção de divino que permeia as diferentes realidades ao redor do mundo. E é sob esse entendimento que muitas sociedades guiam seus estilos de vida e estabelecem seus valores. Criam-se vínculos no plano dos homens, laços que ultrapassam até mesmo ligações de sangue. As religiões significam muito para a humanidade e alicerçam muitas relações humanas.

Os limites da religião e sua influência na vida social são noções complexas para serem delimitadas em um primeiro momento. Abarcam questões sociais, culturais, folclóricas, místicas, psicológicas, econômicas e políticas. Constata-se a inserção do homem em uma determinada profundidade, muitas vezes relacionado à suas raízes e emoções, tendo por intermédio a religião.

O trabalho delimita-se aos aspectos relacionados ao catolicismo, em vista da diversidade de religiões e tradições que existem ao redor do mundo e na história da humanidade.

A raiz da diversidade religiosa presente no Brasil está nas muitas culturas e povos que remontam aos primórdios da ocupação na América portuguesa. As manifestações religiosas estão espalhadas por todo território nacional e representam a grande riqueza de nossa cultura e

³ Importante destacar que não se deve estender a concepção de divino para todas as religiões, pois algumas possuem seus fundamentos em outras crenças. Ver: (ELIADE, 2001)

as expressões de fé da população brasileiro. As pessoas possuem diferentes religiões que se manifestam de muitas formas e rituais, representando a cultura brasileira.

No universo católico acentuam-se as celebrações, assim como desdobramentos que surgiram através da religião. O ponto máximo de devoção a um santo na religiosidade católica, é a possibilidade de homenageá-lo por meio de uma festividade, e quanto maior a celebração maior a demonstração de fé e também a organização dos fiéis.

Uma multiplicidade de valores morais e sociais surge no ambiente festivo e é recriado e traduzido para o cotidiano por meio da celebração. Em muitos casos, a festa tem função mediadora das discrepâncias econômicas, sociais e culturais, presentes na sociedade. A celebração tem a capacidade de admitir o diferente em um mesmo ambiente.

A representatividade inserida no contexto festivo apresenta os múltiplos sentidos que vem à tona. Estes, com diferentes significados que revelam o caráter e a força da organização popular, os artistas presentes, a organização social e religiosa, e não menos importante, a identidade cultural e seus valores. Segundo Amaral,

A festa é ainda mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros, por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis. (AMARAL,1998, p.52)

As festas estão inseridas na sociedade brasileira há muito tempo, desde os primórdios de nossa história e são formas e linguagens dos brasileiros se expressarem. São inúmeros os tipos de festividades, algumas não religiosas são vistas de forma negativa, pois andam na contramão de um discurso de seriedade moral ditado por uma parcela conservadora da sociedade. Mas são eventos que fazem parte da identidade dos brasileiros e que compõe a rica diversidade de nossa cultura.

Em nosso país as festas têm a contribuição dos mais diversos grupos que remontam nossa sociedade desde o período colonial. Nessa época as festas intermediavam as relações entre os portugueses e todos aqueles que eram considerados submissos e inferiores ao homem branco. No ambiente festivo, todos se “igualavam”, pois pelo menos por um momento

falavam a “mesma” língua⁴. Todos participavam do momento festivo (JANCSO, 2001) negros, brancos e índios.

Estabelecer a comunicação entre as culturas foi a tarefa principal da festa no período colonial, ao mesmo tempo em que, através desta comunicação, exercitou e estabeleceu o contrato social brasileiro e nosso modelo de sociabilidade, que é o de busca da semelhança dentro da diversidade. (AMARAL, 1998, p.47)

Os relatos do período colonial (DEL PRIORE, 2000) manifestam o valor simbólico e cultural dos (FURTADO, 1997) festejos para a sociedade daquele período. O processo de preparação e os cortejos em que todos abundavam-se em alegria, elucidando um verdadeiro espetáculo pelas ruas das cidades coloniais (FURTADO, 1997).

A realização de muitas dessas celebrações era de responsabilidade da Igreja, com função de estabelecer contato e de mediar relações entre culturas diferentes. Apresentava elementos não só da religião, mas também da cultura europeia para os que aqui residiam, todos eram obrigados a participar. Pensava-se que as festas em homenagem aos santos da Igreja Católica evitavam ritos considerados pagãos, ou que poderiam substituí-los, porém só conseguiram mascará-los, pois eles não deixavam de existir.

Uma atitude era muito comum entre os negros no período. Ao cultuar um santo imposto pela Igreja Católica, muitos escravos na verdade estavam cultuando seus próprios santos, que escondiam enterrados na terra embaixo do “santo oficial”. As irmandades e confrarias ajudaram no intermédio dessa relação religiosa. (BOSCHI, 1986)

Nesta época, as Irmandades (SOUZA, 2009) também auxiliavam no processo festivo e na própria organização de festas. Elas⁵ foram importantes veículos difusores de cultura, religiosidade e sociabilidade, tanto encargos espirituais quanto assistenciais. Em alguns lugares as irmandades estavam submissas ao poder vigente e assim eram formas de controle social e possível conversão. Nelas os negros abasteciam sua fé, pois naquela época somente a fé católica podia ser exercida. Inseridos nesta condição, adaptavam elementos religiosos de seu credo a fé católica, transformando numa mescla de elementos negros e brancos.

⁴ A palavra língua é utilizada no sentido figurado da palavra, na medida, em que os diferentes povos que construíram a sociedade brasileira apresentavam muitas diferenças e uma grande diversidade em relação uns aos outros, porém nas festas adentravam o mesmo universo e apropriavam-se da mesma manifestação cultural e religiosa.

⁵ A dualidade entre resistência e controle social, deu as Irmandades o leque de significados simbólicos atribuídos por diferentes camadas da sociedade no período colonial, um sentido era dado pelos senhores e outro pelos escravos.

As festas estão relacionadas aos temas que guiam toda a celebração. Podem ser fenômenos religiosos, a vida dos santos homenageados, histórias populares que foram reconstruídas de geração em geração, construindo o tema principal de cada festividade.

O Brasil pode ser considerado um país rico em diversidade por suas festas e cores. Em todas as regiões do país há a ocorrência de celebrações em homenagem aos mais diversos santos. Os santos também podem estar relacionados as histórias locais, regionais ou com o próprio processo de ocupação das regiões. Em um país em que as diferenças sociais e culturais são alarmantes, a festa tem o caráter agregador. Reunindo todos em um só tempo e momento, realçando a coletividade, a força popular, o sagrado e o profano.

Em sua forma plena [...], a festa deve ser definida como o paroxismo da sociedade (ideal), que ela purifica e que ela renova por sua vez. [...] É ao mesmo tempo a ocasião em que, nas sociedades hierarquizadas, se aproximam e confraternizam as diferentes classes sociais e onde, nas sociedades de fraternias, os grupos complementares e antagonistas se confundem, atestam sua solidariedade e fazem colaborar com a obra da criação os princípios místicos que eles encarnam e que acredita-se, ordinariamente, não devem se juntar." (CAILLOIS,1950, p.166)

Caillois, também afirma que, os limites entre o sagrado e o profano, o rito religioso e a festa, estão muito próximos. A relação com o sagrado é intermediada pelos ritos, que na festa são incorporados e se tornam reais.

As festividades são espaços onde o sagrado⁶ e o profano convivem juntos sem resistência, sem oposições em busca de algo equilibrado e harmonioso, respeitando aquilo que pertence a Deus e aquilo que pertence ao homem. Essa convivência e conivência é o que faz com que o sagrado permaneça no cotidiano dos indivíduos e no interior dos grupos. De certa forma o profano incorpora para si um caráter sagrado.

A religiosidade como polo gerador, é responsável por criar o rito e a festa, o riso e a reza, o choro e a dança, a esperança e a graça, o pedido e a crença, a benção e a fé.

Cada festa apresenta uma determinada realidade, possui uma finalidade, um significado para aqueles que produzem e para aqueles que frequentam. Não existe uma manifestação festiva igual à outra, cada uma existe em sua peculiaridade. O que diferencia umas das outras são suas particularidades, que constituem sua essência e os valores que são compartilhados. Sendo assim nenhuma é igual à outra.

⁶ “O sagrado implica na luta entre o mysterium e o tremendo, o temor e o tremor. A luta entre o amor e o ódio, Deus e o diabo. O mysterium conduz ao admirável, ao assombroso, ao pasmo, à contemplação”. (MARCHI, 2005).

Enquanto objeto de pesquisa, as festas representam soluções e problemas, debates e sistemas (sociais, políticos, religiosos, culturais, econômicos). Elucidando assim questões fundamentais para a compreensão da sociedade produtora e receptora dos elementos simbólicos evidenciados nas celebrações.

Para garantir este estado de alma, contribuem fortemente os elementos presentes em todas as festas: música, bebidas, comidas específicas, comportamentos ritualizados, danças, sensualidade etc. Neste estado o homem não se reconhece como tal. Ele se reintegra à natureza de que teria se separado ao fundar a sociedade. (AMARAL, 1998, p.28).

O papel da celebração, dos ritos religiosos é reafirmar esses laços que podem ser enfraquecidos com o tempo, sendo assim a festa é um polo de união social.

Nas festas são feitas determinadas ações, expressados sentimentos que não ocorrem no dia a dia, é um ambiente que transcende a rotina/cotidiano. A alegria e a euforia envolvem mentes e corações.

Segundo Durkheim,

[...] a própria idéia de cerimônia religiosa de alguma importância, desperta naturalmente a idéia de festa. Inversamente, toda festa, apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Assim, de ambas as partes observam-se as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital, etc. Observou-se muitas vezes que as festas populares levam a excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito, o mesmo se dá com as cerimônias religiosas que determinam uma necessidade de violar as regras normalmente mais respeitadas. (DURKHEIM, 1989, p.456)

Em festividades religiosas e populares a euforia pode se materializar no formato de pulos, gritos e danças. Aquilo que é julgado como permitido se confunde com o que é considerado proibido. Portanto, os questionamentos em relação a estas atitudes são anulados em prol da celebração, do convívio e do bem estar de todos.

A aproximação entre os indivíduos que ocorre nas festividades desperta sentimentos fervorosos ligados à religião, gera o êxtase coletivo e uma alegria nos participantes (DURKHEIM,1989). Através dos cantos, danças, representações teatrais, procissões e cultos, as distâncias são superadas ou negligenciadas nestes momentos, predominando assim os valores coletivos.

Algo importante acontece na cerimônia, um fato social que distingue aquele momento de qualquer outro, que o torna especial e único. São poucos momentos que sucedem-se de tal forma. Há a superação da individualidade em prol da predominância do coletivo. Dessa interação que vem a força da religiosidade e da fé, superando as distâncias entre os indivíduos, reacendendo a possibilidade uma vida em comunidade, em um ambiente coletivo e pacífico.

No ritmo de vida moderno, nos moldes da sociedade contemporânea a coletividade é algo que é negligenciado em grande parte do tempo. É neste ponto que a cerimônia religiosa irá atuar, lembrando sentimentos grupais, transmitindo valores morais considerados positivos como a família, união e respeito. Por mais que no íntimo as pessoas saibam quais lugares ocupam socialmente (DURKHEIM,1989), na festa se colocam como iguais.

Durante a celebração pode ocorrer conflitos internos, resultado das forças sociais que atuam sobre os indivíduos. Em alguns festejos, devido ao tamanho do evento alguns comportamentos ultrapassam os limites e moldes desejados, mesmo assim a cerimônia não perde sua capacidade de reunir multidões e expor sua grandiosidade.

Os indivíduos aproveitam o momento de celebrar para que a diversão venha a tona, ocorrendo a fuga do cotidiano, da rotina difícil e sufocada por regras sociais e pelo trabalho, onde a imaginação é limitada, e assim nas festividades as pessoas gozam de certa liberdade e da leveza de suas responsabilidades, dando voz à imaginação e ao divertimento. Neste momento recarregam suas energias até que aconteça a próxima festividade e é nesse âmbito que as ocorrências indesejadas podem acontecer.

A finalidade que as celebrações possuem ultrapassa a esfera do religioso e o aspecto sagrado, o ritual assume a face, a personalidade e a cultura daqueles que o executam. Sendo assim, cada um apropria a festividade a seu modo.

Em determinados casos, por mais que a festa represente a união e a integração em diversos momentos, há casos em que ocorre a disputa pelo espaço simbólico, assim como a disputa pela organização da festa, demonstrando o aspecto político da festividade, relações de poder relacionadas a Igreja, aos participantes e ao poder local.

O viés turístico também movimenta as festas, enquanto “atração turística”. Muitos fiéis são atraídos, mas não somente pelo motivo religioso, o lazer e a diversão⁷ proporcionado pelo ambiente recreativo que surge junto ao festejo, também é fator de união e da presença

⁷ Posteriormente será aprofundada no trabalho a questão da festa enquanto ambiente de lazer e diversão, relacionando a influência da Indústria Cultural com a Festa de São Benedito em Poços de Caldas, Minas Gerais.

das pessoas. Reunindo fiéis e leigos (novamente o sagrado e o profano convivem em plena sintonia).

As festas representam e traduzem muitas experiências e histórias de vida. Assim como projetam expectativas no futuro, são sensações produzidas por aqueles que encontram sentido e identificação na celebração e na própria ligação com o passado.

A relação com o tempo se diferencia do cotidiano, e a festa tem o sentido simbólico de recriação de momentos distantes, como por exemplo, um retorno às origens e também de novos momentos;

[...] Mais que anulação de um certo tipo de tempo- o da quotidianidade, do labor, do esforço e do cansaço -, a festa é recriação do tempo, assumindo um significado afirmativo.

[...] A festa é um grande símbolo mediador entre tempo e eternidade. O tempo das origens forma unidade com o presente, e neste, com o escatológico. A periodicidade das festas devira então do facto de o seu tempo ser um tempo fora do tempo. [...] (TEIXEIRA, 2011, p.4 e 5)

Dessa forma, a festa estabelece uma relação direta entre o passado e o futuro. Ocorre no presente com direção ao futuro, mas contendo sempre elementos do passado. Cultua-se determinada situação que já tenha acontecido, uma dádiva, uma conquista ou a superação de algo que se concretizou no presente. (HOBSBAWM; RANGER, 1997)

As festas apresentam em seu corpo uma existência heterogênea, onde as diferentes realidades estão inseridas no mesmo *loco*. São vários sentidos manifestados em um único evento, sentidos históricos, sociais, antropológicos, políticos, culturais, religiosos.

A identidade (MENESES, 1993) é responsável por conseguir construir unidade em todo esse simbolismo, unificar o diferente, por meio do vínculo identitário alcança-se a essência da festividade. A celebração favorece a identidade (CANCLINI, 1994), reforçando os valores que por ela são construídos.

Uma celebração pode ter diversas interpretações, não há como separar o binômio festa/identidade, visto que uma depende da outra para sua afirmação, reprodução e complementação. A vida religiosa é mais densa durante o período festivo, porém a influência da festividade se estende ao longo do ano.

Algumas festas têm como resultado a fuga da realidade. No sentido em que os problemas cotidianos, as classes sociais são anuladas, no ambiente festivo todos são iguais e unidos pela fé.

As tarefas das festividades são divididas entre os participantes mostrando a organização e articulação entre eles. Cada um sabe de suas responsabilidades e qual empenho deve ter para que a festa possa acontecer.

Acima de tudo para compreender o universo de determinada celebração é necessário ter conhecimento sobre qual o santo está sendo homenageado, considerando a diversidade de cultos e crenças que existem no Brasil. Quais são os elementos que envolvem cada devoção, o grande número de santos reconhecidos e não reconhecidos pela Igreja Católica, e que implicam em questões históricas, raciais, culturais e regionais.

No caso do presente trabalho, o santo em destaque é São Benedito que apresenta uma história de vida simples, mas que fez com que muitos se identificassem e se tornassem devotos.

1.1: SÃO BENEDITO: O NEGRO INSERIDO NA RELIGIOSIDADE CATÓLICA

No território brasileiro São Benedito é venerado por um grande número de fiéis. O santo negro⁸ na maioria das vezes representado imgeticamente com o menino Jesus nos braços teve forte ligação com os escravos e com seus descendentes.

A devoção a São Benedito é muito popular no Brasil e os primeiros indícios do culto ao santo no Brasil são historicamente demonstrados por vestígios que datam entre o século XVII e século XVIII. Antes mesmo da autorização da Igreja Católica, o culto em devoção a São Benedito já acontecia principalmente nas regiões onde o número de escravos era significativa, e assim construíam suas representações (CHARTIER, 1991).

A figura 1.0 abaixo mostra São Benedito em uma de suas representações imagéticas. O uso da imagem na história é fundamental enquanto evidência história na compreensão dos processos históricos e culturais (BURKE, 2004).

⁸ A representação de São Benedito no Brasil não é encontrada somente na imagem de São Benedito com o menino Jesus nos braços, em alguns locais encontra-se o santo representado com um coração nas mãos como atributo hagiográfico, conhecido como Benedito do Rosário (das “flores” ou das “rosas”). Há também imagens que São Benedito é representado segurando pães, devido ao tempo de sua vida em que foi cozinheiro.



Figura: 1. Representação imagética de São Benedito. Fonte: Site cenáculo permanente⁹

Há relatos de devoção ao Santo no Rio de Janeiro em 1613¹⁰ e na Bahia, no ano de 1686, com a ereção canônica da Irmandade dos homens pretos. As Irmandades (SOUZA, 2009) também tiveram papel fundamental na difusão da devoção a São Benedito no Brasil. Eram espaços religiosos de sociabilidade, dedicados ao santo e os membros eram em sua grande maioria escravos negros unidos pela fé e pela condição social, possuíam respeito uns aos outros e auxiliavam nos momentos de dificuldades.

[...]Em 1613, o servo de Deus já encontrava devotos no Rio de Janeiro e, em 1623, sua imagem se achava exposta à veneração, junto à de Santo Antônio no convento franciscano da Bahia. Desde 1686, a irmandade de S. Benedito da Bahia tem os estatutos aprovados pelo arcebispo franciscano d.frei João da Madre de Deus (5). Segui-se a ereção dessa irmandade em outros conventos, datando de 1753 a aprovação dos estatutos no Recife (6). [...]

[...] Criada para gente de côr, não deixava a irmandade de receber irmãos brancos, como sócios honorários, conforme ainda hoje é praxe na irmandade sobrevivente no convento de S.Francisco da Bahia.

O santo de côr atraía os escravos, reunindo-os nas festas da irmandade e para mútua assistência social. Filho de escravos fora o santo padroeiro dos negros, invocado como confidente na dura existência de seus protegidos, servindo-lhes ao mesmo tempo como exemplo do trabalho manual santificado, segundo testemunha a imagem a representar o santo cozinheiro com o pilão, que até hoje se conserva na capela de N. S.^a do Livramento dos Homens Pardos de Ipojuca.[...]

(WILLEKE, 1956, p. 296-297).

⁹ Disponível em: <http://www.cenaculoopermanente.com/vida-dos-santos/são-benedito/>

¹⁰ Revista do Patrimônio Artístico e Nacional, nº 13, 1956, p. 296-297

Em muitos casos o culto ao santo representava uma forma encontrada pela Igreja Católica¹¹, para converter e controlar os escravos africanos e seus descendentes. Era uma tentativa de acalmar os ânimos e o desejo de revolta, estes eram contidos e limitados pela religião.

A hagiografia de São Benedito mostra um dos sentidos da identificação dos cativos com o santo. A história de vida muito se assemelha as dificuldades enfrentadas por aqueles que aqui se encontravam como escravos. Considera-se também como fator principal de identificação a cor do santo. São Benedito enquanto negro, estabelecia a ponte étnica com todos aqueles que aqui residiam, além de representar a imagem de uma pessoa comum, atraindo muitos fiéis.

São Benedito conhecido por muitos como o *Mouro* ou *santo preto* por sua cor (SOUZA, 2012), nasceu no ano de 1524, na aldeia italiana de São Fratello em Sicília, e faleceu em 4 de abril 1589, aos 65 anos. Alguns dados das diferentes narrativas¹² que existem em relação a história de vida do santo, se divergem, porém, sabe-se que possuía avós etíopes; seu pai, Cristovão Manasceri¹³, era escravo de um senhor considerado generoso para a época, e sua mãe, Diana Larcán, era uma escrava liberta (SOUZA, 2012).

Até determinado momento da vida de Benedito, sua educação foi de responsabilidade dos seus pais, os mesmos proclamavam a fé católica, transmitindo assim os ensinamentos da religião para o menino. De acordo com os relatos, São Benedito tinha uma inclinação especial para religiosidade e para o temor de Deus. As condições econômicas e sociais na infância de Benedito foram simples e difíceis. Sua família era pobre e o ambiente que cresceu foi o rebanho de ovelhas junto ao seu pai.

Quando adulto, Benedito dedicou-se ao trabalho na lavoura, ambiente em que sofria acusações hostis pelos companheiros de trabalho devido a sua cor. Diante da situação, Frei Jerônimo Lanza (líder dos eremitas franciscanos), convidou o para trabalhar junto dele no eremitério – Casa de campo de retirada. Ali Benedito exerceu diferentes funções e se dedicou

¹¹ A Igreja Católica no período colonial tinha a função de acalmar os ânimos e manter a ordem social vigente, para isso utilizou-se de estratégias religiosas na medida em que apresentava aos escravos exemplo de santos que haviam sido obedientes e tementes a lei e a Deus, com dons cristãos, os santos que mais apresentavam eficácia nesse processo eram os santos negros, pois a identificação acontecia de forma direta. O hibridismo religioso do período também representava de certa forma, resistência negra e de suas tradições, mesmo que mascaradas continuavam a existir.

¹² Em algumas narrativas, afirma-se que São Benedito era um escravo capturado no norte da África, algo que era comum ao sul da Itália, por isso conhecido também como “o mouro”, descendente de pais africanos da Etiópia.

¹³ O sobrenome do pai de Benedito foi adotado devido ao costume da época, em que o escravo devia adotar o sobrenome do dono, no caso, Vicente Manasceri.

a fé católica em tempo integral, ficou nesta congregação por volta de cinco anos (NETO, 2009).

O Papa Pio IV, em prol da unificação da ordem franciscana, ordenou aos eremitas que se juntassem a qualquer ordem religiosa. Frei Benedito foi para o mosteiro da Sicília, em Santa Maria de Jesus, era um convento dos franciscanos capuchinhos. Posteriormente foi transferido para o convento de Sant'Ana di Giuliana, por onde permaneceu 4 anos, após esse tempo retornou para o convento de Santa Maria de Jesus, onde residiu até sua morte.

A função que teve destaque foi a de cozinheiro. Segundo a tradição (SOUZA, 2012) e de histórias que se popularizaram, ocorreram supostos milagres relacionados aos alimentos. O santo se tornou conhecido como cozinheiro milagroso. Por isso até hoje as pessoas devotas colocam uma imagem de São Benedito na cozinha na busca de fartura, e até mesmo lhe oferecem uma dose de café e outros alimentos.

A caridade sempre esteve relacionada ao santo. Diferentes narrativas (ANUNCIACÃO, 2012), afirmavam que Frei Benedito escondia alimentos embaixo da roupa e distribuía aos necessitados.

Apesar de ser analfabeto, tornou-se membro superior no convento e sempre era procurado por teólogos que vinham de longe para conversar com ele. Em 4 de abril de 1589, terça-feira de Páscoa, aos 65 anos de idade São Benedito faleceu, dos quais passara 17 no Eremitério e 27 na Ordem Franciscana.

São Benedito foi canonizado no ano de 1807, pelo Papa Pio VII. Abaixo segue a oração oficial em devoção ao santo:

Oração a São Benedito

Glorioso São Benedito, grande confessor da fé, com toda a confiança venho implorar a vossa valiosa proteção. Vós, a quem Deus enriqueceu com dons celestes, consegui-mes as graças que ardentemente desejo, para maior glória de Deus.
Confortai o meu coração nos desalentos.
Fortificai minha vontade para cumprir bem os meus deveres.
Sede o meu companheiros nas horas de solidão e desconforto. Assisti-me e guiai-me na vida e na hora da minha morte, para que eu possa bendizer a Deus nesse mundo e gozá-lo na eternidade. Com Jesus Cristo, a quem tanto amastes. Assim seja, Amém.
(Fonte: Disponível em: <<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia/sao-benedito>>. Acesso em: 26 out. 2015).

O corpo de São Benedito, em 7 de maio de 1592, foi transladado pela primeira vez. Os fiéis afirmam em suas narrativas, que o corpo exalava um perfume, encontrava-se em perfeito estado de conservação, sem uso de qualquer produto químico.

Em 3 de outubro de 1611 ocorreu a segunda transferência do corpo, colocado em urna de cristal. Nos dias de hoje o cadáver continua conservado e está exposto em uma Urna Mortuária para visitação pública numa Capela lateral da Igreja de Santa Maria, em Palermo, Itália.



Figura 2. Fonte: Disponível em: <<http://santosesantadedeus.blogspot.com.br/2012/10/5-de-outubro-dia-de-sao-benedito-o-negro.html>>. Acesso 27 out. 2015.

Com o passar do tempo e do aumento da popularidade de São Benedito, firmou-se o ideal em que o santo representava a proteção de negros e pobres. Sua história de vida se assemelhava aos negros e pobres. Além de ser conhecido como protetor dos cozinheiros após exercer a função e de ter operado “possíveis” milagres na cozinha (SOUZA, 2012).

A própria história de vida do santo faz com que sua proximidade com o povo brasileiro e com a diversidade cultural seja constatado.

A experiência da devoção de escravos a São Benedito no território brasileiro possui grande significância. Submetidos à religião católica identificavam com santo negro por todos os fatores que já foram citados acima.

No momento em que aderiam a fé católica e ao culto a São Benedito, os escravos passaram a realizar cortejos, festas, procissões e representações cênicas em homenagem ao santo. Essas manifestações religiosas produzidas e exercidas pelos escravos representavam grande hibridismo cultural (CANCLINI, 1997). Junto à cultura religiosa católica os negros inseriam nos festejos religiosos elementos de sua cultura africana, algumas danças e cantorias, além do som dos tambores (BOSCHI, 1986).

Para concretizar a fé e homenagear o santo, as festas religiosas passaram a fazer parte da cultura brasileira desde o período colonial (TINHORÃO, 2000). Muitos festejos com procissões possuem seus registros.

São Benedito possui festas em sua homenagem em todo o território brasileiro. Sendo considerada uma das mais tradicionais festas religiosas do Brasil, apontando desta forma a relevância para a cultura de nosso país. É um tipo de devoção que ultrapassa as questões religiosas, adentra o universo social, cultural e político de nossa história (THOMPSON, 1998). Representando resistência e luta por parte daqueles que tinham fé que a situação mudaria.

As celebrações também evidenciam o processo de afirmação do negro na sociedade brasileira. Desde o período colonial até a atualidade, é simbólica a forma em que os negros são vistos nesses momentos, despojados de seu passado de dor e dos preconceitos que ainda existem na contemporaneidade.

Em muitas cidades do Brasil, como por exemplo, Machado (MG), Cuiabá (MT) dentre outras, há festividades em homenagem a São Benedito que iniciaram no período colonial. Essas tradições permanecem até os dias atuais, mostrando a reverência e a resistência da devoção ao santo negro. Inicialmente sua devoção era mais forte em regiões onde houve um grande número de escravos e posteriormente foi se espalhando por todo o país. Tornando-se desta forma um santo popular.

Tal como São Benedito, outros santos tiveram função de acalmar os ânimos dos escravos durante o século XVIII. Também intermediavam a relação entre brancos e negros pela identificação étnica dos últimos, sendo eles: Nossa Senhora do Rosário e Santa Ifigênia, ambas as santas também são negras.

O hino à São Benedito expõe a questão social e racial em que a devoção ao santo está inserida.

HINO A SÃO BENEDITO

Vimos celebrar a festa dos pobres com alegria, dos negros da irmandade, do povo da romaria. O santo que era humilde nos leva a oração, com danças e com folia, com cantos de louvação.

Salve São Benedito, o santo Padroeiro! Viva São Benedito, o santo cozinheiro! (bis)
Vimos celebrar a festa dos irmãos desamparados, que o santo socorria como seus irmãos amados. Piedoso São Benedito, escuta nossa oração, no ritmo da congada, canta o nosso coração.

Vimos celebrar a festa com bandeira e estandarte, quem ama São Benedito sabe festejar com arte. Benedito, Bene, Bento, da congada e da folia: oi quem quiser ser santo, tem que ter muita alegria.

(Pe. Geraldo C. da Silva e Pe. Joãozinho, scj.CD Santos do Povo - Paulinas COMEP. Fonte: Disponível em: <<http://santosintactos.blogspot.com.br/>> Acesso: 29 out. 2015)

1.2: POÇOS DE CALDAS: UMA CIDADE E SUA HISTÓRIA

Para compreender a história da celebração em homenagem a São Benedito em Poços de Caldas, é indispensável ter conhecimento sobre alguns aspectos da história da cidade. Por isso, torna-se necessário entender o berço da festa, as relações sociais e culturais com a sociedade local desde o início e as mudanças que aconteceram ao passar do tempo.

Poços de Caldas é uma cidade situada no sul de Minas Gerais. Conhecida por seu visual montanhoso, repleta de belezas naturais e por suas águas termais. Nos dias atuais ainda atrai milhares de turistas que desejam se banhar nas águas ou simplesmente aproveitar o ar puro proporcionado pelas montanhas.

Sua história começou a ser traçada a partir de registros do século XIX. Estes já mostravam a importância das águas e como as pessoas se maravilhavam com ela naquela época (MOURÃO, 1938).

O mapa ferroviário de 1913 (Figura 3) mostra as ferrovias brasileiras no início de século XX. Naquele momento a cidade ainda possuía um ramal na Cia Mogiana ou “Mogyana”.

O ramal foi inaugurado em 1886, tendo como principal função o transporte de mercadorias vindas tanto de Poços de Caldas, como de São João da Boa Vista. Porém, o ramal apresentava muitos problemas e o trem destinado a passageiros era suspenso de tempos em tempos. A estação localizada em Poços de Caldas foi aberta com o nome de Caldas, em 1886.

A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro foi uma companhia ferroviária criada em 1872, com sede em Campinas. Sua construção está relacionada a expansão do café e conseqüentemente na necessidade de transportar o produto. A Companhia teve quase dois mil quilômetros de linhas, ligava os estados de São Paulo e Minas Gerais até 1971, quando foi incorporada à Fepasa.

O mapa foi escolhido para mostrar a localização da cidade por ser um documento histórico rico em detalhes. Principalmente no que diz respeito aos limites territoriais das cidades da região em questão no início do século XX.

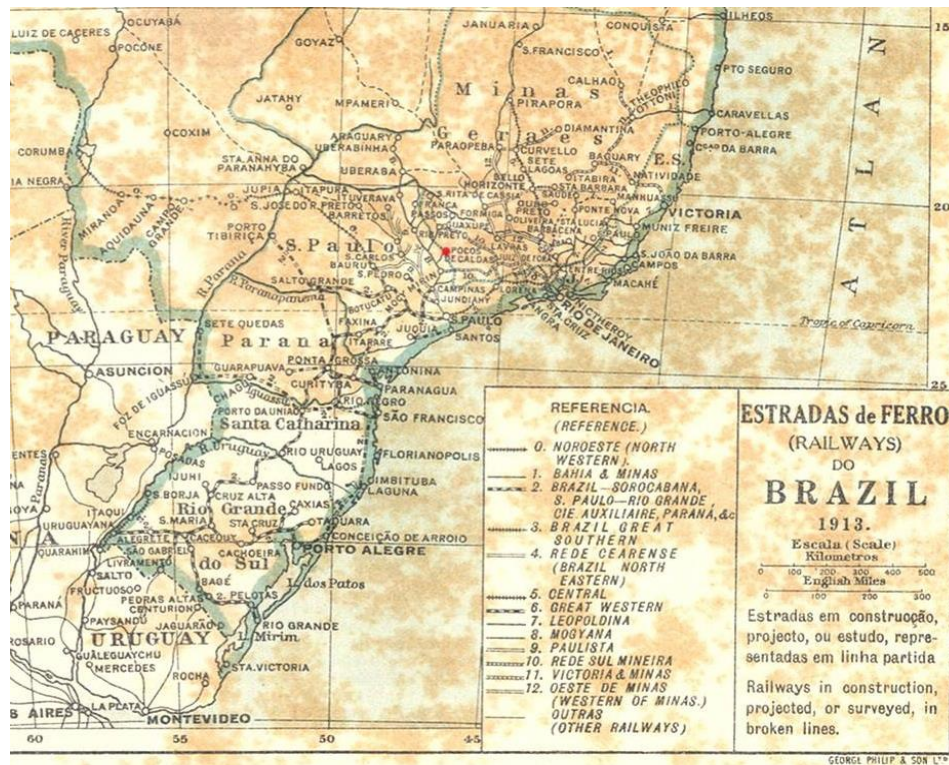


Figura 3. Trecho do Mapa Ferroviário do Brasil de 1913, o ponto vermelho localiza a cidade de Poços de Caldas.
 Fonte: Disponível em < <http://www.memoriadepocos.com.br>> Acesso 26 out. 2015.

Segundo os documentos históricos¹⁴, os poços de água foram descobertos por caçadores que em suas excursões localizaram as fontes de água (conhecidas como bebedouros ou *barreiros*) (MOURÃO, 1938). Há relatos também de que no tempo da seca, as fontes formavam poços. Eles ajudavam a matar a sede do gado, além de possuir propriedades benéficas da água¹⁵, devido sua composição termal.

As terras da região já possuíam um proprietário no final do século XVIII, José Bernardes Junqueira. Logo após a sua morte, as terras passaram a pertencer ao seu sobrinho, Pedro Junqueira. Sendo desapropriadas e tornadas domínio público pelo Senador Joaquim Floriano Godoy, presidente da província de Minas Gerais (11-7-1872 a 15-1-1873). O então dono das terras, Pedro Junqueira, não hesitou e doou 96 hectares para a fundação do município. O decreto tem data de 6 de novembro de 1872, data esta que a cidade comemora seu aniversário (MOURÃO, 1938).

¹⁴ Os documentos históricos que tratam sobre a origem da cidade foram consultados no Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas, assim como na Biblioteca Municipal da cidade.

¹⁵ A natureza da água é alcalina, sulfídrica, hipertermal. Tendo ação antiácida, calcicistocinética, colérica fraca, laxante intestinal, desintoxicante, estimula a formação da bÍlis, excita o intestino. Indicada para: gastrites, úlceras, gastroduodenais, prisão de ventre, dentre outras. A água termal pode ser encontrada em várias fontes espalhadas pela cidade.

No início a Freguesia de Nossa Senhora da Saúde dos Poços de Caldas como a cidade chamava-se, era vinculada a cidade de Caldas, localizada ao lado. No ano de 1888 conquistou sua desvinculação política, com a criação da Lei nº 3.659 (Lei nº 3.659/1888, AALMG), passando a ser conhecida como Vila de Poços de Caldas.

Com a elevação à categoria de vila, os seus moradores poderiam delimitar suas fronteiras geográficas, constituir Câmara dos Vereadores, ter o direito de cobrar e receber impostos, e estabelecer seus próprios códigos de posturas e leis municipais. Deste modo, essa lei determinava o início da fundação do município. (OLIVEIRA, 2012, p.20)

Poços de Caldas desenvolveu-se contemporânea a momentos históricos relevantes na história de nosso país. Como a abolição da escravidão e com o início da chegada de imigrantes, configurava-se um novo quadro social no país. Tais episódios refletiram diretamente na constituição da cidade, inserida neste contexto histórico do país, iniciando-se na cultura do café atraindo pessoas para trabalharem na região.

Os documentos (MOURÃO, 1938) revelam que já no início do século XIX as fontes de águas termais já eram conhecidas e que a famosa fazenda Barreiro onde a festa de São Benedito aconteceria pela primeira vez, foi fundada também neste período.

[...] mas a eficácia das nossas águas quentes das nossas águas quentes na cura do reumatismo era conhecida muito antes de 1815, porque foi naquela época que o avô do Coronel Agostinho, o Capitão Joaquim Bernardes da Costa, mudou-se de Conceição do Rio Verde, vindo para aqui, onde requereu várias sesmarias e fundou a Fazenda do Barreiro, ainda hoje o feudo da importante Família Junqueira. (MOURÃO, 1938, p.21)

O pequeno povoado que estava surgindo veio a ser habitado por grupos de garimpeiros. Eles estavam descontentes com o declínio da produção aurífera em Minas, no final do século XIX. A atividade já apresentava uma baixa considerável, passaram então, a exercer um novo trabalho: a criação de gado. Esta que estimulava a busca por novos pastos e desta forma a conquista e expansão de novos territórios.

Destaca-se a conjectura sócio-econômica do município no momento em que os ex-garimpeiros chegaram. Ao considerar o grande número de negros e mestiços que compunham a mão de obra em todo o estado de Minas Gerais, é pertinente pressupor que a migração dos ex-garimpeiros para a cidade de Poços de Caldas abarca um fluxo de negros e mestiços para o local. E que ali se fixaram, somando na composição étnica e cultural da cidade.

O motivo maior que atraía as pessoas para a região, eram as águas termais (MEGALE, 1990). Acreditava-se no poder de cura para as diversas doenças do período e já no século XIX, estabeleciam os locais (SOUZA, 1936) apropriados para banhos mesmo que o povoado estava dando seus primeiros passos.

O primeiro estabelecimento thermal de Poços de Caldas foi inaugurado em 8 de abril de 1886 pelo Dr. José de Carvalho Tolentino, que o mandou construir sobre alicerces que em 1883 fizera levantar o coronel Agostinho Junqueira, agindo ambos pela Empresa cujos interesses alternativamente geriram. Achava-se situado à margem esquerda do Ribeirão de Caldas, cerca de 20 metros abaixo do grupo hidro-mineral de Pedro Botelho (SOUZA, 1936, p.38)

No ano de 1888, a pequena cidade em surgimento já apresentava algumas construções e fazendas que completavam a paisagem da região. Havia também balneários e alguns hotéis para os viajantes que vinham pela água ou aqueles que só estavam de passagem na localidade (LEMOS, 1884) . Documentos históricos do acervo do Museu Histórico e Geográfico da cidade mostram pequenos investimentos do governo do estado na cidade a partir da década de 70 do mesmo século. O povoado começava a apresentar pequenas mudanças e já havia famílias que habitavam no local.

Em torno desse crescimento e dos interesses políticos locais, muitas alianças eram feitas. Predominavam as relações entre os coronéis, constituía-se um processo *político* que teve sempre como pano de fundo as águas termais e suas potencialidades. Existia também muitos saberes simbólicos ao redor do poder de cura das águas milagrosa (MEGALE, 1990).

O povoado nasceu, e com ele o objetivo de construir balneários. Era um interesse em comum dos proprietários de terras, o poder estatal e os médicos. Os últimos passaram a residir na cidade para estudar as propriedades das águas, entrelaçando assim, o ambiente público e privado (MARRAS, 2004).

Neste contexto a cidade foi crescendo e se transformou em um destino para os turistas da época.

A cidade já estava se tornando conhecida no final do século XIX e possuía já cerca de 100 casas. Um fato que marcou a história do município foi a visita ilustre do então imperador do Brasil D. Pedro II¹⁶, em outubro de 1886 no final do segundo império. Acompanhado da Imperatriz D. Tereza Cristina e comitiva, o então imperador veio para o evento de inauguração do Ramal de Caldas da Estrada de Ferro Mogyana. Muitos preparativos foram

¹⁶ D. Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, brasileiro, carioca, reinou até a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889.

feitos para receber o imperador, assim como muito se gastava para que as viagens do imperador ocorressem da forma desejada.

Gastava-se muito dinheiro nessas ocasiões. Costumavam-se construir palanques, decorar toda a cidade, assim como se comunicava com antecedência a roupa apropriada para as recepções. D. Pedro II conheceu as milagrosas águas termais de Poços de Caldas em 1861, e em 1865 passou por Juiz de Fora. As viagens da família imperial geravam tal comoção que, muitas vezes, as cidades se preparavam mesmo antes da formalização da visita. (SCHWARCZ, 1998, p.536).

Ao adentrar o universo histórico da cidade nota-se que as atividades econômicas desenvolvidas no Sul de Minas no período diferenciavam-se um pouco do resto da província. Por não haver polos fortes de mineração na região, o número de escravos e ex-escravos eram diferentes do resto do estado. Concentrava-se apenas o chamado escravo doméstico, o qual as atividades eram pautadas no trabalho doméstico e rural em detrimento das fazendas que já existiam na região (MEGALE, 1990).

Os ex- escravos domésticos, que residiam em Poços de Caldas, eram em número menor, comparado as famílias dos fazendeiros e dos colonos. O trabalho dos ex-escravos foi aos poucos sendo substituído por imigrantes italianos que se dedicaram a cultura do café na região. Atividade favorecida pela construção da estrada de ferro da Companhia Mogiana, que garantia o escoamento da produção e o retorno financeiro.

A vinda de italianos para a cidade pode ter contribuído para emoldurar o perfil da população da cidade que estava dando os primeiros passos. Estabelecendo desta forma um trânsito cultural entre os moradores locais, italianos e ex-escravos (MARRAS, 2004).

No final do século XIX, a cidade apresentava aspectos urbanos que estavam se desenvolvendo, como a construção de órgãos públicos, hospitais e demonstrava um crescimento populacional contabilizado na obra de Dr. Mário Mourão (1938).

Em 1891, isto é há 29 passados, Poços de Caldas contava com 282 casas, com 2.000 habitantes; em 1903 havia 615 prédios e 4.000 habitantes.

Como se vê, nenhum desenvolvimento teve a Cidade nesse período de 12 anos, apesar de estar inaugurado nessa época o treco da Mogiana, que liga a Cidade ao Rio de Janeiro, via Estado de S. Paulo. Daí para cá, porém, acentuou-se o seu movimento evolutivo. Assim é que, em janeiro do corrente ano, foram coletados pelo Município 1.600 prédios excluindo os próprios municipais, os da Companhia de Melhoramentos e os da Santa Casa da Misericórdia, sendo avaliada a sua população na soma aproximada de 10.000 habitantes.

A população advéncia varia entre 7 a 8 mil habitantes, nas duas épocas de estação balneária de vereiro a abril, e de setembro a novembro.

(MOURÃO, 1938, p. 307)

Dr. Mário Mourão, em obra intitulada “*Poços de Caldas - Synthese Historica e Crenologica*” (1938), ressaltou diferentes aspectos do surgimento da cidade, da vida social e cultural, da vida religiosa e política. É considerada umas das principais fontes históricas do período para se ter acesso aos fatos e dados da história da cidade.

Em 1909, Poços de Caldas era uma cidade que ainda não tinha entrado na casa dos 40 anos, tendo apenas 37 ou 38 anos de existência, atualmente está com 78 anos. Isto na vida de uma cidade nada representa. Basta dizer que em 1909, a renda da Prefeitura não atingia 200 contos, possuindo então 400 casas e os habitantes urbanos não iam além de 6 a 7 mil.

No entanto, o recenseamento de Poços de Caldas em 1950 dá oficialmente 26 mil habitantes, com 3.400 prédios urbanos, havendo 203 fechados, o que nos faz crer que a atual população de Poços de Caldas é de 30 mil habitantes.

A renda da Prefeitura é de perto de 6 milhões de cruzeiros e a renda da Coletoria Estadual nos coloca em terceiro ou quarto lugar no Estado. (MOURÃO, 1938, p. 292)

A obra de Mourão é rica em detalhes, enquanto fonte histórica possibilitou construir uma visão de como era a sociedade da época, como as pessoas agiam e se comportavam. Qual a rotina que os moradores tinham, os padrões e hierarquias da época, a vida cultural que a alta sociedade possuía no período. Destaca-se que a cidade estruturava-se na tradição rural dos coronéis proprietários de terras e fazendas, seus colonos e ex-escravos, e os imigrantes vindos da Itália.

A cidade de Poços de Caldas constitui-se de uma sociedade seleta e distinta. O povo, mesmo nas classes humildes, é naturalmente amante da ordem, afável, prestativo e hospitaleiro, e na sua convivência encontra por isso um certo prazer o comum dos excursionistas.

A sociedade culta, formada dos funcionários municipais, estaduais e federais, proventos advogados, médicos, peritos na sua profissão, comerciantes, lavradores e enfim representantes de todas as classes, oferece um aspecto de distinção raramente encontrado em cidades do interior. Pontos de palestras, bailes, reuniões, passeios, jogos esportivos contribuem para relacionar os banhistas com a população local, nada deixando a desejar a elegância dos rapazes e a formosura e gosto do belo sexo, que dão a vida social de Poços particular encanto e irresistível sedução.

Conta além disso, a Cidade duas excelentes bandas de música, cujas “retretas” nos domingos e dias festivos são muito apreciadas, concorridas e aplaudidas. (MOURÃO, 1938, p.309)

A vida cultural da cidade girava em torno dos turistas que ali passavam, por suas águas, e posteriormente pelos jogos na década de 20 do século XX. Devido a primeira guerra os turistas mais ricos não podiam viajar para fora do país, por conta das incertezas e inseguranças. Neste contexto Poços de Caldas se tornou um dos destinos mais conhecidos

para turismo do interior do país. Posteriormente até Getúlio Vargas¹⁷ teria seus momentos de glória e diversão na cidade, possuindo uma suíte própria em um luxuoso hotel da cidade.

1.3 A VIDA RELIGIOSA NA CIDADE: FESTA DE SÃO BENEDITO

Desde o seu surgimento Poços de Caldas apresentava indícios de fé e devoção por parte dos moradores locais. Relatos do período mostram a preocupação para que a pequena cidade que estava nascendo tivesse espaços adequados e direcionados a adoração (MOURÃO, 1938).

Porém, como na maioria das cidades mineiras os oratórios¹⁸ particulares tiveram destaque no período inicial, na falta de capelas eles exerciam uma função religiosa fundamental.

A data oficial de fundação da cidade é do ano de 1872. Fontes históricas afirmam que até o ano de 1880 a cidade contava com apenas uma pequena capelinha e com um pequeno oratório que continha um esboço de imagem. Em relação às outras cidades da região nesse ano Poços era considerada inferior no aspecto religioso.

O ano de 1881 foi significativo na vida religiosa da cidade, pois a primeira capela considerada “apresentável” foi construída. A capela do Senhor Bom Jesus localizada até os dias atuais na Rua São Paulo, região central da cidade. Com a ausência de um padre local, quem se responsabilizava pelos atos religiosos eram os fiéis que se dedicavam nas celebrações, e até mesmo na assistência com os mortos. Apesar de a capela ser pequena, ela conseguia satisfazer as necessidades religiosas da cidade em crescimento. Em alguns momentos padres que estavam viajando passavam pela cidade e celebravam missas na capelinha (MOURÃO, 1938)

A igreja continuou a ser a do Senhor Bom Jesus, muito apertadinha, servindo no entanto para o culto aliás muito restrito, e só em 1909, é que foi erigido uma capelinha para S. Benedito, sendo que a primitiva Matriz só foi edificada depois de 1910, tendo sido construídas tanto a Matriz como a capelinha de S. Benedito, no local do velho cemitério, onde é hoje a Basílica de Nossa Senhora da Saúde. (MOURÃO, 1938, p. 285)

¹⁷ Disponível em: <<http://www.memoriadepocos.com.br/2011/01/o-diario-de-getulio.html>> Acesso em: Novembro de 2015.

¹⁸ Os oratórios domésticos no período em questão foram essenciais para o exercício de fé já que não havia igrejas nesta época na cidade, sendo tal situação vivenciada em várias localidades de Minas Gerais. Ver: BOSI, Alfredo. Colônia, Culto e Cultura. In: *Dialética da Colonização*. Companhia das letras, 1992.

A primeira procissão realizada no município foi no ano de 1885, em que homens e mulheres caminhavam de chapéus embaixo do sol, rezando terços, dando vivas aos coronéis da cidade, junto a imagem do Bom Jesus (MOURÃO, 1938).

A devoção em Poços de Caldas iria mudar quando São Benedito começasse a se tornar mais conhecido entre os fiéis, o que não demorou a acontecer.

O motivo da aproximação com o santo negro se deu com a chegada de um ex-escravo na cidade de Poços de Caldas. A chegada do ex-escravo influenciou no quadro cultural religioso da cidade, apresentando ampliações e mudanças no final do século XIX, transformando o quadro de devoção à São Benedito na cidade (MEGALE, 1990).

Seu nome era Herculano Cintra¹⁹, conhecido na época como Tio Herculano, veio de uma localidade mineira próxima chamada Amparo, tida como cidade hospitaleira pela fama de acolher viajantes que lá se acomodavam desde seu início, no século XIX.

Na obra de Mário Mourão, Tio Herculano é definido como:

... um pretinho velho, bem educado, de boas maneiras, Herculano Cintra, trazendo consigo um pequeno capital. Comprou uma chácara na rua Sergipe, então ainda não existente, tendo trazido de Amparo uma expressiva imagem de São Benedito, que guardava em vasto oratório na sua residência, sempre com uma lâmpada acesa. (MOURÃO, Mário. 1938, p. 349)

A vinda de Tio Herculano na localidade representa uma grande transformação na religiosidade da cidade, pois com ele chegou a primeira imagem de São Benedito, sendo acolhida pela população local.

Devido a época em que tudo aconteceu, aos progressos e ao crescimento do município, muitas transformações e avanços foram atribuídas a São Benedito pela sociedade do período, tidas como bênçãos do santo. Desde então, o santo negro passou a ter um significado simbólico e importante para cidade, considerado o padroeiro não oficial do local. “Coincidência interessante é a influência de São Benedito, no desenvolvimento da nova povoação.” (MOURÃO, 1938, p.349).

A relação das pessoas com São Benedito no Brasil, ultrapassava questões de cunho religioso, a identificação era profunda e complexa, relacionada a cor, a resistência, a cultura e a própria história de vida do santo, mesclando as esferas da sociedade.

¹⁹ Ver ANUNCIAÇÃO, Ana Paula. “Será o Benedito” A Festa de São Benedito em Poços de Caldas/MG entre memória e identidades (XIX/XXI) Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

Para Tio Herculano não seria diferente, enquanto ex-escravo, a identificação com o santo negro era algo acima da religião. Também era uma identificação racial, comum entre os negros da época e até os dias atuais. Sob essa devoção/identificação trouxe para Poços de Caldas uma imagem que havia adquirido na cidade de Amparo. O intuito era cumprir a promessa que havia feito de que construiria uma capela em homenagem ao Santo.

Com sua fé e sua promessa devocional, Tio Herculano no ano de 1902, pediu autorização ao poder local da época, para construir uma capela em homenagem a São Benedito na cidade. Nessa ocasião conseguiu auxílio de D. Herculana Mourão, que era mãe do Doutor Mário Mourão, se uniram em prol da nova capela. Com o apoio de vários fiéis e seus esforços, conseguiram construir a primeira capela em homenagem ao santo. O local na qual seria destinado à construção da capela era de posse de João Sabino, e anteriormente havia sido um cemitério.

E após conseguir uma quantia significativa na primeira festa de São Benedito, que ajudaria na construção da pequena capela, Herculano Cintra, com ajuda de fiéis e amigos iniciou a construção da igreja.

Começaram uns negros, guiados por Herculano de tal (Cintra), construir uma capela no lugar denominado Macaco, onde se achou o antigo cemitério da vila. Começaram e acabaram em 1905” (Livro do Tombo da Paróquia de Poços de Caldas, folha 22).

Em 1905, com sobra de uma festa de S. Benedito na importância de 1:000\$000, no lugar chamado Macacos, hoje praça Izabel, antigamente praça do cemitério Velho, Herculano Freitas começou a construir a capela de S. Benedito que foi benta pelo então Vigário P. e José Armani, a 7 de maio de 1905. (OTTONI, 1960, p.195)

A região em que a capela foi construída era pouco povoada por estar próxima de regiões alagadas, repletas de pântanos e sujeitas a muitas inundações. Para a construção da capela a área foi desapropriada pela Câmara Municipal e foi doada para Tio Herculano. Após essa ação da Câmara, o *Bairro dos Macacos* começou a surgir, porém a região só seria devidamente povoada a partir de 1920 (MEGALE, 1990).

O nome da região (*Bairro dos Macacos*) onde a pequena igreja de São Benedito foi construída justifica-se pela presença de um aglomerado de negros oriundos de outras regiões. Eles se uniram e formaram essa pequena comunidade, conhecida na época como *Botafogo*. A construção do santuário foi de frente para a atual Rua Rio Grande do Sul.

Em entrevista realizada no ano de 2012, com o jornalista da cidade Roberto Tereziano, pelo viés da história oral foi possível ter contato com aspectos históricos importantes omitidos

por documentos escritos. Segundo o jornalista, os relatos²⁰ desse período afirmam que os negros do local eram chamados pejorativamente de macacos. E o apelido, altamente ultrajante, daria o nome de origem a atual *Praça dos Macacos*, localizada atualmente no centro da cidade.

A devoção a São Benedito era comum entre os negros do reduto, e logo que a capela surgiu eles passaram a frequentá-la. Os membros do pequeno templo eram em sua maioria negros.

Os primeiros documentos históricos que falam sobre a construção da igreja e sobre a festividade em homenagem ao santo encontram-se hoje no Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas e são datados entre 1903 e 1907. Tais fontes históricas, alegam a construção da capela no ano de 1905, sendo finalizada e tendo realização de cultos oficiais por volta do ano de 1907 (MOURÃO, 1938).

O pequeno templo exibia em suas características humildade arquitetônica, sem grandes ornamentos, seus membros eram ex-escravos que haviam pertencido as famílias tradicionais. A primeira imagem de São Benedito foi a que Tio Herculano havia trazido de Amparo.

Na virada do século XIX para o século XX, a pequenina igreja já se destacava pela devoção e pelo aumento do número de fiéis. Relatos do período atestam que a presença dos negros naquela região passou a incomodar, pois a cidade começou a crescer para o lado pantanoso da capela (MOURÃO, 1938).

Nesse ambiente de crescimento urbano, a cidade começou a crescer em direção a igreja de São Benedito. O número de fiéis negros e os antigos moradores da região se transformaram em um incômodo para a sociedade. O santuário também havia se tornado pequeno, em vista do crescimento do número de membros. Para resolver essa situação equívoca, iniciou-se a construção da primeira basílica²¹ da cidade. Ela foi erguida de costas para a pequenina igreja de São Benedito. O humilde santuário se viu obrigado a buscar um novo local para se estabelecer, pois o antigo lugar estava sendo ocupado pela construção da Basílica.

²⁰ O jornalista afirma que os relatos são as histórias da época, que os mais velhos foram contando e assim foram sendo transmitidas. Algumas narrativas utilizadas no presente trabalho, são pautadas na entrevista com o jornalista, estão inseridas na História Oral e sua metodologia, e fazem parte do processo de construção da memória. É importante destacar que o jornalista não viveu no tempo da festa, mas suas pesquisas ao longo de sua vida, assim como as pessoas que teve contato, auxiliou para que construísse um conhecimento acerca da celebração.

²¹ Nossa Senhora da Saúde.

Muitas correntes de pensamentos podem ter fundamentado as atitudes que influenciaram na mudança da pequena capela de São Benedito de ambiente. Considerando isso, fez-se necessário abrir um parêntese para debater essas possíveis ideias que podem ter ligações com a questão.

A partir do final do século XIX, o Brasil passou a ter um núcleo de pessoas que iniciaram a produção científica. Uma elite intelectual brasileira que pautou seus estudos na compreensão de como nossa sociedade se organizava. Tais estudos tinham influência de um viés racional positivista para analisar a população (DIWAN, 2007).

As teorias raciais ligadas ao determinismo biológico eugenista, elucidavam o modelo ideal de identidade que o homem brasileiro (VIANNA, 1973) deveria ter. Associava a esta questão todos os problemas que nosso país passava. Pois neste momento ocorriam muitas transformações relacionadas ao final da escravidão e a virada do século rumo à modernidade.

Para Oliveira Vianna (1973), a miscigenação presente em nosso país era considerada um retrocesso, nem o negro e nem o índio representavam um aspecto positivo para a população. O autor foi um dos principais ideólogos da eugenia racial no Brasil, escreveu obras que falavam sobre “os tipos” de brasileiros encontrados em todo território nacional.

É importante salientar, que, nesta mesma época, no início do século XX, ideologias vigentes na Europa tidas como eugenistas e higienistas comandavam ações políticas e sociais, na medida em que organizavam cidades, bairros e aglomerados de pessoas. Estas ideias chegaram ao Brasil na virada do século XIX/XX. Visto como medicina social, esse pensamento preocupava-se com uma limpeza da raça, a noção de medicina ultrapassava os saberes médicos, estendia-se no controle da pobreza, das cidades, das famílias e era visto como verdade. “Tratava-se de trazer uma nova racionalidade científica para os abarrotados centros urbanos, implementar projetos de cunho eugênico que pretendiam eliminar a doença, separar a loucura e a pobreza.” (SCHWARCZ, 1993, p.34).

Diante da urbanização no início do século XX, a medicina se preocupava higienizar o estilo de vida da população, dos aglomerados urbanos, inclusive na sexualidade da população, na reprodução e na continuidade da raça. Desta forma surge um racismo do estado mascarado em forma de “purificar a população” (DIWAN, 2007).

O pensamento racial inserido no Brasil, a partir de um mito de superioridade inata da raça branca, funcionou como um instrumento conservador na definição da identidade nacional e no reforço às hierarquias sociais. Sob este prisma, as questões sociopolíticas, econômicas e os comportamentos humanos foram reduzidos a fatores biológicos. Os mecanismos de poder têm aqui como central o poder sobre a vida. O perfil do Brasil como um país fortemente marcado pela questão racial e pela sexualidade colocava em foco para estes cientistas a urgência de pensar políticas

eugênicas no sentido de retirar a população do processo de degeneração. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 7).

Alguns nomes tiveram destaque em propagar tais ideais. Renato Kehl (DIWAN, 2007) foi um dos principais divulgadores e defensores das teorias eugenistas. Fazia parte do movimento eugênico brasileiro. Defendia a limpeza da sociedade de características consideradas imperfeitas. Na maioria dos casos as características estavam relacionadas as pessoas negras. Observavam-se os mínimos detalhes, como formato da orelha, nariz, boca, olhos. Sob essa perspectiva os seres humanos eram vistos como fruto de uma criação diferente, e a miscigenação era um fato de degeneração racial.

O debate eugenista no Brasil era de caráter social do que sociobiológico. Mascarava o verdadeiro cunho, que eram as ideologias raciais. Essas teorias ganhavam espaço em um país pós-escravidão, que possuía um contingente enorme de negros, mestiços ampliando a pobreza e mudando o cenário nacional.

Nesta época preocupava-se com a identidade nacional e com o perfil das pessoas que iriam compor essa nacionalidade. O progresso da nação só viria através da purificação da raça.

(...) a necessidade da educação popular nas questões de higiene, de hereditariedade, tornando geral o interesse público pelas medidas de defesa e de proteção da sociedade dentro do programa eugênico do fomento da paternidade digna, do impedimento a procriação dos defeituosos e tarados, da luta contra os fatores de abastardamento de todo gênero. (KEHL, 1935, p.46)

A ideologia Higienista, existente nessa época, defendia uma limpeza da sociedade. Impunha novos hábitos para o estilo de vida. Além da retirada de padrões que iam contra uma noção de raça pura. Afirmavam que nossa miscigenação racial, era a razão de uma suposta inferioridade racial, sob influência do movimento eugenista. Em alguns casos utilizava-se o termo higiene social.

Retornando ao contexto histórico da capela de São Benedito na cidade de Poços de Caldas. Nota-se que os acontecimentos são contemporâneos as teorias debatidas acima, e que possivelmente refletiram na decisão de mudar a pequena igreja de lugar.

O centro da cidade estava expandindo em direção a região do templo. A presença dos negros na região passou a ser visto como um incômodo ao desenvolvimento do local, assim como um atraso ao progresso social que estava chegando.

Neste âmbito, iniciou-se a construção da basílica da cidade no mesmo terreno da capela de São Benedito. A basílica foi construída de costas para a capelinha que se viu

obrigada a mudar de local. O que teria motivado a construção da Basílica de costas para o templo?

Alguns relatos também afirmam que ocorreram brigas entre os negros e a sociedade branca católica por volta de 1910 e 1911. A situação desconfortável fez com que os membros ativos da pequena igreja mudassem de local. Tal fato justificou-se diante da difícil situação de disputas, as atividades religiosas da capela que não estavam acontecendo.

Na imagem abaixo (Figura 4.0), constata-se a Festa de São Benedito e a pequena capela de costas para a construção da basílica. Uma observação mais atenta, é possível ver a oposição entre as duas igrejas.



Figura 4. Construção da Igreja Matriz de costas para a capela de São Benedito. Fonte: Acervo documental Roberto Tereziano, sem informação de fotógrafo e ano da imagem.

A mudança de local do templo foi para um lugar completamente afastado na época. O novo ambiente não havia urbanização. Compreende-se como a possibilidade de um processo de higienização, muito comum na virada do século XIX/XX. Devido à influência das teorias, ocorreram situações parecidas em outras cidades do Brasil. Neste caso os negros devotos de São Benedito tiveram de ir exercer sua fé afastada da região central do pequeno povoado.

A possibilidade de um atrito nas relações sociais da época em vista dos dados analisados não generaliza as relações sociais em sua amplitude. Poderia existir uma convivência pacífica, em casos entre ex-escravos e seus ex-proprietários. Porém há de se

atentar para toda a diversidade de relações e complexidades que a virada do século e todas as suas transformações ocasionavam.

A transferência da capela também serviu para que se construísse uma igreja maior em vista da anterior. O número de membros crescia a cada ano e por mais que a pequena capela tivesse sido construída em uma região afastada, a cidade continuou a crescer e inevitavelmente cresceu em direção a Igreja de São Benedito. Sendo essa novamente incorporada à cidade com o passar dos anos.

O local que a nova igreja seria construída foi doação do Coronel Agostinho Junqueira, também devoto de São Benedito. O terreno de uma quadra, localizado no alto do morro conhecido como Itororó, foi doado em agradecimento a uma possível benção alcançada. A nova região ainda não era urbanizada e nem apresentava grande povoamento, era um morro de pedras afastado. Hoje o local possui o nome do Santo e é localizado entre as ruas Rio de Janeiro e São Paulo, centro da cidade (MOURÃO, 1938).

A pedra de fundação da nova capela foi lançada dia 13 de maio de 1925, com cerimônia realizada pelo então pároco, Padre Dr. Eduardo Batista. Em nome da sociedade local Dr. Mário Mourão, falou também representando da Irmandade de São Benedito que havia sido fundada no ano de 1914 com ajuda de fundos arrecadados na celebração (MOURÃO, 1938).



Figura 5. Capela de São Benedito Década de 50. Fonte: Acervo Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas

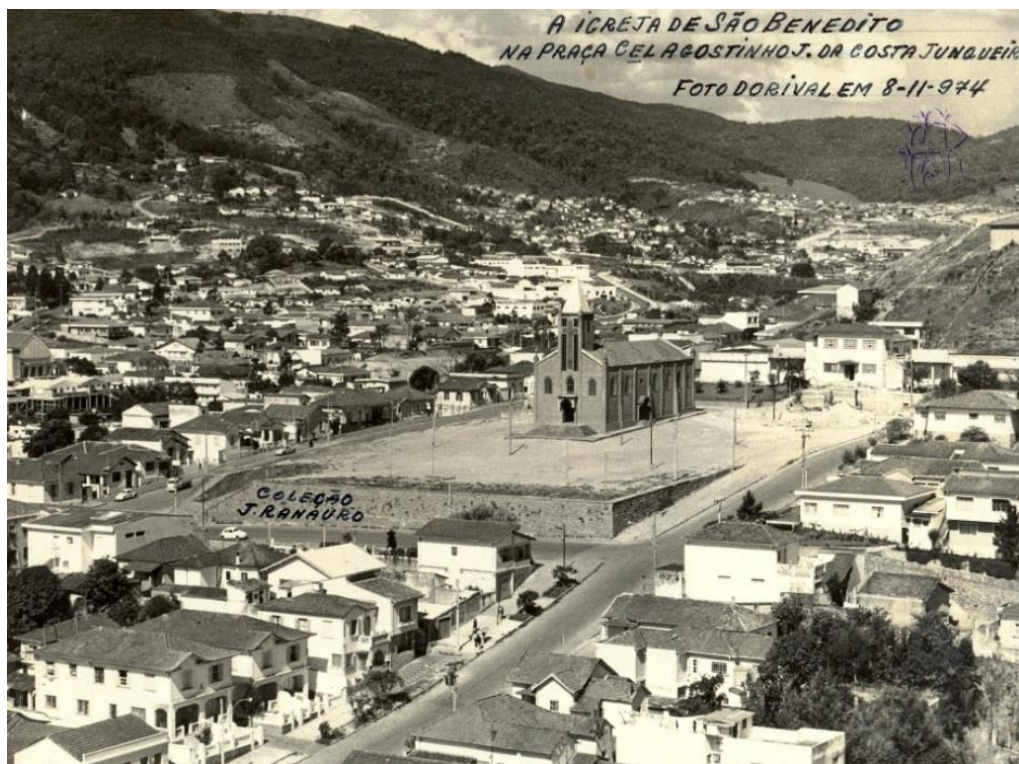


Figura 6. Imagem da capela de São Benedito, 1974. Acervo Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas

1.3.1 Festa de São Benedito

Uma festa é motivo de alegria, de união, de sociabilidade e de responsabilidades. Quem frequenta a festa de São Benedito atualmente muitas vezes não conhece a teia histórica de elementos que auxiliaram na construção da celebração. Composta por uma variedade de pessoas, a qual cada um na sua condição foi vivenciando momentos importantes. Para que assim, a festa viesse a existir e permanecesse no seio da cidade mineira.

Muitos são os relatos que contam a história da Festa de São Benedito em Poços de Caldas, alguns foram transmitidos somente pela história oral, outros possuem documentos escritos que facilitam a pesquisa histórica e a análise de fontes.

A história da Festa de São Benedito está entrelaçada com a história da construção da capela. Os dados se complementam para traçar o contexto histórico de devoção ao santo negro na cidade. De acordo com a história oral (ALBERTI, V., FERNANDES, TM, e FERREIRA, 2000) que foi transmitida durante gerações, a primeira festividade em homenagem a São Benedito na cidade, ocorria antes mesmo que houvesse uma capela em devoção ao santo.

No início da festividade, segundo relatos e fontes históricas, a festa não acontecia com o intuito de celebrar somente a devoção a São Benedito. Sucedia em comemoração ao aniversário do Coronel Agostinho José da Costa Junqueira. Uma das principais

personalidades da época, tido como um dos fundadores do município e com grande função política no período. Depoimentos²² do período afirmam que o Coronel dedicou parte de sua vida em prol do desenvolvimento da cidade.

Acontecia desta forma uma comemoração de aniversário na *Fazenda Barreiro* de posse do coronel, onde amigos e ex-escravos que ainda agregavam-se as famílias que haviam pertencido, celebravam com quitutes. A data do festejo era dia 13 de maio e que por sinal seria a mesma data da Abolição da escravidão no Brasil que ocorreria no ano de 1888.

Posteriormente, a data representaria um ícone de identificação dos negros com sua libertação e devoção a São Benedito, permanecendo a mesma data da festa até os dias de hoje.

Após a comemoração do aniversário do coronel, iniciava-se um cortejo e de certa forma uma procissão, festejando o aniversário do compadre. Todos saíam juntos para comemorar.

A esposa do coronel era considerada uma pessoa temente à fé católica e devota a São Benedito, assim eram também seus ex-escravos. Todos saíam na procissão que percorreu um trajeto tradicional por vários anos. Posteriormente foi considerado o início da Festa de São Benedito na cidade mineira, a data da primeira procissão do povoado foi no ano de 1885 (MOURÃO, 1938).

Após a chegada de Tio Herculano, a celebração teria um novo formato, ele se dedicaria para a construção da nova capela assim como na organização da festividade. A união dos fiéis permitiu uma organização maior para que a primeira festa oficial viesse a vir ocorrer, tendo responsabilidade maior Tio Herculano e sua esposa, Raimundo Mourão (ex-escravo da família tradicional Mourão²³) e sua esposa Isaquelina Monteiro (ex-escrava da família Monteiro).

Na primeira edição oficial da festa já havia o costume do consumo e produção de comidas, segundo os documentos²⁴ elas foram preparadas e servidas na casa de Isaquelina. E após esse momento de confraternização os fiéis saíram em procissão pelas ruas do pequeno povoado. A festividade também iria auxiliar na construção da pequena capela de São Benedito, pois os fiéis arrecadariam fundos e recursos que ajudariam na construção do templo.

²² Os depoimentos referidos no texto se tornaram de conhecimento no presente trabalho através de uma vasta pesquisa de campo, incluindo entrevistas que puderam fornecer tais informações. As entrevistas foram realizadas durante o mês de maio, período na qual acontece a festa e toda sua preparação, nos anos de 2012 e 2015, em Poços de Caldas.

²³ Nota-se pelos sobrenomes que era comum na época os escravos aderirem os sobrenomes de seus patrões, isso era considerado uma questão de respeito e consideração no período.

²⁴ Revista Poços de Caldas, 1904.

Abaixo transcrito o primeiro registro histórico da festa oficial do ano de 1904, que se encontra no Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas, descrevendo como seria a celebração.

Jornal Revista Poços
03 de Abril de 1904

Os abaixo assignados, festeiros do glorioso São Benedicto, nesta localidade, têm a honra de avisar a todos os fiéis que a festa se realizará no dia 13 de maio vindouro constando de novenas com leilões de prendas, missa cantada e procissão solemne.

Em todas as solemnidades tocará a banda de musica dirigida pelo professor Israel Breves dos Santos.

Esperam os abaixo assignados que a festa se realize na própria capela de S. Benedicto.

Ao mesmo tempo os festeiros apelam para a generosidade deste bom povo, pedindo-les um obulu ou uma prenda para os respectivos leilões, a fim de que possa aquelle Santo ser condignamente comemorado.

De S. Benedicto esse mesmo povo receberá devida recompensa.

Poços de Caldas, 24 de Março de 1904.

D. Cândida Augusta de Moraes

Virgilio Teixeira da Fonseca

O registro histórico da primeira festa mostra a devoção dos fiéis, a dedicação e a colaboração entre eles. Eles se uniam para arrecadação de prendas para o leilão e para o cumprimento da programação planejada para a festa. Ao longo do tempo alguns costumes foram se modificando junto às tradições, porém ocorrem permanências que se estabeleceram no início da festa. Em outro registro do mesmo jornal em 1904, confirma-se a existência da festa anteriormente, pois afirma que o cortejo seguiria o trajeto de costume (HOBSBAWM, RANGER; 1997).

A festa rendeu aos fiéis um conto de réis que contribuiria para a construção da primeira capelinha, a informação encontra-se no livro de tombo da Basílica de Nossa Senhora da Saúde. Posteriormente a festa, a revista também publicou uma nota falando sobre a celebração ocorrida:

Conforme noticiamos, realizou-se a 13 do corrente, com muita pompa, a festa de São Benedito, havendo além das solenidades de culto, danças de Congado, Moçambiques, etc... Pela manhã, a excelente banda de música do maestro Israel anunciava alegremente a alvorada, ao estrugir de girândolas e foguetes (Revista Poços de Caldas, 1904).

No ano de 1914, os fundos arrecadados na celebração contribuíram para a fundação da Irmandade de São Benedito, pelo Padre Serafim Augusto da Cruz, o mesmo organizou a confraria concedendo-lhe estatutos e finalidades. Neste ato foram resolvidos todos os entraves que envolviam questões burocráticas em relação a capela de São Benedito, como questões de

direitos paroquiais. A partir desse momento foi reconhecida como pertencente à Fábrica da Matriz.

A celebração só iria crescer junto com a cidade e junto à devoção. Desde o início a celebração exibiu em sua composição manifestações culturais que foram fundamentais para a sobrevivência da festividade.

Com o passar dos anos o número de fiéis só aumentava e a festa apresentou crescimento significativo, no número de barracas de comidas, nos visitantes, nos dias de celebração e nos grupos de congadas.

Na imagem (Figura 8.0) abaixo, observa-se o crescimento da celebração já na década de 30, assim como a urbanização da cidade que se aproximou do local da nova capela (MEGALE, 1990). A festa acompanhou as transformações históricas e sociais do município. O desenvolvimento do povoado estava alcançando a região da capela. Importante destacar que quando a igreja foi transferida para o local não havia nada na região.

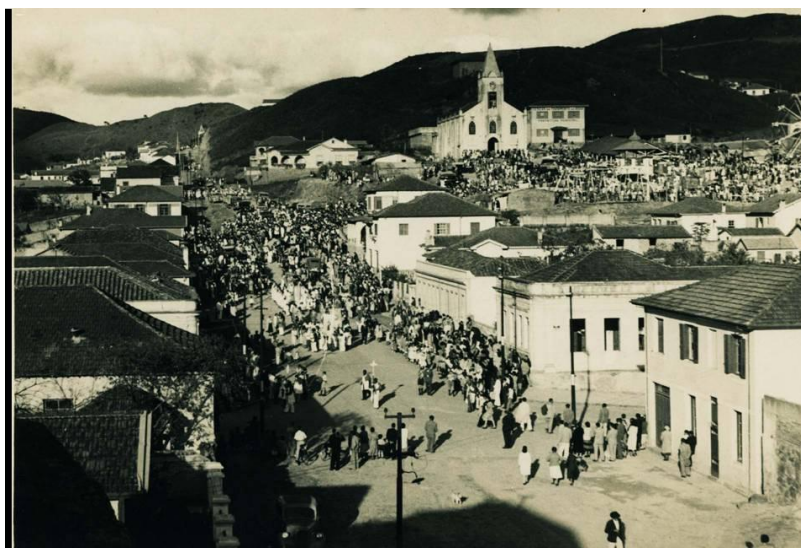


Figura 7. Foto da procissão de São Benedito, década de 30. Acervo Museu histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Até os dias atuais, com base nas observações de campo, nota-se que a festa tem a participação e dedicação dos fiéis nos preparativos dos jogos e prendas.

As congadas passaram a fazer parte da festa no início do século e suas primeiras manifestações eram de congos vindos de regiões vizinhas, principalmente da cidade mineira de Machado localizada ao sul de Minas Gerais, na qual as congadas já eram consideradas tradicionais na época.

Em Poços de Caldas eram organizadas com a ajuda de Tio Herculano e de algumas famílias tradicionais que também apoiaram os festejos e a formação dos primeiros ternos de congos sendo o mais antigo da cidade o Terno de São Benedito (MOURÃO, 1938).

As Congadas e sua história serão debatidas no próximo capítulo, por apresentarem grande simbologia e valor histórico merecem um estudo aprofundado.

Na imagem abaixo a celebração já na década de 40, com grande público e com o ambiente de lazer ampliado. Nota-se uma roda gigante envolvendo um ambiente de diversão, mesclando a religião com a diversão, algo que ocorre até os dias atuais.

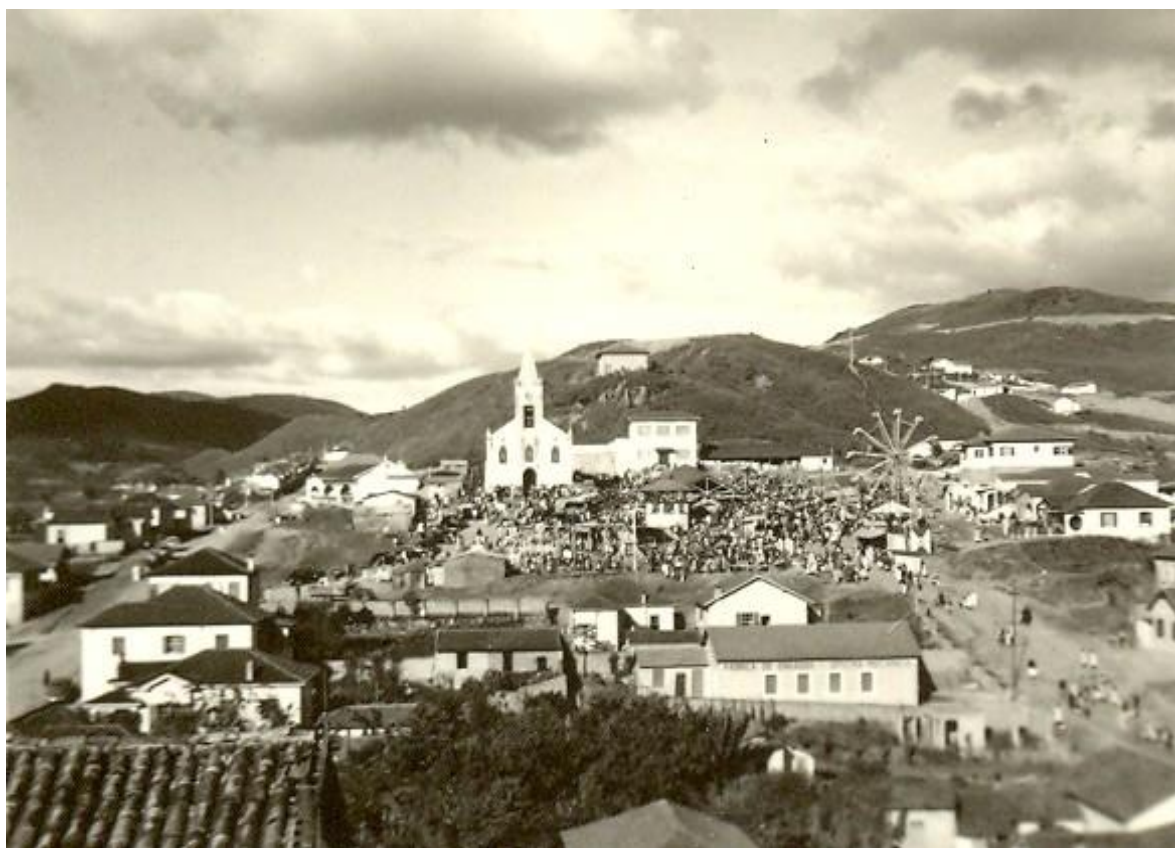


Figura 8. Foto da Festa 1940. Fonte Acervo Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

A construção do capítulo buscou traçar uma teia de elementos históricos interligados que de alguma forma explicam o surgimento da festividade em homenagem a São Benedito. Assim como o ambiente em que a celebração surgiu, as barreiras enfrentadas na virada do século e início do século XX, período de transformações sociais intensas que refletiram diretamente na forma como a festa se organizou e como a capela de São Benedito se estabeleceu.

O próximo capítulo tem como objetivo adentrar o universo das congadas e suas perspectivas históricas, culturais e sociais; apresentando a relevância para a festividade e como se transformou em algo essencial para que a celebração exista.

CAPÍTULO 2

CONGADA: A EXPRESSÃO DE UM POVO

*Benedito santo de Jesus querido
 Valha-me Deus que eu tenho sofrido
 Que santo é aquele
 Que vem no andor
 É São Benedito
 Enfeitado de flor
 É conga, é conga, é congada
 Bate marimba e tambor
 Vou pegar minha espada
 Que eu também sou lutador
 Sou do litoral do Norte
 Sou filho de pescador
 Batizado pela morte
 E criado pela dor
 Vou lutar pelo reinado
 Contra o embaixador
 Vou lutar pelo reinado
 Pois contra o pecado
 não há vencedor
 É conga, é conga, é congada...
 Eu cresci numa jangada
 Eu não vivi, só lutei
 Vou entrar nessa congada
 Eu vou lutar pelo rei
 O rei tem que ser honesto
 Pra poder fazer a lei
 À sua lei eu me presto
 Mas se ele é honesto,
 Eu não sei
 É conga, é conga, é congada...
 Que santo é aquele...
 (CONGADA- Clara Nunes)*

O presente capítulo busca situar as Congadas na cidade mineira de Poços de Caldas, enquanto uma manifestação cultural religiosa presente na tradicional Festa de São Benedito.

O Congado está inserido na festividade há muitas décadas, atribuindo um significado simbólico para a celebração. É de suma importância conhecer seus elementos culturais materiais e imateriais (danças, cantos, rituais, vestimentas) que dão sentido a toda uma comunidade religiosa.

Desde o início da festa, as congadas auxiliam na construção de identidades dos grupos (MENESES, 1993), que compõem o corpo festivo todos os anos.

As congadas não são exclusividade da cidade de Poços de Caldas, ocorrem em todo território brasileiro respeitando a historicidade e a cultura de cada região do país. É uma

manifestação da cultura negra que representa religiosidade, resistência e devoção. Está presente em festas populares em várias regiões do país, são elementos fundamentais na formação de nossa identidade, mas que em determinados momentos enfrentou resistência por parte de determinada parcela conservadora da sociedade.

Para compreender o contexto histórico e social das Congadas, fundamenta-se a importância que as Irmandades Negras exerceram no período Colonial, pois por intermédio delas as Congadas tomaram corpo e se fixaram na cultura religiosa brasileira. As irmandades auxiliaram na compreensão da sociedade escravocrata em vários níveis: político, social, religioso e cultural. Essas associações (BOSCHI, 1986) de ajuda mútua entre os negros abrangiam os diversos aspectos da vida social e contribuíram para a afirmação e visibilidade do negro na sociedade. Acentuam-se a necessidade de sociabilidade dos negros no período da escravidão. Elas desempenharam papel essencial na resistência dos escravos em terras brasileiras. Por intermédio dessas associações, os negros manifestavam sua religiosidade e sua cultura em tempos de opressão.

De certa forma, as irmandades significavam representatividade em meio à submissão do cotidiano; os senhores eram obrigados a aceitar as manifestações culturais dos negros já que as mesmas eram legitimadas pela religião. Em contrapartida, os senhores se inseriam neste universo, adentravam as irmandades como membros, pois achavam que assim teriam um controle ainda maior sobre os negros.

A presença dos senhores brancos nas irmandades era vista de forma aceitável pelos negros, que necessitavam da ajuda dos senhores na escrita dos livros e nas doações que os mesmos faziam para as associações. O valor da adesão dos senhores nas irmandades era um valor mais alto do que o valor pago pelos escravos.

De iniciativa aparentemente livre ou benemérita, a função de escrivão e a tesouraria eram sempre exercidos por branco, numa justificativa de que eles sabiam ler, condição necessária para o exercício dessas funções. Mas o rei e a rainha determinados pela irmandade tinha de ser pretos, inclusive os irmãos de mesa, o procurador e o andador deviam ser pretos, escravos ou forros e os demais juízes podiam ser pretos ou não. (SOUZA, 2015, p.104)

O século XIX foi marcado por características que vieram da época colonial. As manifestações de fé nesse período eram repletas de alegorias nas procissões compostas por musicalidade e danças nas festas.

As associações ou irmandades como eram conhecidas, surgiram neste meio cultural e religioso, e reuniam membros de classes sociais diferentes, que eram unidos pela religião, pela cor e pela ajuda mútua que ocorria nas mais distintas situações.

Cada irmandade possuía seu santo de devoção, o santo protetor. O papel das irmandades na vida dos membros ultrapassava o amparo religioso, assumia um caráter de auxílio nos aspectos da vida privada. Ajuda as viúvas nos momentos complexos, auxílio no enterro daqueles que não possuíam condições financeiras, nas doenças. A capacidade de ajuda variava de acordo com os recursos financeiros que as mesmas tinham.

O auxílio no processo fúnebre após a morte de um membro era uma das principais obrigações das irmandades. A crença da época pautada na relação entre a vida e a morte, fomentava a necessidade de o corpo ser enterrado em solo sagrado, para alcançar a salvação da alma. As igrejas eram consideradas territórios sagrados, por isso a construção dos cemitérios no mesmo terreno dos templos.

No contexto escravista, as irmandades eram a única forma que os escravos teriam de serem enterrados de forma digna, de conseguirem uma passagem tranquila e protegidos pelo sagrado, por mais que não fossem enterrados dentro das igrejas como era o costume, estar próximo já garantia uma trajetória em paz espiritual.

Segundo o Código do direito canônico, as Irmandades eram definidas como:

Associações de fiéis que tinham sido eretas para exercer alguma obra de piedade ou caridade se denominam pias uniões, as quais, se estão constituídas em organismos se chamam irmandades. E as irmandades que também tenham sido eretas para incremento do culto público, recebem o nome particular de confrarias. CF. CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Can 707. In (BOSCHI, 1986, p. 14-15).

As irmandades tiveram sua maior expressividade no Brasil Colonial, muitas vezes executavam funções que a Igreja e o Estado não conseguiam realizar, sendo propício para ambos a existência das mesmas. Enquanto espaço de sociabilidade e resistência algumas irmandades existem até os dias atuais. (BOSI, 1992)

A burocracia das irmandades era legitimada por um documento reconhecido pelo Estado e pela Igreja, conhecido como “Compromisso”. Por meio deste, eram ditadas as regras, a conduta e os objetivos das Irmandades.

Os compromissos são fontes históricas ricas em detalhes que fornecem uma perspectiva negra sobre o período, pois estes documentos eram escritos pelos próprios escravos ou guiados por eles, e continham suas visões de mundo e da sociedade em que viviam.

Para os escravos as irmandades eram espaços que alcançavam a fuga da realidade, das dores e na comunhão e devoção religiosa encontravam refúgio, representatividade e solidariedade. Em todo território brasileiro havia irmandades e nelas estavam inseridas etnias

africanas variadas, revelando as nações distintas que haviam vindo do continente africano e estavam espalhadas pelo Brasil.

As igrejas construídas pelos negros possuíam um valor simbólico importante, pois era o espaço físico social da vivência religiosa e da sociabilidade dos mesmos. A aceitação do espaço, das festas e manifestações culturais era legitimada pela religião católica. Estando inseridos no universo católico, os negros passavam a ser “bem vistos” pela sociedade da época, e assim circulavam no espaço público com determinada aceitação, ao menos durante as celebrações. Segundo a historiadora Marina de Mello e Souza,

As irmandades de “homens preto”, espaços que permitiam maior controle sobre os africanos escravizados e seus descendentes, cativos ou livres, ao mesmo tempo em que possibilitavam o desenvolvimento de relações específicas a estes grupos que nelas encontravam, foram os lugares nos quais as eleições de reis negros e as comemorações que as acompanhavam atingiram maior complexidade e significação. (SOUZA, 2002, p. 251)

Os elementos da cultura africana não foram negligenciados durante as celebrações, eram incorporados na musicalidade, nas danças e até mesmo em traços nas vestimentas que usavam durante as procissões.

Diferente das irmandades brancas que reproduziam a cultura portuguesa em seus ritos, as irmandades de negros buscavam preservar a cultura africana mesmo que de forma sutil, lutavam por manter viva a sua cultura de sua terra de origem. Seus rituais religiosos possuíam características próprias, que reafirmavam sua identidade.

Para se tornar um membro das irmandades era necessário contribuir com um valor simbólico para os fundos, o valor arrecadado financiavam as atividades realizadas nas associações. Além da taxa de entrada para se tornar membro, existiam as taxas anuais que deveriam ser pagas pelos membros.

A mentalidade dos senhores em relação às irmandades não revelava grandes preocupações, pois nestes espaços não havia um processo de conscientização coletiva, não igualava os negros aos brancos. Mantinha-se a ordem social vigente e ao mesmo tempo as irmandades supriam questões que o Estado e a própria igreja não conseguiam concretizar.

A visibilidade social vinha através das grandes festas, procissões e até mesmo ritos fúnebres. Os eventos sociais deixavam os negros em evidência na sociedade da época, e as festas contribuía na geração de fundos econômicos para as irmandades.

Durante as festas, novos atores sociais vinham à tona, em forma de representação lúdica, que demonstrasse a alegria dos membros. Reis e rainhas eram coroados no novo

mundo, e nas festas dos santos de devoção concretizam por um momento um reino simbólico. Vivia-se uma realidade paralela ao mundo da escravidão.

As teias de solidariedade constituídas no interior das irmandades acompanhavam a trajetória de vida de muitos negros até o momento da morte. O principal motivo de ser membro de uma irmandade era a segurança no pós-morte, a possibilidade de ser enterrado em um local sagrado e seguro confortava o coração dos cativos e assegurava um momento de tranquilidade ao menos após a morte.

As irmandades religiosas eram instituições que os negros mais tinham autonomia e representação social. Estas associações intermediavam as relações sociais entre negros, brancos e a Igreja Católica. Por serem “aceitas” as Irmandades divulgavam de certa forma a fé cristã e acalmava possíveis tensões, pois se aproximava das camadas populares da sociedade. O catolicismo disseminado pelas irmandades tinha caráter popular, fator que atraiu os negros para este exercício da fé. As festividades eram a manifestação máxima das atividades das Irmandades, questão que dividia os setores mais conservadores da sociedade na época. Os atores sociais expressavam suas práticas culturais repletas de elementos simbólicos durante as festas, amparados e legitimados pelas estruturas oficiais da Igreja encontravam um momento para existir socialmente.

Havia o momento para a celebração dos negros e também para os brancos. As irmandades eram julgadas como reduto de afirmação da identidade africana no Brasil. A tensão sempre existiu nesses momentos, entre os negros e suas danças, cantos e os conservadores que desconfiavam dessa manifestação religiosa, bem diferenciada do que as pessoas estavam acostumadas. Porém coexistiam no mesmo ambiente.

Durante o período colonial na época das festas, alguns senhores aceitavam a manifestação cultural e cediam até mesmo um dia de liberdade para os escravos celebrarem sua fé.

Nas irmandades as congadas conseguiram espaço para existir, e nas festas ganhavam corpo social, trazendo para a sociedade da época uma cultura popular rica em simbolismos, em contrapartida a cultura religiosa oficial que existia no Brasil Colonial.

As congadas evidenciam a expressão de grupos que compartilham elementos simbólicos, históricos e que acima de tudo compartilham histórias de vida. Mesclam elementos da cultura africana e da religião cristã.

A congada ou Congo (SOUZA, 2002), é uma manifestação cultural (BRANDÃO, 1986) e religiosa (BRANDÃO, 1978) de influência africana, celebrada em algumas regiões do Brasil. Baseia-se em três temas norteadores: a vida de São Benedito, o encontro de Nossa

Senhora do Rosário submergida nas águas, e a representação da luta de Carlos Magno contra as invasões mouras. Mescla elementos da religião católica imposta aos negros durante os tempos da escravidão e elementos da cultura afro. Ocorre um tipo de dança dramática na coroação do rei do Congo, há o cortejo com passos e cantos.

O contexto histórico em que a congada surgiu, se estabeleceu e se popularizou, está relacionado a aspectos culturais e religiosos da escravidão, especificamente no século XVIII no estado de Minas Gerais.

Enquanto ritual religioso e cultural, detém diversos significados que faz com que permaneça viva ao longo do tempo e que conseqüentemente dão sentido ao ambiente social em que acontecem. São diversos atores sociais que entram em cena, expressando seus anseios e nas festas há a concretização dessa manifestação cultural e religiosa.

Consiste-se em uma procissão, encenação ou desfile que envolve elementos religiosos africanos, portugueses e brasileiros. Resultando em um hibridismo pautado na diversidade cultural religiosa e histórica de nosso país.

O surgimento da Congada no território brasileiro é datado do século XVIII, na efervescência do ouro e no auge da escravidão em Minas Gerais. Há relatos do bailado de Congo no território africano, e no Brasil foi introduzida pelos negros africanos que vieram residir como escravos mantendo assim tradições que representam a identidade e a cultura de um povo.

No período colonial as Congadas podem ser vistas como momentos em que os negros conseguiam maneiras de expressar sua cultura, de trazer a tona elementos do continente africano que estavam abafados pela submissão e escravidão, e assim afirmavam sua identidade e suas práticas culturais.

A congada contribuiu para a inserção do negro na sociedade brasileira e de certa forma, uma afirmação através das danças e dos cantos. Propiciou a construção de um espaço simbólico na sociedade brasileira no período colonial. Nos momentos em que as congadas aconteciam os negros sentiam-se aceitos pela sociedade branca e escravocrata brasileira, ao mesmo tempo, que manifestavam seus costumes e tradições reconstruindo a cultura africana sob novas perspectivas e significações simbólicas.

Ao ser trazido para o Brasil, o negro teve de se adaptar a um novo mundo. Neste ambiente novo teve de refazer sua identidade, na medida em que fosse permitido se expressar e manifestar seus costumes respeitando os limites impostos pela sociedade da época.

Muitas foram as formas que os negros encontraram para resistir à escravidão, a música também pode ser vista como estratégia de resistência no processo de afirmação do negro,

ampliando o contato do mesmo com suas raízes e sua visibilidade na sociedade brasileira no período colonial. As congadas atuaram enquanto força mediadora na construção das relações sociais.

Através da congada o negro avistou a possibilidade de elaborar um espaço simbólico em que obtivesse êxito e aceitação. Permeando a vida social dos grupos e a representatividade dos mesmos, ressignificando seus elementos culturais, suas práticas culturais e a forma como se colocavam e eram vistos no mundo.

O modo de vida do negro no Brasil pouco se relacionava com a vida que tinha no continente africano, seu cotidiano, sua vida social, cultural e religiosa. Isolado de suas raízes, houve o anseio de expressar a cultura e encontrar formas de manifestação cultural que fossem de encontro a sua identidade.

Houve a necessidade de se criar uma nova cultura em terras brasileiras, uma ressignificação de seus costumes. Este processo faz parte do processo dinâmico de constante movimento que a cultura está envolvida.

Os primeiros vestígios de congadas em Minas Gerais podem ser encontrados em Vila Rica, Diamantina e Serro, no início do século XVIII. Nestas localidades houve a exportação de ouro e diamante, e assim um grande número de escravos negros oriundos do tráfico.

Sobre a Congada há uma lenda repleta de simbolismos religiosos e culturais em que realidade e mito se fundem. Um negro chamado Francisco e batizado pelo nome de Chico Rei era imperador do Congo e veio da África para Minas Gerais, acompanhado por mais de 400 escravos, possuía uma história de vida árdua e semelhante aos seus. Ele representou a resistência negra e o anseio de transformar a realidade em que estava submetido. Foi considerado símbolo de luta e identificação dos negros com sua personalidade impetuosa. (SOUZA, 2002)

Em sua vinda para o Brasil Chico Rei perdeu sua esposa e seus filhos, sobrando apenas um de seus descendentes. Habitando em Vila Rica, Chico Rei trabalhou nas minas, inclusive aos domingos e dias santos. Com essa rotina conseguiu acumular determinado capital capaz de comprar sua alforria e de seu filho. (SOUZA, 2002)

Após alcançar seus objetivos Chico Rei dançou na igreja para comemorar sua graça recebida. Adquiriu sua liberdade e a de seu filho, posteriormente a de seus companheiros de nação, aumentando o respeito e prestígio entre os negros da região.

Chico Rei era devoto de Nossa Senhora do Rosário, evidenciando a forte identificação religiosa dos negros com a santa. Durante o processo de catequese, os missionários

dominicanos levaram Nossa Senhora do Rosário à África, impondo seu culto aos negros. A santa então se tornou conhecida dos mesmos.

A devoção a Nossa Senhora do Rosário foi tão intensa que Chico Rei e seus companheiros organizaram a irmandade do Rosário e Santa Efigênia na região de Vila Rica. Construiu também a Igreja Nossa Senhora do Rosário do Alto da Cruz. Afirma-se que nessa Igreja as negras lavavam as carapinas cobertas com ouro em pó. Com o ouro em pó das lavagens ele comprava a alforria dos companheiros, construindo também uma nova Igreja do Rosário. A antiga igreja foi dedicada a Santa Efigênia.

A construção da igreja e irmandade do Rosário, dentro de uma sociedade extremamente estratificada, vinha a satisfazer mais aos interesses do senhor de escravo, no sentido de que no negro “tendo a sua própria igreja”, seria mais fácil submetê-lo às práticas da religião de dominação, ao mesmo tempo em que se incentivava, por meio do Reinado-, a experiência do poder imaginário e permitido. É relação permitida de uma existência real de sacrifícios, com a situação por três dias de realização e participação de um ideal na concretização simbólica do Reinado. (SOUZA, 2015, p. 106)

Os rastros das primeiras congadas em Minas Gerais foram perceptíveis através das danças realizadas por Chico Rei. Ele era coroado rei e antes da missa cantada aparecia com elementos simbólicos de um reino, assim como a rainha e a corte, usavam ricos trajes. Havia também a presença de dançarinos e músicos que se contagiavam com a magia das cantigas e das expressões populares (ver figura 9.0). Eram transmitidas de pais para filhos permanecendo até os dias atuais.



Figura 9.: *Fête de Ste. Rosalie, patronne des négres.* [Festa de Santa Rosalia, Villeneuve, Louis-Jules-Frédéric, 1796-1842. *Rugendas*, Johann Moritz, 1802-1858²⁵

A manifestação cultural possui raízes negras e quando perceberam a harmonia entre os tambores e a congada, passaram a utilizá-los para expressar sua musicalidade. Os rituais presentes na congada envolvem a fé e dedicação dos membros em todo processo de preparação e participação, resultando em danças expressivas, cantos em louvor aos santos de devoção, levantamento de mastros, coroações e procissões (ANUNCIACÃO, 2012).

Os instrumentos musicais são fundamentais para definir o ritmo das danças e dos cantos, além de determinar o ritmo em que a procissão deve seguir. Os instrumentos são: caixa, cuíca, pandeiro, reco-reco, o tarol, o tamboril, a sanfona ou acordeon, marimba. Porém, nada impede que outros instrumentos sejam acrescentados ou retirados.

Cada grupo tem sua identidade própria, seus elementos, suas características, sua trajetória, aquilo que faz com que os membros se sintam pertencentes ao grupo. Seu Santo principal de devoção e que geralmente está associado ao nome do grupo. Os santos mais comuns entre os grupos de congadas são os santos negros. Isso se dá pela ligação histórica com a identidade negra no Brasil.

A congada pode ser considerada um espetáculo que rompe com o cotidiano. Os negros tentaram manter sua dignidade através de uma cultura viva.

As irmandades foram fundamentais para que a Congada se firmasse e fosse legitimada perante a Igreja, a sociedade e o Estado, mesmo sendo uma manifestação cultural e religiosa negra. Eram espaços que representavam autonomia para o escravo.

²⁵ Disponível em <<https://bdlb.bn.gov.br/>> Acesso em : Novembro, 2016.

O caráter legitimador da religião católica imposta na época, não elimina a dinamicidade das manifestações culturais que ocorriam mesmo que acopladas a esta religiosidade.

Os santos negros eram os padroeiros das congadas e representavam as Irmandades, mostrando a identificação direta pela cor.

A congada contribuiu para a inserção do negro na sociedade brasileira e de certa forma uma afirmação através das danças e dos cantos. Propiciou a construção de um espaço simbólico na sociedade brasileira no período colonial, nos momentos em que as congadas aconteciam os negros sentiam-se aceitos pela sociedade branca e escravocrata brasileira, ao mesmo tempo, que manifestava seus costumes e tradições reacendo a cultura africana sob novas perspectivas e significações simbólicas.

A cultura apresenta dinamicidade, e nas terras brasileiras não seria diferente. A junção dos elementos culturais africanos aos elementos culturais brasileiros fez surgir uma nova cultura afro-brasileira.

A música auxiliou no processo de afirmação do negro, inserindo o mesmo na sociedade brasileira no período colonial, as congadas tiveram função mediadora nessa construção social.

Por intermédio da congada o negro avistou a possibilidade de elaborar um espaço simbólico. Permeando a vida social dos grupos e a representatividade dos mesmos. Ressignificando elementos culturais apresentam suas práticas culturais e a forma como se colocam no mundo.

Nesta época os atores sociais disputavam espaços simbólicos, entre os séculos XVIII e XIX, no Brasil, estabeleciam alianças entre si, entre o poder local e Igreja Católica. A Igreja possuía um grande poder no período, influenciando aspectos sociais, religiosos e políticos.

O catolicismo brasileiro era diferenciado, festivo distante da forma como ocorria em outros locais, porém com raízes na Península Ibérica.

Adaptavam-se os ritos e cerimônias a realidade cultural brasileira e a toda miscigenação racial presente em nosso país naquele período.

Alguns autores, tais como Gilberto Freyre (1993), frisam a característica sensual que aparecia em muitos ritos. As camadas menos favorecidas da sociedade se articulavam em redes de solidariedade (FREYRE, 1993). As irmandades dos “homens pretos” representavam a maior força de sociabilidade entre os negros e a sociedade da época.

A importância em frisar os diferentes grupos étnicos existentes no Brasil no período colonial, revela a diversidade cultural que se fez presente na formação de nossa identidade.

A coroação do rei e da rainha do congo é um dos momentos mais importantes durante o rito. A representação simbólica remete a reis africanos em território brasileiro.

É nesse sentido que o rito de eleição do Rei Congo no âmbito das irmandades de “homens pretos” em Minas Gerais revestiu-se de importância singular. Pois como destacou os etnógrafos Núbia Gomes e Edimilson Pereira, mesmo sendo esta liderança expressão de um poder simbólico, o Reio Congo era considerado, pelos filiados destas agremiações, verdadeiramente uma autoridade e legítimo “intermediário no trato com o sagrado” (SILVA, 2015, p. 197)

2.1 A CONGADA EM POÇOS DE CALDAS: DIVERSIDADE E SIMBOLISMOS

Por se estender a todo território brasileiro, as Congadas se constituíram de formas diferentes em cada região do Brasil. Considera-se neste caso a particularidade histórica e cultural de cada região, influenciando diretamente nas manifestações culturais. Algumas características da Congada permanecem comuns em todas as regiões.

A batida da percussão guia a procissão e os grupos de congadas caminham de acordo com a música. Os instrumentos utilizados variam de acordo com cada grupo, podendo ter instrumentos distintos em cada um.

A contribuição dos afro-descendentes na formação da sociedade brasileira nos instiga a investigar este universo, os saberes transmitidos e herdados dos mais velhos.

Durante as pesquisas de campo na celebração (2012-2015) muitas fotografias foram tiradas e que foram fundamentais para a pesquisa. Registraram momentos importantes para a compreensão do universo simbólico que as Congadas estão inseridas.

Os valores simbólicos são detectados desde o modo de fazer as vestimentas; o tocar dos instrumentos, as cantigas que apresentam letras que estão presentes nas comunidades e que são transmitidas por gerações.

O simbolismo das letras também será analisado, as cores das vestimentas e sua produção. Assim como as crianças que continuam a tradição.

Na celebração, há também uma manifestação cultural não menos importante conhecido como Caiapós. Seus membros se vestem de indígenas (confeccionam suas próprias roupas com um capim típico da região) e representam os grupos que ajudavam os escravos a fugir no passado. Atualmente são dois grupos que participam da festividade complementando todo o arcabouço cultural nos dias de festa, interagindo diretamente com os grupos de congadas.

As congadas no sul de Minas apresentam desde o início poucas diferenças em sua composição. Em Minas Gerais, os negros tiveram contato com a religiosidade e com a reza a partir dos franciscanos.

Em Minas, os negros aprenderam a rezar o Rosário com os franciscanos que, de tempo em tempo, faziam as desobrigas ou missões pelos rincões distantes dos centros maiores. Esses rosários eram trazidos no pescoço. Hoje, eles ainda permanecem nos pescoços dos congadeiros, pois Jerônimo, chefe do fandango em Passos, não saía da congada sem tê-lo junto ao peito. Afirmando mesmo: “Aqui está a minha proteção e com este ninguém pode”. Mostrou também que ganhara um terço das “sete linhas” muito comum na Umbanda, mas -, quanto a este, disse que nunca o usou, pois sua fé estava no antigo Rosário de seus ancestrais. (SOUZA, 2015, p. 137).

Por mais que tenha ocorrido a influência dos brancos na construção da religiosidade dos negros que vieram morar no Brasil, destaca-se que os elementos da crença africana não foram anulados, mas, amenizados, a ligação com a ancestralidade permaneceu viva na mentalidade e na fé dos negros. A inspiração religiosa era direcionada a santos negros, como por exemplo, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, devoções mais fortes no sul de Minas Gerais e até os dias atuais recebem suas consagrações.

As datas em que ocorrem as festividades no estado mineiro variam de cidade para cidade, a grande maioria ocorre no mês de agosto onde há o levantamento do mastro, ato simbólico importante e muito valorizado entre os congadeiros. A escolha pelo mês de agosto pode estar associada ao momento em que Nossa Senhora do Rosário foi inserida no calendário católico, porém não há documentação oficial que comprove a hipótese, e sim relatos da história oral, neles os devotos afirmam seguir os antigos nessa tradição do mês de agosto.

Em diversas cidades mineiras, as festas são realizadas no mês de agosto, com início no dia 14, quando é levantado o mastro. No dia 15, visitam os “Estados” constituídos pelos reis, rainhas, príncipes e princesas e toda a corte. Divididos em ternos, cada um tem um capitão, uma característica e um modo de organização mantendo sua autonomia.

[...]A escolha da data, 15 de agosto, pode estar ligada à celebração e festejo da Ascensão de Nossa Senhora no calendário católico, mas eles não conseguiram explicar e diziam estar seguindo os antigos ou que sempre foi assim. (SOUZA, 2015, p. 138).

Em Poços de Caldas, a festa diferentemente das outras festas que ocorrem na região do sul de Minas, acontece em maio devido a questões históricas relacionadas ao meio social em que a festividade surgiu. A devoção a São Benedito veio posteriormente a Nossa Senhora do

Rosário, então após o grande número de festas dedicadas à santa eclodirem pelo Brasil, surgiram os festejos em homenagem ao santo cozinheiro.

O Moçambique existia junto a Congada durante as celebrações, muitas são as lendas que associam a dança ao surgimento da devoção de Nossa Senhora do Rosário, em Minas Gerais. A manifestação consiste em uma dança dramática com movimentos sincronizados e que em muito se parece com os conflitos de guerreiros expressados nas Congadas. Atualmente, a cultura do Moçambique não existe da mesma forma e alguns membros mais antigos dos grupos se juntaram a grupos de terno de congo, pois a relação de ambos é histórica e sempre ocuparam os mesmos espaços na religiosidade popular.

São muitos os elementos simbólicos que compõem a Congada, inseridos no calendário de atos, há uma série de obrigações e encenações que devem ser cumpridas ao longo dos dias de festividades. Representações teatrais que dão significado a cada dia da celebração, e que todos os anos são feitas pelos membros dos grupos de terno de Congo.

O Reinado é um acontecimento importante durante a apresentação dos congadeiros e ocorre em diversas cidades do Brasil. Sua origem é abrangente, pois o ato de coroação era comum no território africano, mas há relatos de situações parecidas nos festejos religiosos em Portugal e na Espanha.

Os reinados já existiam na Espanha e em Portugal no século XV. Embora Portugal não apareça a palavra Reinado, mas existem provas deste costume segundo as Constituições do Bispado de Guarda. Eram anti-religiosos em relação ao catolicismo, mas segundo o Bispo D. Pedro em certos lugares o bispado 'os fregueses e moradores deles, nalgumas festas do ano, assim como em dia de Santo Estevam, ordenam e fazem imperadores, reis, rainhas e vão-se com eles às Igrejas, levando consigo jograis, que mandam por e põem no púlpito, donde dizem muitas desonestidades e abominações, sem embargo de então celebrar a missa e se fazerem os ofícios divinos. (ANDRADE, 1959, p. 17 e 18).

A congada é uma tradição que foi trazida por diferentes gerações de familiares, os votos aos santos de devoção foram sendo transmitidos de pais para filhos, permanecendo vivos até os dias atuais. Muitos fiéis se tornavam congadeiros para cumprir promessas por bênçãos atingidas, e como prova de agradecimento e fé desfilavam nas procissões com danças e cantos ao som dos instrumentos.

Em Poços de Caldas não há a representação do Reinado, porém há elementos que o caracterizam. Os grupos de terno de congo possuem bandeireiras²⁶, as vestimentas de

²⁶ Bandeireiras- Conhecidas também como juízas. São conhecidas como juízas, porque elas conduzem as bandeiras até o interior das casas e recebem os donativos populares. Elas levam, na frente dos grupos, as bandeiras com estampas dos santos homenageados. Alguns ternos possuem outros não. (SOUZA, 2015, p.253).

marinheiros ou soldados e até mesmo algumas músicas identificam-se com o Reinado, mas que representam aspectos independentes e inovadores. É importante ressaltar que os grupos na cidade apresentam características próprias, menos complexas do que a composição dos grupos em outras cidades.

Em Poços de Caldas, a caracterização dos personagens era mais simples, não existia Cavahada, não existia guarda-bandeira, não existia Reinado etc. Existia, o capitão, dois subcapitães, bem como as rainhas, e elas dançavam pelas ruas com o grupo. Para saírem, marcavam um local ou se encontravam na casa do capitão, onde todos saíam juntos e, cada qual traçava seu itinerário dançando pela cidade. Somente a noite se reuniam na praça da igreja. (SOUZA, 2015, p.157)

Uma característica importante em Poços de Caldas é o hibridismo religioso que ocorre desde o princípio das Congadas. Os membros dos ternos de congos muitas vezes possuem ligação com religiões de matrizes africanas e durante alguns momentos da celebração inserem os elementos dessas religiões.

Um caso específico dessa ligação religiosa é o Terno de Congo de Santa Bárbara Oiá /Ogum Guerreiro, na qual a capitã Orlanda²⁷ da Conceição da Silva é mãe de santo e possui em sua residência um terreiro de umbanda. A diversidade religiosa já estava presente na família de Dona Orlanda desde seus antepassados; sua mãe Orfelina Conceição, era religiosa sob a proteção de Xangô Agodô e já participava das Congadas. Em seu tempo Dona Orfelina e seus chegados dedicavam um dia da procissão para desfilar em agradecimento em nome da Tenda de Umbanda Santa Bárbara Oiá/ Ogum Guerreiro.

A tradição foi transmitida de geração para geração em sua família, os avós de Dona Orlanda já faziam parte da tradição religiosa afro-brasileira. Neste ambiente familiar ela participa da congada desde os oito anos, quando ainda residia na cidade vizinha de Alfenas, sul de Minas Gerais.

A minha vó tinha, meus avós eram de Congo em Alfenas aí depois mamãe foi pra São Paulo né? Fiquei sem pai ficou um tempo lá em São Paulo, depois minha família que era daqui resolveram abrir lá em Alfenas. (Trecho Entrevista Dona Orlanda realizada no dia 10 de maio de 2012)

Durante as procissões o terno de congo de Dona Orlanda utiliza as vestimentas da religião (Ver figura 11), carregam consigo os elementos simbólicos da religiosidade e inseridos no universo católico festivo revelam sua identidade. Através do terno de Dona Orlanda nota-se o forte sincretismo religioso que une as diferentes crenças e elementos em

²⁷ No ano de 2013, Dona Orlanda recebeu do IPHAN, o prêmio nacional Mestres da Cultura Popular.

devoção a São Benedito; seu terno é composto por alguns familiares (bisnetos) e a grande maioria são membros de seu terreiro seus “filhos” de fé, afirma Dona Orlanda em entrevista para o presente trabalho.

Depois eu fui pra São Paulo, me casei e depois em 66 nós começamos a Congada outra vez, 1966. Parou uns tempos por que não tinha quem tomasse conta direitinho né? (Trecho entrevista Dona Orlanda realizada no dia 10 de maio de 2012)

Na cidade mineira ela é a única mulher capitã de Terno de Congo, e está no posto há mais de 45 anos, recebeu a responsabilidade de continuar a tradição de sua mãe após sua morte, a mesma acabou adquirindo uma espada relíquia de família que foi utilizada na Guerra do Paraguai. Objeto simbólico que legitima a sua atual posição na congada.

A espada conduzida pelo Terno Santa Barbara Oiá/Ogum Guerreiro é também da Guerra do Paraguai. O avô de Orfelina (falecida), mãe de Orlanda, a teria trazido do Paraguai esse tornado o fundador da congada em Alfenas, afirmaram elas; inclusive, ele foi o primeiro capitão. Elas saíam juntas na congada, “não só por devoção, mas para cumprir a tradição da família”. (SOUZA, 2015, p.163)

Por sua experiência de vida e por ser figura ilustre na congada em Poços de Caldas, Dona Orlanda é homenageada todos os anos e recebe honrarias durante a Missa Conga, tendo sua história de vida reconhecida após anos de resistência e preconceito religioso. Dona Orlanda afirma em entrevista que foi através da relação estabelecida entre ela e os religiosos da localidade que fez com que a entrada dos Grupos de Ternos de Congos e Caiapós na Igreja de São Benedito fosse permitida.

Abaixo, uma fotografia de Dona Orlanda, com toda sua indumentária que representa elementos de sua identidade religiosa. As fotografias utilizadas no capítulo ultrapassam o caráter ilustrativo, e se situam enquanto evidência histórica (BURKE, 2004) que contribuem para a compreensão do processo histórico-cultural elucidado, fornecendo desta forma, aspectos sociais, ideologias, identidades.



Figura 10: Dona Orlanda, Festa de São Benedito em Poços de Caldas, Maio de 2015. Foto: Aristides Gonçalves

O ano de 2001 foi marcante na história da congada na cidade mineira, pois foi o ano em que surgiu a Associação de Dançadores de Congos e Caiapós de São Benedito. Dona Orlanda foi a primeira presidente da Associação, ocupando o cargo até o ano de 2010 quando passou para sua filha Lilian. O intuito em criar a associação foi o medo da perda, e assim o desejo de preservar as manifestações culturais incentivou a criação da mesma.

A associação é responsável por debater questões burocráticas e econômicas em relação aos grupos de congos e caiapós na cidade. Realizam reuniões ao longo do ano e anteriormente a festa para definir os últimos detalhes. Os grupos possuem ajuda financeira da Secretaria de cultura da cidade, a verba é utilizada para a confecção das vestimentas e para manutenção dos instrumentos musicais utilizados pelos mesmos, para a alimentação e suporte para aqueles que vêm de outra cidade para participarem da festividade.

O termo terno é utilizado para designar os grupos, usa-se o nome Terno e acrescenta nomenclatura o nome do santo em que o grupo é devoto, como por exemplo, Terno São Benedito. A expressão remonta os tempos de escravidão, no período em que os escravos eram vendidos nos leilões públicos e referia-se ao grupo de negros vindos de determinada região da África com a expressão terno de negros. Cada cidade possui um número variável de ternos, podendo surgir novos ternos ou deixar de existir.

Em Poços de Caldas atualmente há a existência de seis grupos de ternos de Congadas. Sendo eles:

- Terno Nossa Senhora do Rosário
- Terno Santa Efigênia
- Terno São Benedito
- Terno São Gerônimo e Santa Bárbara Oiá/Ogum Guerreiro Terno Nossa Senhora da Guia
- Terno Nossa Senhora do Carmo

Cada terno possui um número específico de membros, sendo alguns com mais membros e outros com menos. Os instrumentos utilizados pelos grupos também varia de um terno para o outro, as vestimentas e suas características também são particularidades de cada grupo.

As vestimentas usadas nos dias de celebração fazem parte de um processo de construção coletiva, o qual, todos os membros opinam e auxiliam na produção. As roupas são renovadas e algumas reaproveitadas com o passar dos anos, por isso ao terminar a festa são lavadas e guardadas pelo capitão do respectivo grupo.

Há muitos simbolismos nas roupas, muitos associados ao santo de devoção e sua trajetória de vida. Vestimentas com características de marinheiros, estão associadas á devoção de Nossa Senhora do Rosário e as possíveis guerras que aconteciam em alto mar e os marinheiros pediam a proteção da santa.

Em Poços de Caldas, a representação das rainhas dos ternos de congo é através de vestidos de noivas (Ver figura 11.0), algumas usam capas outras não. Na cidade não existe o Reinado, então as rainhas acompanham os ternos nas procissões e representam rainhas de promessas.



Figura 11. Rainha do Terno de Congo Nossa Senhora do Rosário, Festa de São Benedito, Poços de Caldas 2015.
Foto: Ana Paula Anunciação

As cores das capas usadas no Terno São Benedito são da cor azul representando os cristãos relacionados a Carlos Magno²⁸ e os dozes pares de França, e, na cor vermelha representando o povo turco ou mouro.

O significado atribuído às vestimentas ou aos objetos dá sustentação ao valor que cada grupo tem em sua ornamentação. Muita das espadas usadas nas encenações das congadas vem acompanhando os grupos há muito tempo, e foram transmitidos de gerações para gerações, carregando não somente a história da festividade, mas aspectos privados da história da família dos membros. O orgulho nas encenações, no usar dos objetos, a luta pelo reinado, as embaixadas mostram a riqueza cultural imensurável que as congadas são compostas.

Os lugares ocupados dentro do terno mostram uma hierarquia “invisível” que existe dentro dos grupos, devido à variedade de papéis que cada um exerce dentro da manifestação,

²⁸ A Embaixada de Carlos Magno, Terno de São Benedito, de Poços de Caldas, possui como já foi mencionado, duas alas, uma vermelha, que representava os turcos, e outra azul, que representava os cristãos franceses. O traje lembrava o estilo usado no século XVII pelos mosqueteiros franceses. Há mais de 100 anos que existe o grupo e seu traje foi pouco alterado. Carlos Magno e o almirante Balão Usavam coroa e suas roupas tinham a capa de veludo que atualmente é de cetim. O traje dos demais era igual, só que os representavam os quinze reis coroados e os doze pares de França exibiam maior luxo. Descrição: a roupa era feita de cetim brilhante azul e vermelho.

desde o dançador ao capitão congo. O capitão do terno é respeitado por todos, e tem a amizade e a fidelidade de todos os membros do grupo, além das relações de parentesco que também ocorrem em grande frequência.

O fato de existir hierarquias, atribuições de funções sugere uma série de direitos e deveres, que de certa forma mantém a ordem organizatória. Todas essas categorias compõem um corpo orgânico que permite o funcionamento em equilíbrio. O que legitima esse poder são objetos simbólicos repletos de significados, no caso do capitão do terno de congo, o bastão dá poder de mando e prestígio, e assim é reconhecido pelo grupo.

Há ocasiões em que outros grupos oferecem cargos mais elevados dentro dos grupos, ocorrendo à transferência de um membro de um grupo para outro grupo. São questões internas que ocorrem no interior dos ternos e que refletem em sua composição e permanência. Conflitos internos que fazem parte das relações de poder inseridas no universo das congadas.

Os instrumentos usados em Poços de Caldas nos grupos atualmente são quase todos adquiridos no comércio, em contrapartida ao passado em que os mesmos eram de fabricação doméstica, revelando a influência da globalização e da modernidade sobre as práticas culturais. Instrumentos em proporção média por grupo em Poços de Caldas:

Caixas	4
Pandeiros	2
Sanfona	1
Violão	3
Viola	2
Cavaquinho	2
Réco-réco	2
Tamborim	2
Adufe	1

Fonte: (SOUZA, 2015)

A musicalidade é uma das expressões mais fortes das procissões, a batida dos instrumentos guia o ritmo das procissões, e é conhecida como marcha (toques de rua). Em muitos casos a linguagem da música está associada de forma conotativa, envolvendo misticismos e ligação com o divino e com o que é invisível. Os fiéis são animados pelos grupos de congadas, na junção das danças com a música animada que tocam pelas ruas da cidade.

O corpo que dança, toca instrumentos e entoia um cântico sagrado, cumpre uma “obrigação” que vem “ do tempo dos antigos”, ou seja, prestar homenagens aos Santos da devoção cristã- Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito; mas sem se esquecer de evocar com reverência e fé também as divindades africanas e afro-brasileiras: Zambi e Pretos Velhos. (SILVA, 2015, p.207)

Alguns grupos optam por ritmos desacelerados e por rezas ou orações cantadas, com saudações aos santos e homenagem para pessoas. Os ritmos tocados são ditados pelo momento da procissão em que o grupo se encontra, ao sair para as ruas há um determinado ritmo a ser seguido, ao se aproximar da igreja outro determinado ritmo. E assim, em cada momento as batidas se adaptam, recebendo alguns nomes: toada (pancada e meia), bailado (depende do lugar) e marcha (de acordo com o santo para saudação). Importante ressaltar que a melodia criada é particularidade de cada região.

Na Marcha, a dança era igual e uniforme, usada mais para quando estavam em séquito pelas ruas. No baile, os movimentos se aceleravam, tinham mais liberdade para pular dentro do compasso, jogando as pernas de um lado para o outro, e o corpo expressivamente. Cada um dança como quer, disse Antônio Sabiá.(SOUZA, 2015, p. 173)

As letras das cantorias podem ser escritas por membros dos grupos, ou estão presente há gerações e são transmitidas ao longo do tempo, unindo o passado e o presente, na união das letras mais antigas com as que surgiram recentemente.

Os cantos são realizados enquanto caminham pela rua, ou quando param em uma casa para homenagear alguém e durante as diversas procissões presentes na festividade.

Benedito Santo, oi	Quem é aquele Santo
Oi, Santo de Alegria	Que luta no andor
Vamos adorá Benedito	Vamos adorá Benedito
Hoje é o vosso dia.	Hoje é o vosso dia.
Que Santa é aquela	Estrela Darvi
Que ta na charola	Deixe o dia amanhecê
É São Benedito e	Estrela Darvi
Nossa Senhora	Estrela Darvi
Oi São Benedito	Oi que tarde bonita
Oi lê lê	Oi que noite serena
É de Santa Efigênia	É de São Benedito”
Oi lê lê	
É de Santa Efigênia	
(Canto devocional Congada). Fonte: Cartilha, 1974.	

As danças seguem o ritmo das músicas, e existem alguns movimentos corporais

comuns aos grupos de congadas, como por exemplo, os três pulos para um lado e três pulos para o outro lado, movimento que está presente na maioria dos grupos.

Os motivos que levam um devoto a adentrar o universo das congadas são variados. Em muitos casos a tradição foi passada pela família, e assim continua acontecendo. Alguns ternos chegam a ter em sua composição três gerações diferentes da família participando ativamente das celebrações. Outro motivo que move muitos dos fiéis são as promessas feitas e as bênçãos alcançadas. Senhor Luiz Siqueira (idade não identificada), membro do terno de São Benedito, um dos mais antigos da cidade, dança congo desde os 9 anos, e em entrevista para a historiadora Maria José de Souza, relatou o que acredita ser o motivo de ser congadeiro a vida toda.

Sabe Tita, quando você me perguntou por que eu dançava congo eu fiquei com vergonha de responder, mas agora já estamos amigos eu vou lhe falar. Quando eu tinha nove anos de idade, morava na roça e no mês de março quando tem as últimas goiabas na goiabeira eu fui com minha irmã mais nova apanhar as goiabas. Eu subi na árvore e ia jogando as frutas que ela segurava no colo na sainha do vestido. Quando joguei a última, já ia descendo quando o galho da goiabeira quebrou. Adivinha por onde eu fiquei dependurado? Minha mãe veio correndo para me socorrer e me tratou na hora com um punhado de sal e limão vermelho. Fiquei com aquelas coisas inflamadas e inchadas por muito tempo, tratando com azeite de mamona, fumo e ervas, mas sarei. No ano seguinte, não sei se foi por isto, ela já me pôs para dançar no congo. Acho que foi por isto sim. (SILVA, 2015, p.178)

Abaixo o trecho de uma entrevista realizada no ano de 2015, durante a pesquisa de campo do presente trabalho. Na entrevista, o congadeiro Jorge Luís Pinho do Terno Nossa Senhora da Guia, 49 anos, revela os motivos que o levaram a ser membro da congada e posteriormente a fundação de um terno de Congo. É importante frisar que as perguntas foram elaboradas na linguagem informal para que houvesse uma maior compreensão dos entrevistados, e as respostas foram transcritas na forma literal, ou seja, sem correções ou intervenções.

Poços de Caldas, 15 de maio de 2015.
Local: Missa Conga, Igreja de São Benedito.
Nome: Jorge Luís Pinho
Idade: 49 anos
Entrevistadora: Ana Paula Anunciação

- **Qual o nome do terno?** Terno Nossa Senhora da Guia
- **Quando o terno surgiu?** Surgiu o ano passado, em 2014.
- **Qual foi o intuito do surgimento? Por que surgiu?**

Surgiu porque a nossa tradição aqui de Poços de Caldas, a respeito da cultural, tava meio pequena, tava meio fraca, a gente dançava num terno que chamava Nossa Senhora do Carmo, aí um sonho que a

gente teve eu e meu irmão, tivemos um sonho, pra gente poder montar essa congada pra aumentar a cultura nossa aqui de Poços de Caldas.

- **E faz quanto tempo que você desfila nas congadas?**

Na Congada de Nossa senhora do Carmo eu tinha 29 anos, dentro dela, fundada por Carmo Damião, que é o pai do nosso capitão aqui, ai ele faleceu passou para o filho dele, o Jeferson, ai dançamos com ele até o ano passado. Aí o ano passado a gente resolveu amonta o nosso, Nossa Senhora da Guia.

- **E você pode falar um pouco sobre Nossa Senhora da Guia?**

Nossa Senhora da Guia, foi uma santa padroeira aqui, através da caminhação dos negros, como tinha São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário. Ela sempre tava no convento com uma guia para poder guiá os negros também, né. Então a gente pela função que tem a Santa Efigênia, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Rosário, ai a gente intuiu nessa aí que ela que guiava os negros da senzala.

- **Pode-se dizer que a Nossa Senhora da Guia, é uma santa representante dos negros?**

Também.

- **E ela está dentro da tradição católica?** Não, não tá, dentro da católica ela não está.

- **Vocês acham que os filhos, os netos, eles vão continuar essa tradição?**

Justamente, tá já aqui de pai para filho, tá aí meu neto, tá meu filho, minha esposa, minha mãe, meu irmão, a galera, o outro irmão, esse terno nosso tá só de família. Tem muita gente de fora que vem para ajudar a gente, pessoal de Machado vem e ajuda a gente, nós vamos buscar eles em Machado e dão uma mão para gente.

- **E vocês frequentam só a igreja ou algum terreiro também?**

Não, não a gente frequentou muito tempo e aí depois meu pai faleceu né, aí a gente parou. Então a gente só tá seguindo a católica agora, né.

- **E vocês mesmos que fabricam essas roupas?** Isso, a gente mesmo. Porque até essa senhora que acabou de sair agora aqui vai conversar porque faz dois anos que a gente não tem verba, então entre família cada um dá um pouquinho de coisa, a gente conseguiu fazer.

- **E irá ter verba agora?** Só o ano que vem.

- **E vocês participam da Associação?** Isso, nós vamos lá, levamos os documentos tudo.

- **Para o ano que vem vai garantir a verba?** Se Deus quiser sim.

A entrevista acima revela a gama de sentidos que a congada exerce na vida de um congadeiro. Intrínseca a toda uma vida, desempenha uma função social e traça as relações sociais e o meio na qual está inserida. A simplicidade e a dedicação que os congadeiros possuem pela manifestação cultural, demonstram a complexidade simbólica e ritual dessa manifestação, como os membros pautam sua religiosidade, sua vida social e até mesmo suas histórias de vida.

No cotidiano, os congadeiros são em grande maioria negros com estudo primário ou sem nenhum grau de escolaridade, frequentadores da umbanda e do candomblé, levam uma vida com dificuldades financeiras na luta pela sobrevivência, e dificilmente, desejam uma ascensão social. Sentem-se realizados com a posição social que a congada lhes permite, todo poder simbólico e privilégios, se contentam com o capital cultural que constituíram ao longo da vida, e que desejam que pertença também aos seus.

A representatividade alcançada uma vez no ano durante a celebração faz com que os atores sociais venham a existir socialmente, em um mundo de desigualdades, os grupos de congadas mostram sua existência em uma sociedade em que na maior parte do tempo estão em posições marginalizadas seja pela cor ou pelo status social. Nas festividades podem ser vistos pela sociedade como um simples dançador, mas em seu íntimo, se sente um elemento fundamental para que todo o cortejo aconteça, assume papel de rei, de capitão, príncipe, guarda-coroa.

A congada parece representar para o dançador o momento em que realiza suas aspirações maiores, uma vez que, pelas razões já expostas de subordinação econômica, os dançadores estão ligados a trabalhos poucos compensadores que o submete à escala menor de estratificação social, não oferecendo condições para aspirações maiores em busca de status mais significativos ou prestígio. (SOUZA, 2015, p. 230).

Os congadeiros preferem serem chamados pelos seus apelidos, pois, significa prestígio e pertencimento a um grupo (MENESES, 2006), a uma família, fazendo parte de sua própria identidade, o local onde é reconhecido e respeitado pelos seus.

Ao analisar a conjuntura em que a congada se constituiu na cidade mineira, é possível concluir que os membros não conseguiram articular-se na luta por interesses fora dos grupos, na construção de uma condição melhor de vida enquanto ser social. A própria escolha pelos apelidos revela o não uso da identidade civil legitimada pelo estado, e o quanto suas existências estão associadas a congadas e não somente no período festivo, mas, por toda uma vida. O que move o congadeiro é sua fé, dança pela fé, pela devoção e faz disso um ato de amor.

A manifestação cultural foi a via de sobrevivência que essa categoria de pessoas marginalizadas no sistema vigente encontraram para anular a invisibilidade imposta pela sua realidade social (CHARTIER, 1991).

No âmbito externo, há uma série de conflitos que acompanham as congadas na cidade mineira desde o princípio, ainda hoje, é vista como uma parte profana da festa católica, e

muitos fiéis da igreja ainda enxergam como uma expressão atrasada, ilícita e sem relações com sua religiosidade. No próximo capítulo os conflitos externos serão retomados para o debate, em vista das transformações que ocorreram na festa e que constituem sua face atual e seu processo de patrimonialização.

CAPÍTULO 3

PATRIMÔNIO CULTURAL E A FESTA DE SÃO BENEDITO

A festividade de São Benedito apresenta em sua composição uma série de modificações, decorrentes de influências internas e externas que moldaram seu formato atual. Tais mudanças são fruto de transformações históricas, sociais e econômicas na sociedade e no sistema político cultural vigente em cada época.

A impermanência das manifestações culturais expõe o caráter variável em que a cultura atua e a forma que existe. Pensando nas tradições culturais inseridas na celebração, o presente determina aquilo que continua existindo e acontecendo, e o que, de certa forma, no momento em que não apresentar sentido ou identificação para os grupos deixará de existir.

A importância da pesquisa de campo, enquanto método no trabalho, foi fundamental para compreender as mudanças e permanências na celebração. Pautado em dois momentos: 2012 e 2015, o trabalho de campo baseou-se em entrevistas, acompanhamento das procissões e missas, registro imagético, e levantamento de jornais relacionados à festa.

Uma ponte foi estabelecida com a antropologia, auxiliando nas análises das perspectivas históricas e culturais do evento. Aproximando-se dos sujeitos históricos e do objeto de estudo, facilitando na percepção das minúcias e particularidades, afastando-se de uma visão generalizada de uma manifestação cultural rica em diversidade e peculiaridades.

Algumas mudanças significativas foram identificadas nos dois momentos de observação *in loco* da festa. Mudanças estruturais e na composição dos grupos e das manifestações culturais, das procissões e até mesmo das missas, ressignificando o ambiente festivo de um ano para o outro.

Os moldes atuais em que a festa se encontra e todas as transformações sofridas desde o início pode apresentar uma ligação influente e direta do processo de globalização e seu reflexo na sociedade.

A globalização (CHAUI, 1995) mudou a forma como as pessoas estão inseridas nos grupos identitários, como os enxergam e como participam ativamente destes processos culturais.

Anulando as particularidades das tradições culturais e suas especificidades, a globalização com sua força homogênea tenta padronizar os bens simbólicos culturais ao redor do mundo, assim como os consumidores destes bens, e os mais fortes economicamente passam a produzir e a distribuir os bens culturais, e quando isso não ocorre, tentam regulamentar o formato dos mesmos. Segundo Marilena Chauí, “As artes foram submetidas a

uma nova servidão; as regras do mercado capitalista e a ideologia da Indústria Cultural, baseada na ideia e na prática do consumo de “produtos culturais” fabricados em série”. (CHAUI, 1995 p.329)

Segundo Canclini (2001) , a Indústria Cultural (COELHO, 1996) no processo de Globalização tem sido a peça chave na comunicação e na formação da opinião pública, na cultura de massas. Seja na literatura, no cinema, na música a indústria cultural vem influenciando o apreço cultural das massas, instigando o que deve ser consumido culturalmente, e, em muitos casos, negligenciando culturas locais e tradicionais, em prol de uma cultural “universal” produzida por grandes centros. Reduzindo dessa forma, importância das diferenças na constituição das sociedades.

Essa característica da modernidade limita a continuidade de manifestações culturais tradicionais que estão presentes há muito tempo em pequenos grupos, que no cotidiano lutam para a sobrevivência das mesmas e sua transmissão para as gerações seguintes.

A cultura passou a ocupar um papel importante no desenvolvimento socioeconômico, ultrapassando a visão limitada de cultura (livros e quadros); músicas, filmes ocupam o imaginário da sociedade atual, mas, muitas vezes são produzidos distantes de sua realidade social. Os países menores do mundo ou subdesenvolvidos passam a importar este produto cultural produzido por grandes centros, refletindo na produção interna cultural dos países menores. Houve uma queda na produção cultural nos países da América Latina que passaram a consumir o produto cultural dos Estados Unidos, negligenciando muitas vezes as culturais locais e tradicionais.

A transnacionalização da cultura transformou-a em economia, reduziu-a somente a consumo; porém a indústria cultural não atuou da mesma forma em todos os locais do mundo, cada lugar teve sua particularidade. De acordo com Canclini, o aumento da influência da indústria cultural na vida das pessoas, fez com que crescesse o desinteresse pela vida pública, pelas manifestações culturais locais, passando o crescente anseio das pessoas de estarem no ambiente privado.

As manifestações culturais presentes ao redor do mundo sentiram o efeito da globalização e conseqüentemente da indústria cultural. Algumas tradições chegaram a desaparecer diante da força prepotente de um modelo de cultura que sobrepôs pequenas culturas.

Em Poços de Caldas, a Festa de São Benedito também apresentou transformações em sua composição em vista da modernidade e da cultura globalizada. Momentos específicos que

frisam o modo como a celebração passou a ser concebida, e como os grupos se adaptaram as novas demandas.

Um exemplo, que se enquadra nessa concepção de transformações, é a troca da utilização de instrumentos artesanais para instrumentos comprados em lojas musicais e que são produzidos industrialmente. No início da festa, os grupos de congadas fabricavam seus próprios instrumentos, era considerado um processo ritual, na qual, os membros envolvidos neste momento específico construía sua sociabilidade nessas relações de troca e aprendizado. O valor simbólico atribuído aos instrumentos fabricados pelo próprio grupo também era diferente, pois, estavam presentes em todo o processo, até o momento “auge” em que fossem usados nas procissões nos dias de festa.

Antigamente tocava o toco da paineira que faziam com o formão o oco. E tinha muitos que quando tinham tempo, punham brasa, ia abanando e ia descendo o fundo. Os véio fazia porque tinha uma torneada certa. Era dez a doze caixas. Tinha terno até de dezesseis caixas. Seu Jerônimo, capitão do fandango (SOUZA, 2015, p.164)

A padronização e a modernidade, resultado da globalização e da indústria cultural, fez com que os instrumentos artesanais fossem deixados de lado e que o padrão de instrumentos comprados fosse estabelecido²⁹. Atualmente todos os grupos desfilam nas procissões com instrumentos iguais, enfeitam a sua maneira, mas os instrumentos são das mesmas marcas. Esse ocorrido descaracterizou de certa forma a particularidade de cada grupo, e os encaixou em um determinado padrão.

Os membros mais novos dos grupos, não conheceram os instrumentos artesanais e consequentemente não aprenderam a produção dos mesmos, e não poderão transmitir esse conhecimento para as novas gerações. Nesse aspecto, a modernidade gerou a “perda” de uma tradição que estava enraizada nos grupos desde o início da festividade, ressignificando desta forma uma tradição, que foi substituído por um novo costume. A figura abaixo remete a questão dos instrumentos e sua padronização.

²⁹ O padrão de instrumentos comprados não foi estabelecido como regra, mas, foi resultado de um processo “invisível” na qual os grupos foram se adaptando a modernidade.



Figura 12: Festa de São Benedito, Poços de Caldas maio de 2015. Foto: Ana Paula Anuniação

Outro marco significativo na celebração foi um processo de institucionalização que ocorreu no ano de 2010. Os moldes que a festa estava pautada era nos vínculos de confiança e de costumes que foram sendo transmitidos.

A forma como os vendedores se fixavam, o que era vendido, não havia padronização e nem regras. Alegando desordem, a diocese³⁰ da cidade Guaxupé responsável pelas questões religiosas de Poços de Caldas, padronizou o número de barracas, os alimentos que seriam vendidos nas mesmas, e até mesmo os valores dos alimentos. Os dirigentes da época afirmaram que não desejavam aquele ambiente repleto de “prostituição, alcoolismo e desordem”.

Muitos vendedores mais antigos, que permaneciam no ambiente festivo há muitos anos, foram retirados de seus lugares. Por não apresentarem o padrão exigido, não se enquadrarem em instituições aceitas e regulamentadas, deixaram de obter essa renda, mas, para além do capital econômico, o valor simbólico atribuído a festividade e o lugar que o evento ocupava em suas histórias de vida se perdeu em prol da normatividade fruto da modernidade e de interesses econômicos.

A alimentação é um dos principais atrativos da festividade, no aspecto lúdico, muitas pessoas frequentam a celebração para consumir os doces típicos e os pratos vendidos nas

³⁰ A diocese é uma divisão territorial da Igreja Católica no sul de Minas Gerais, criada em 3 de fevereiro de 1916. Abrange 36 municípios.

barracas. Atualmente a responsabilidade da alimentação da festa e das barracas fica a cargo de paróquias da cidade, ongs e instituições sem fins lucrativos (asilos e casas de apoio). As paróquias e a localização de suas barracas no pátio da igreja são escolhidas através de sorteio, pois ficam em um local privilegiado ao lado da igreja no piso superior. As mesmas vendem pratos mais elaborados, e a cada ano renovam o cardápio. Já as Ongs e instituições ficam no piso inferior e vendem apenas doces ou espetinhos.

Existe um valor a ser pago pelo espaço utilizado pelos barraqueiros durante a festa, além de ter de pagar uma taxa de água e luz para a prefeitura da cidade.



Figura 13. Barraca de comida típica, na imagem a “tradicional maçã do amor”. Foto: João Neves Toledo, 2012.

A partir das transformações ocorridas na área da alimentação, principalmente na parte dos doces (cocadas, maçã do amor, coquinho queimado, etc), a padronização do tipo de alimento e dos valores, descaracterizou as particularidades que cada barraca possuía, o modo particular que cada alimento era feito, o valor simbólico e a imaterialidade dos modos de fazer, que existia durante a produção. Ao caminhar pelas barracas você encontra os mesmos alimentos, e alguns anos atrás, os doces de todas as barracas, passaram a serem feitos pela mesma pessoa, nos padrões de uma possível tercerização. A fiscalização da vigilância sanitária passou a ser mais intensa ocasionando a obrigatoriedade de um curso que deve ser feito pelos barraqueiros antes da festividade.

O investimento público na celebração também contribuiu para a modernização de muitos aspectos, e que uma nova face da festa surgisse. No ano de 2015, o secretário de

cultura da época na cidade, foi entrevistado³¹ para o presente trabalho. João Alexandre Moura Oliveira, em sua fala transmitiu a visão que o poder público possuía em relação a festa naquele momento e várias informações relevantes para o presente trabalho.

Os grupos possuem verba de apoio da prefeitura? (Ana)

Sim, eles têm uma verba, hoje ela tá no valor de R\$ 39.000,00, na verdade, ela era R\$ 35.000,00 já obsoleta a 10 anos, e nas duas últimas administrações e em alguns anos foi comprometida esse recurso financeiro, e desde que assumimos aqui o setor cultural era R\$ 35.000,00 no primeiro ano, passamos ai nos anos subsequentes aumentando aí para R\$39.000,00 e a perspectiva é também de valorizar ainda mais, estamos montando junto com a Associação também um plano de gestão disto, de manutenção, esse recurso seria exclusivo, ele é exclusivo para os ternos de congo e caiapó, para o transporte, alimentação, acomodação, confecção de roupa e figurino, roupas e instrumentos né? Essa subvenção ela é para isso né para manter vivo as nossas tradições e nós damos muita importância até porque eles trabalham já desde de o dia 1º se prolongando até o dia 13 na execução, mas esse processo começa lá em janeiro, na construção dos figurinos, dos instrumentos, enfim, então a prefeitura apoia é o recurso dotado no setor da cultura, não só na festa de São Benedito mas também na programação da festa uai nós também subvenciamos ai esses grupos também. (Trecho Entrevista- Maio de 2015, João Alexandre Moura Oliveira).

É importante ressaltar que, com a verba recebida, os congadeiros conseguem investir em seus ternos, nas vestimentas, instrumentos, hospedagem dos congadeiros que vem de outra cidade para participar da festividade. Porém, há uma dificuldade na questão burocrática da prestação de contas, pois a escolaridade dos mesmos dificulta a compreensão da documentação e do preenchimento de dados das compras. João Alexandre afirmou na entrevista que a análise dos gastos é realizada de forma mais ampla e branda, tendo vista a questão sócio-cultural dos congadeiros.

Para o poder público a festividade é um importante viés econômico, além de ser vista como evento turístico e de entretenimento, pelo fato de muitas pessoas de outras cidades se locomoverem até Poços de Caldas para participar da celebração, seja no aspecto lúdico (parque de diversões, tendas de prendas, barracas de alimentação), ou no aspecto religioso (missas, procissões). Ambos os aspectos contribuem para a movimentação de dinheiro na cidade.

O que a festa de São Benedito representa para a cidade de Poços? (Ana)

Representa muito em vários pontos, o aspecto de entretenimento, o aspecto cultural, com as congadas e caiapós, o aspecto religioso, envolvendo as paróquias né, então é uma festa já com mais de cem anos, 111 anos, então tem toda uma simbologia. Na área da cultura a gente trabalha com a vertente econômica, com a vertente cidadã e a Festa de São Benedito entra na vertente simbólica de manutenção ai das tradições populares ai do nosso município.

(Trecho Entrevista- Maio de 2015, João Alexandre Moura Oliveira).

³¹ Importante ressaltar que as entrevistas foram transcritas de forma literal, ou seja, da forma que os entrevistados responderam as questões, sem modificações.

O reconhecimento do valor dos grupos culturais pelo poder público, vem sendo construído ao longo do tempo, de forma gradual, com avanços e retrocessos, estando relacionado a quem está no poder a cada ano, e seus direcionamentos políticos e culturais. Mas enquanto regulador das políticas culturais, atuando sobre os grupos, o poder público pode em alguns momentos negligenciar as peculiaridades, em detrimento de interesses privados. Segundo Barbalho,

Como se observa, as recomendações privilegiam mais o papel do setor privado do que o do público. A participação do Estado no processo de produção, circulação e consumo de bens culturais continua restrita a um papel de financiador, observador e regulador. Sem dúvida, papéis fundamentais. No entanto, se as políticas culturais quiserem oferecer um contraponto aos valores que regem a lógica de mercado, devem fortalecer a criação de empreendimentos públicos nas diversas indústrias culturais, que possam, assim, ofertar produtos e serviços diversos que não interessam às empresas privadas por sua baixa rentabilidade financeira (sem falar nas restrições ideológicas). (BARBALHO, 2011, p.10)

No contexto da indústria cultural é necessário que exista a sensibilidade e o respeito à pluralidade, na compreensão da diversidade, exigindo atenção a essa perspectiva por parte poder público e de suas políticas culturais elaboradas para os grupos culturais.

Um exemplo na cidade de Poços de Caldas, entre o poder público e religioso e a compreensão das diferenças, é o caso do Terno de Congo São Gerônimo e Santa Bárbara Oiá/Ogum Guerreiro. Todos os membros do terno são filhos de santo de Dona Orlanda e seguem a Umbanda como religião oficial, mas, participam da festividade católica. Dona Orlanda, enquanto mãe de santo, já sofreu preconceito religioso ao longo dos anos na celebração, mas o reconhecimento de sua história de vida e de sua importância na festa vem fazendo com que esse preconceito diminua ao longo dos anos.

No passado, Dona Orlanda não adentrava a igreja, participava das procissões e seu grupo ia somente até a porta. Atualmente o terno de Dona Orlanda adentra a igreja, e a ansiã recebe honrarias todos os anos por parte dos padres responsáveis pela missa conga, além de ter um lugar especial para se sentar.

O ato gera certa incógnita, no sentido de: avanço ou retrocesso? Se pautarmos a trajetória de Dona Orlanda e sua espiritualidade, adentrar um ambiente em que antigamente não era aceita, nos leva a questionar, o nível de aceitação da sociedade e dos religiosos, tendo em vista que ainda hoje existe preconceito com as religiões afro-brasileiras. Porém, a aceitação de Dona Orlanda nas missas e o fato de ser homenageada, gera um sentimento de

reconhecimento e pertencimento na mesma, apesar de suas diferenças, e de certa forma, de respeito a diversidade em que está inserida.

O universo de tradições e costumes que estão inseridos na festividade acompanharam as transformações na celebração ao longo do tempo. Nota-se a mutabilidade da cultura enquanto algo que não é estático, paralisado e que acompanha as exigências do tempo presente.

As manifestações culturais religiosas presentes no corpo festivo existem desde a primeira edição, mas caminham junto as transformações históricas. O termo tradição remete aos bens culturais que são transmitidos de geração em geração no seio de determinado grupo. No caso da festa de São Benedito, as tradições religiosas e culturais que estão em constante mudanças para se adaptarem ao presente, podem ser consideradas como tradições inventadas ou (re) inventadas, pelo fato, de se reinventarem, mudarem suas características, objetivos, no sentido de contemplar os anseios da sociedade atual. (HOBSBAWN; RANGER, 1997)

Sob a ótica das tradições em constantes mutações e permanências, busca-se auxílio na obra *Invenção das tradições* de Eric Hobsbawm e Terence Ranger, na qual os autores explicitam a questão e a conceitualizam, possível. De acordo com os autores,

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p.9)

Na celebração de São Benedito em todas as suas esferas, religiosa, lúdica, cultural, é possível detectar a reinvenção das tradições, ou o fim de tradições que não se enquadram mais na contemporaneidade, e assim localizar o que é permanência na festividade e o que passou por transformação. Tais reinvenções de tradições são modificações impostas pelo tempo e que de certa forma acabam por alterar a “originalidade” das tradições, distanciando-se das características iniciais das mesmas.

A mudança na questão dos alimentos, o aumento de brinquedos no ambiente externo, a proibição de vendedores ambulantes a partir do ano 2000, todas essas reestruturações da festa, podem ser consideradas uma “reinvenção das tradições”, mudança dos costumes.

Uma tradição pode se encerrar a partir do momento em que as pessoas que fazem parte da mesma não se identificarem mais com tal, e não verem mais sentido para que continue a existir no tempo presente. Por isso, não é possível afirmar até quando determinada manifestação cultural irá existir. Enquanto houver sentido para os membros dos grupos,

enquanto construírem suas identidades e por meio delas (re) significarem suas vidas irá ocorrer a permanência dessa manifestação cultural no seio dos grupos.

No caso da “Festa de São Benedito” as tradições inventadas e (re)inventadas se enquadram:

Aqueles cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento. (HOBSBAWM; RANGER 1997, p.17)

Neste caso, as tradições novas impostas acompanham padrões a serem seguidos e sugeridos pelos dirigentes religiosos e que determinaram um novo caráter da festa, assim como acompanham a modernidade e a indústria cultural.

Dona Orlanda, afirmou em entrevista que a retirada dos barraqueiros tradicionais fez com que se perdesse uma parte importante da festa. Ela contou que era costume alguns barraqueiros ouvirem as congadas e após assistirem as danças e cantorias ofereciam doces e aplaudiam os congadeiros que por suas barracas passavam.

Dona Jane Lúcia de Paula, 60 anos, doceira, participa da festa há mais de 30 anos. Entrevistada para o presente trabalho, afirmou que, as transformações na estrutura da festa, excluiu muitas pessoas que trabalhavam no ambiente há décadas, e que valorizavam não somente a parte financeira, mas o caráter afetivo que a celebração trazia para suas vidas. Dona Jane relatou, ainda, que na festividade havia mais diversidade no que era vendido, pois não havia uma padronização nem de alimentos, e nem de produtos; vendia-se panelas, roupas, brinquedos, e os alimentos muitas vezes eram produzidos no próprio local. Após essa regulamentação por parte da diocese e fiscalização, a Vigilância Sanitária exige um curso dos barraqueiros que permaneceram, e muitas são as regras para que a barraca seja aprovada nas novas normas impostas.

A doceira afirma que a relação atualmente é mais comercial do que religiosa. O fato de uma pessoa produzir os doces para todas as barracas, afastou os fiéis doceiros da fé e da intenção em São Benedito, pois, produzir o doce era considerado um ato de devoção e muitos cumpriam promessas. Dona Jane diz que a “visão do dinheiro” está sobressaindo á fé, mas que não irá desistir da celebração, pois é devota fiel de São Benedito e muitas bênçãos foram alcançadas por meio do santo.

A continuidade das tradições existentes na Festa de São Benedito permanecerá enquanto fizerem sentido na realidade daqueles que a constroem, e a partir do momento em que não se identificarem com os grupos sociais, não serão mais celebradas na comunidade.

Os conflitos sempre existiram e sempre existirão diante da diversidade e da divergência de opiniões e crenças, porém cabe aos participantes ativos encontrar um ponto de equilíbrio para a construção do ambiente festivo e saber valorizar o sentido que cada um atribui para a celebração e o lugar que a mesma ocupa em suas vidas e respeitá-las.

É imprescindível entender como os participantes da celebração lidam com o tempo durante o processo festivo e ao longo do ano, uma vez que estes constroem suas experiências de vida através da festa. O tempo passa por um processo de sensibilidade coletiva e pauta a vida de todos os fiéis e membros dos grupos que participam da festa, seja na venda de doces, nas barracas, seja nos grupos nas manifestações culturais, ou aqueles que observam de longe e prestigiam apenas enquanto visitantes.

Para compreensão da relação dos grupos com o tempo, projeções e aprendizados, Kooselleck (2006) ressalta, duas categorias históricas que podem auxiliar no entendimento de acontecimentos, no caso do trabalho, a festa de São Benedito.

As duas categorias históricas o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativa” se complementam, pois entrelaçam passado e futuro.

O “espaço de experiência” está relacionado ao passado, e a maneira que este passado foi incorporado ao presente, sendo compreendido como um passado atual que atua no presente, na forma de aprendizado, gerando a reflexão acerca dos acontecimentos. Um passado concretizado no presente através dos vestígios.

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, que não precisam estar mais presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é preservada uma experiência alheia. Neste sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias (KOSELLECK, 2006, p.309-310).

Sendo assim, os *festeiros* constroem suas histórias de vida no tempo da festividade, a celebração existe e interfere no cotidiano dos mesmos durante todo o ano, e não simplesmente em maio quando ocorre. No período anterior a festividade ocorre o processo de produção das vestimentas, assim como a organização das procissões, além de organizarem os documentos relacionados a parte burocrática da celebração. Posterior à festa, há o aprendizado sobre o que passou naquele ano e o que pode ser feito para melhorar a próxima edição.

O ano seguinte há a expectativa que seja melhor, levando em consideração a experiência do ano que se passou; o passado servindo de aprendizado no tempo presente, e projetando melhorias no futuro.

O “horizonte de expectativas” são sensações em relação ao futuro, assim como ações movidas pela curiosidade no tempo presente, a expectativa se concretiza no hoje, segundo Koselleck, sendo um futuro atual. Experiência e expectativa não são opostos, sim complementos na percepção do tempo histórico. Um exemplo para elucidar tal afirmação foi dado pelo autor em sua obra,

Podemos citar um exemplo simples: a experiência da execução de Carlos I abriu, mais de um século depois, o horizonte de expectativas de Turgot, quando ele insistiu com Luís XVI que realizasse as reformas que o haveriam de preservar de um destino semelhante. O alerta de Turgot ao rei não encontrou eco. Mas entre a Revolução Inglesa Passada e a Revolução Francesa futura foi possível descobrir e experimentar uma relação temporal que ia além da mera cronologia. A história concreta amadurece em meio a determinadas experiências e determinadas expectativas (KOSELLECK, 2006,p.308-309).

As experiências são capazes através dos vestígios (fontes históricas) tornarem acontecimentos do passado algo do presente. O “espaço da experiência” está em constante mudança, pois cada acontecimento pode se apresentar de uma nova forma. Já o “horizonte de expectativa”, remete ao que não é conhecido, há anseios em relação ao futuro, mas não há como descrevê-lo por isso uma expectativa.

horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado; a possibilidade de se descobrir o futuro, embora os prognósticos sejam possíveis, se depara com um limite absoluto, pois ela não pode ser experimentada. (KOSELLECK, 2006, p.311).

A festa de São Benedito pode ser vista sob a perspectiva do autor, na medida em que o acontecimento é fruto do tempo presente, porém carrega uma carga da experiência do passado através de sua história, produzindo um vasto leque de fontes históricas todos os anos, além das experiências individuais e coletivas que fomentam a celebração. E, o anseio no futuro, que é vivido no presente, através do desejo de que a festividade continue a acontecer e que novas experiências surjam como concretização de expectativas, pois o pensamento no futuro está pautado no presente (HARTOG, 2013). São formas da sociedade em lidar com o tempo, como determinado grupo trata seu passado e como o traz a tona em seu presente.

3.1 PATRIMÔNIO CULTURAL: A FESTA DE SÃO BENEDITO E O PROCESSO DE TOMBAMENTO

Ao adentrar o universo relacionado ao Patrimônio, compreende-se toda a construção do conceito e as transformações e ampliações da noção com o passar do tempo. A necessidade

do homem do presente em compreender os movimentos do passado e seus reflexos na sociedade em que vive, foi um dos motivos que impulsionaram a construção do conhecimento acerca do patrimônio e das manifestações culturais.

Diante de toda riqueza cultural, diante da diversidade em sua composição a Festa de São Benedito em Poços de Caldas, encontra-se em processo de registro enquanto Patrimônio Imaterial pelo IEPHA (órgão responsável pelo patrimônio do estado de Minas Gerais). Para compreendermos esse universo, é necessário retomarmos a construção da noção de patrimônio cultural e o (re) conhecimento da diversidade e das identidades.

A elaboração do conceito de Patrimônio acompanhou e acompanha as transformações que ocorre nas sociedades e em suas crenças e políticas culturais. É de suma importância compreender qual o significado que os indivíduos atribuí ao que consideram Patrimônio, e que está inserido em diferentes contextos históricos e sociais.

Elencar a historicidade do conceito de Patrimônio é algo intrincado, portanto o objetivo que se busca é pautar os principais aspectos ligados ao Patrimônio Cultural Imaterial e a Festa de São Benedito.

A noção de Patrimônio Imaterial é relativamente recente se compararmos com a concepção de Patrimônio Material, que, está presente desde o século XIX, na esfera política, intelectual e social.

No século XX a reflexão sobre a heterogeneidade dos diferentes grupos sociais, junto aos estudos sobre a relação Homem e Cultura, fez surgir a necessidade de compreender o produto cultural enquanto algo inserido na composição da noção de Patrimônio. A inquietude também se estendeu para os diferentes sujeitos que compõem a sociedade, e que de certa forma projetam significados e valores aos bens culturais a seu modo, constituindo assim a identidade do grupo.

A responsabilidade em criar Políticas Públicas para a preservação e reconhecimento dos bens patrimoniais, sua catalogação e investigação é compromisso de órgãos como a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura) em âmbito mundial. No território nacional a responsabilidade é do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Este faz parte do Ministério da Cultura, e que tem como função o reconhecimento e a preservação da diversidade contida no território nacional, respeitando os diversos elementos que compõe a sociedade brasileira. Preservar e reconhecer os bens culturais de um país representa refletir sobre o uso e produção dos mesmos pelas futuras gerações.

No âmbito estadual cada estado brasileiro possui um órgão específico para o reconhecimento de bens, no caso de Minas Gerais é o IEPHA- Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de *Minas Gerais*. Através deste órgão que a festa de São Benedito está inserida no primeiro momento de seu reconhecimento enquanto Patrimônio Imaterial.

No ano de 1982, aconteceu a Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais, organizada pelo Icomos³², e, neste ambiente de debate elaborou-se uma nova definição para o conceito de Identidade Cultural, tendo em vista a reflexão acerca da diversidade que o mundo era composto, e como cada povo lidava com sua cultura. Identidade Cultural:

[...] é uma riqueza que dinamiza as possibilidades de realização da espécie humana ao mobilizar cada povo e cada grupo a nutrir-se de seu passado e a colher as contribuições externas compatíveis com a sua especificidade e continuar, assim, o processo de sua própria criação. (Conferência, 1982).

A partir da definição do conceito de Identificação Cultural, iniciou-se uma trajetória na construção de um conhecimento mais profundo acerca dos bens culturais, sob a perspectiva da diversidade cultural que são compostos. Sob a ótica de valorização das distintas culturas, experiências humanas, valores e tradições, a partir de 1989 a Cultura Tradicional e Popular³³ foi considerada um elemento fundamental de preservação enquanto constituinte de Identidade cultural e social.

Destaca-se que o que mantém a cultura viva é sua dinâmica, vitalidade e constante transformação, caminhando junto a realidade social dos grupos, constituindo os laços identitários que os une à determinada tradição, e também as mudanças e permanências que ocorrem no interior dos mesmos. Em 2001, a Unesco redigiu a “ Declaração Universal da Unesco sobre a Diversidade Cultural”, reforçando a importância do respeito a diversidade cultural e à criatividade humana.

No campo das políticas inclusivas, o direito a memória no território brasileiro foi considerado um aspecto da cidadania cultural, e na própria constituição brasileira³⁴ a diversidade cultural foi definida como ponto fundamental na compreensão da formação social brasileira, sendo incentivado a sua proteção e o estudo sobre a mesma.

³² Icomos: Conselho Internacional de Monumentos e Sítios.

³³ Ver: Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular 1989, p.1.

³⁴ Ver: Constituição Federal Brasileira, 1988, Artigo 215, da Seção II.

Outro marco importante no Brasil³⁵ foi o Decreto Presidencial n° 3551- 4 de agosto de 2000- *Institui o Registro de Bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro*. O decreto afirma que, toda e qualquer ação humana no mundo social é histórica e cultural e, portanto, feita por representações.

O decreto auxiliou no reconhecimento de bens culturais de natureza imaterial. A partir daquele momento eram reconhecidos enquanto parte do patrimônio cultural brasileiro, fundamentais no processo de formação da identidade brasileira, tida como brasilidade. O foco também passou a ser não somente o resultado, mas o processo de produção e os agentes produtores, tendo em vista grupos que antes eram silenciados e que são detentores de manifestações culturais com riqueza imaterial local e que são tidas como tradicionais. Segundo Márcia Chuva,

Um bem cultural pode ser incluído na categoria de patrimônio quando são atribuídos a ele sentidos e significados que o torna referência para um grupo, que se identifica com aquele bem, sendo um elo entre todos aqueles que compõem esse grupo. Por isso, todo patrimônio se constitui a partir de uma forte carga simbólica, que é imaterial ou intangível. (CHUVA, 2015, p.25)

O instrumento que legitima e protege o Patrimônio Imaterial é denominado *Registro*, ato que consiste em registrar os bens em seus livros específicos. A autora acrescenta ainda que,

O Registro, instituído pelo Decreto n° 3551/2000 é o instrumento administrativo utilizado para a patrimonialização de um bem cultural de natureza imaterial pelo Estado, através da sua agência especializada, o IPHAN. Até o momento, a aplicação do Registro tem sido priorizada para os bens identificados com a cultura tradicional e popular, indígena e afrodescendente, embora seu escopo não esteja restrito a bens desse tipo. (CHUVA, 2015, p.37)

Para que o bem seja inserido, é necessário se enquadrar no Decreto n° 3551 de 4 de agosto de 2000, e um dossiê precisa ser feito sob a orientação do IPHAN, contendo estudo e detalhes da manifestação cultural que se deseja registrar. Todo cidadão civil tem o direito de passar pelo processo de registro de bens culturais. O bem cultural tido como patrimônio e que esteja em processo de reconhecimento, deve apresentar primeiramente a importância de continuidade histórica³⁶ e relevância nacional para a memória, identidade e formação da sociedade brasileira. As manifestações culturais foram

³⁵ Ressalta-se que a primeira vez que a expressão *imaterial* apareceu na questão jurídica brasileira foi no ano de 1988, no Artigo 216 da constituição, relacionado a identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade Brasileira.

³⁶ Artigo 1 do Decreto n° 3551/2000.

destinadas a serem registradas em livros específicos que se identificasse com sua respectiva natureza, sendo eles:

§ 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas. (DECRETO Nº 3.551, DE 4 DE AGOSTO DE 2000. **Erro! A referência de hiperlink não é válida.**

Diante do decreto Nº 3.551 e dos livros existentes até o presente momento, responsáveis por registrar os bens imateriais, o processo de tombamento da Festa de São Benedito busca registrar a festividade, no livro relacionado às Celebrações.

É importante destacar que caso haja a necessidade de novos livros que contemplem grupos e manifestações culturais não amparadas, é permitido a criação de novos livros.

O decreto contribuiu para o destaque de manifestações culturais que existem há muito tempo em todo território nacional, e que são produzidas por grupos culturais distintos que eram negligenciados anteriormente em prol de um modelo de cultura engessado.

No período anterior³⁷ ao decreto não havia uma conscientização nacional e social sobre a importância dos grupos que compõe a identidade brasileira e a memória dos mesmos.

O ato de registrar um bem deve levar em consideração a relevância do bem cultural para a sociedade, seus elementos simbólicos, a representatividade para os membros dos grupos e a importância para suas histórias de vida. Ressaltando a riqueza de tradições baseadas somente na oralidade e no aprendizado baseado na observação e no convívio.

³⁷ Importante destacar que a trajetória dos estudos culturais no território brasileiro esteve relacionada a visão folclórica, e que já em meados do século XX, Mário de Andrade percorreu o território brasileiro em uma expedição (1938) para o Norte e Nordeste brasileiro. Nessa expedição um vasto material documental foi produzido, instigando a construção de um método de conhecimento da cultura brasileira de caráter científico. Incentivando a criação da Comissão Nacional de Folclore em 1947, em um campo paralelo aos estudos do patrimônio, uma área destinada ao folclore e cultura popular. Mas toda essa perspectiva não gerava um rol de políticas preservacionistas e nem conscientização nacional acerca dos bens culturais. Mário de Andrade possuía interesse sobre as duas frentes (folclore e patrimônio), mas ambas seguiram trajetórias bastante diferenciadas e só se aproximariam na atualidade. A noção de folclore passou por uma nova reformulação no ano de 1995, aproximando-se na noção de cultura popular, integrando-as em um mesmo campo de estudo.

Após o registro, há a necessidade de criar condições para a transmissão e reconhecimento das práticas culturais em questão, assim como sua consolidação.

No ano de 2003, formulou-se a “Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial” (Unesco: Paris, 17 de outubro de 2003 e assinada em 3 de novembro de 2003). No primeiro parágrafo do artigo elaborou-se uma definição esclarecedora que guiaria os estudos na área. Foi definido como Patrimônio Imaterial ou Intangível:

[...] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas- junto com os instrumentos, objetos, artefatos, e lugares culturais que lhes são associados- que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. (Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, 2003, p. 1)

A relevância da nova definição foi em contemplar sujeitos históricos que anteriormente eram negligenciados por um Patrimônio Material que legitimava a ideologia dominante e a cultura das elites, destacando apenas bens culturais materiais e representantes de determinado discurso. Entretanto, destaca-se a interdependência entre o Patrimônio Material, Imaterial e Natural, visto que se complementam na elucidação da diversidade.

O Patrimônio Imaterial é visto como algo que não se pode tocar, e também visto como fator de aproximação, trocas e entendimento entre os seres humanos.

[o patrimônio imaterial] são os usos, representações, expressões, conhecimentos e técnicas- junto com os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes são inerentes- que as comunidades, os grupos e em alguns casos os indivíduos reconheçam como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é recriado constantemente pelas comunidades e grupos em função de seu entorno, sua interação com a natureza e sua história, infundindo-lhes um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim a promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial; 2003, PARIS)

O reconhecimento dos bens imateriais tem como pauta assegurar sua viabilidade, documentação, investigação, preservação, valorização entre outros pontos que a valorização do homem e sua produção cultural, sua identidade e sua sociabilidade, inserido em suas práticas e representações culturais. Segundo Márcia Chuva, o Patrimônio Imaterial se estendeu:

[...] as práticas culturais, as festas, rituais e celebrações, as formas de expressão diferenciadas, os modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades, os lugares onde se concentram e reproduzem práticas coletivas são práticas culturais que se tornaram passíveis de se tornar patrimônio, i.e., de se atribuir valor e significados que amalgamam grupos. (CHUVA, 2002, p.3)

Os bens culturais estão em constantes transformações, são dinâmicos, e não devem ser considerados estáticos. Ao efetuar um registro de um bem intangível, é de suma importância considerar sua impermanência e a possibilidade de que um dia não exista mais, pois podem deixar de ter significado na vivência coletiva que estão inseridos.

A valorização da diversidade humana é fundamental para aceitarmos as diferenças e reconhecermos a relevância das identidades sociais em cada grupo. Ampliando assim, a visibilidade da riqueza e da pluralidade do patrimônio cultural brasileiro, seja nos cantos, nas danças, nas festas religiosas, nos modos de fazer alimentos, nas histórias populares.

O ato de incluir na noção, grupos sociais variados, e até mesmo a imaterialidade dos bens culturais é recente. Todas essas transformações foram originadas da adequação a compreensão das mudanças sociais, políticas e suas abrangências culturais. A percepção sobre o conceito de Patrimônio Imaterial abriu leques infindáveis sobre a produção humana, os significados simbólicos envolvidos na ação, no invisível, e como os bens intangíveis, são agregados à história de vida do homem, a sua cultura e a forma em que se coloca no mundo e em sociedade.

Na trilha da construção do termo/conceito do patrimônio imaterial, devemos observar que enquanto os homens e as mulheres estiverem produzindo cultura, utilizando e reinventando suas técnicas, recriando e ressignificando seus artefatos culturais haverá sempre a necessidade de refletirmos sobre esse movimento e consequentemente, reconstruir conceitualmente as diretrizes para o entendimento da ação de preservação do patrimônio histórico e cultural. (FIGUEIREDO, 2015, p.23)

As políticas públicas brasileiras empenhadas na preservação do patrimônio cultural de natureza imaterial são guiadas pela noção de referência cultural:

No caso do processo cultural, referências são as práticas e os objetos por meio dos quais os grupos representam, realimentam e modificam a sua identidade e localizam a sua territorialidade. São referências os marcos e monumentos edificadas ou naturais, assim como as artes, os ofícios, as festas e os lugares a que a vida social atribui reiteradamente sentido diferenciado e especial: são aqueles considerados os mais belos, os mais lembrados, os mais queridos, os mais executados. (...) Referências, portanto, são sentidos atribuídos a suportes tangíveis ou não. Elas não podem estar nos objetos assim como nos lugares socialmente construídos. (ARANTES, 2001, p.131)

Diante de toda noção da imaterialidade e sua inserção nas políticas de preservação, destaca-se a interdependência entre os bens materiais e imateriais. O patrimônio material necessita de um suporte material para existir. A divisão entre material/imaterial existe na atualidade devido a ampliação da noção do que vem a ser patrimônio ao longo do tempo. A ampliação do conceito de Patrimônio abrangeu setores sociais e manifestações culturais que anteriormente eram negligenciadas, mas que em todo tempo necessitaram de um suporte material para sua existência. A imaterialidade é complemento da materialidade.

Neste âmbito patrimonial a festividade de São Benedito, possui em sua composição aspectos referentes ao Patrimônio Imaterial e Material. Suas danças, cantigas, saberes, vestimentas, instrumentos estão inseridos na imaterialidade e materialidade dos bens culturais, e constituem a vida social e cultural de um determinado grupo social.

O processo de registro da celebração enquanto bem imaterial pelo IEPHA (órgão estadual de Minas Gerais) até o presente momento permanece em andamento em nível estadual, o dossiê está em processo de construção.

Há o anseio que, se aprovado o registro da celebração, amplie o reconhecimento da festividade por parte da sociedade, e fortaleça a possibilidade de continuidade histórica diante de toda riqueza cultural que é constituída. Além disso, irá contribuir para a auto estima dos festeiros, e a valorização do caráter simbólico para todos os membros que pautam suas histórias de vida na celebração e significam toda uma existência através da festa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho é resultado de uma pesquisa que iniciou-se no ano de 2011 e finalizou-se no ano de 2015, no qual o interesse pela celebração em devoção à São Benedito e pela diversidade cultural religiosa em Poços de Caldas, Minas Gerais, moveu a execução da pesquisa. Composto por diferentes etapas, o trabalho pautou-se em uma vasta pesquisa de campo (2012-2015), fundamental para a construção do mesmo, adentrando o universo festivo sob diferentes perspectivas, buscando elucidar como a festividade é vista por camadas distintas da sociedade. Assim como, a compilação de um vasto leque de fontes históricas (jornais, revista, depoimentos orais, vídeos, fotografias) que foram recolhidas ao longo dos anos de pesquisa, e que auxiliaram na análise do objeto.

As entrevistas foram norteadas pela noção dos diferentes sujeitos históricos que compõem o processo festivo, sendo assim, congadeiros, políticos (vereadores e secretário de cultura), vendedores, fiéis devotos e até mesmo aqueles que se encontram a margem de todo processo festivo (apenas observadores), contribuíram através de seus relatos para que a celebração fosse enxergada em sua complexidade de significados, ultrapassando uma visão oficial e simplista.

O contexto histórico da festividade elucidado através dos documentos históricos revelaram tensões sociais, econômicas, étnicas e religiosas presentes na celebração desde seus primórdios. A luta de interesses também acompanhou a celebração ao longo dos anos, os jogos de poder simbólicos, definiram as configurações da festa e refletem até mesmo na contemporaneidade.

As transformações que ocorreram na celebração foram pontos primordiais no trabalho, observando que as mesmas acompanharam as exigências de cada tempo histórico, houve também a influência da indústria cultural (CANCLINI, 1999) nos moldes da festa, nas manifestações culturais e na configuração atual em que a festividade se encontra. Foram muitas mudanças, mas, também houve permanências que continuaram a compor a festa.

A história da festividade mostrou que a mesma acompanhou o crescimento da cidade, e faz parte da história de vida dos moradores (MOURÃO, 1938). Enfrentou resistência diante da sociedade conservadora do século XIX e XX, mas construiu sua identidade e firmou-se no calendário religioso do município (MEGALE, 1990).

Muitos são os atores sociais que participam de todo o processo festivo, e que, (re) significam suas vidas por intermédio da festa e da devoção a São Benedito.

Durante a realização da pesquisa questionou-se a concepção de que o pesquisador não se envolve com seu objeto, pois houve uma grande aproximação com o mesmo e com os envolvidos na celebração durante a pesquisa de campo. Cada entrevista, cada procissão, cada missa foi essencial na construção do trabalho e o envolvimento com a pesquisa caminhou ao lado diante de toda perspectiva histórica acerca da festa.

Constatou-se que a influência da celebração na sociedade local ultrapassa o âmbito religioso, e que os laços de lealdade são constituídos no seio dos grupos, e suas vidas são vinculadas a celebração.

A ênfase nas Congadas foi essencial para identificar o lugar social dessa manifestação cultural histórica que caracterizou a história da celebração, as dificuldades enfrentadas ao longo de tempo, e como os membros partilham valores simbólicos, (re) inventando tradições (HOBBSAWM; RANGER, 1997) e (re) significando tais valores.

Algumas questões no presente trabalho foram elencadas, para além de uma história oficial a respeito da história da igreja. A doação dos terrenos para a construção de ambas as capelas de São Benedito foram realizadas por membros brancos da elite local da época, o que seria considerado um gesto de bondade não poderia representar uma estratégia de controle social e findar as disputas até então presentes na sociedade local? Neste âmbito poderia considerar tais doações como estratégias de coesão social sob o olhar dos brancos, e assim os negros seriam controlados e consolados pela fé.

A riqueza cultural da celebração fez com que representantes da cultura local tomassem a condução do processo de registro da festa enquanto patrimônio imaterial. A mudança e abrangência do conceito de patrimônio foram essenciais para que celebrações religiosas fossem reconhecidas enquanto bem cultural imaterial, e que ações de preservação e catalogação fossem traçadas.

Diante do processo de patrimonialização da festa nota-se com as mudanças historiográficas ocorridas na virada do século XIX/XX. Sendo assim, a cultura popular produzida por classes inferiores passam a adentrar o contexto histórico, superando as barreiras de uma história tradicional, na qual os mesmos eram negligenciados em detrimento de uma história considerada como “vista de cima”. Construindo suas representações e visões de mundo, na qual pelo menos em um momento do ano (durante a festa) alcançam determinada visibilidade e autoafirmação social.

Tendo em vista os objetivos propostos para o trabalho, buscou-se problematiza-los ao longo dos capítulos, utilizando teóricos específicos dos temas abordados e as fontes históricas recolhidas durante a pesquisa.

O trabalho buscou elucidar os principais aspectos históricos e culturais da Festa de São Benedito e as transformações ocorridas ao longo do tempo, a produção do mesmo acrescentou muito para a formação pessoal e profissional. Considerando a enorme diversidade do objeto, a manifestação cultural estudada acabou revelando o papel fundamental que ocupa na sociedade de Poços de Caldas, na vida religiosa dos moradores e o valor simbólico indescritível para todos aqueles que participam ativamente em todo o processo festivo, e que ao longo de suas vidas dedicaram e ainda dedicam amor, fé e devoção mesmo em condições sociais adversas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DE FONTES

Livros de Memorialistas

LEMOS, Pedro Sanches de. **As águas thermaes de Caldas (Provincia de Minas-Geraes)** . Rio de Janeiro. Editora TYP. Perseverança, 1884.

MEGALE, Nilza Botelho. **Memórias Históricas de Poços de Caldas**.1.ed. Poços de Caldas: GSC Assessoria de Comunicação Empresarial, 1990.

MOURÃO, Mário. Poços de Caldas. **Synthese Histórica e crenologica**. Esboço Historico. Aguas mineraes sulfurosas. Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1938.

OTTONI, Homero Benedicto. **Poços de Caldas**. São Paulo: Editora Anhembi S.A., 1960.

SOUZA, Aristides de Mello. **Estudos de Crenologia (Aguas Mineraes Sulfurosas)**.São Paulo, Empresa Graphica da Revista dos Tribunais, 1936.

Biblioteca Municipal Centenário de Poços de Caldas

Jornais

Jornal da Cidade

Edição 12 de maio de 2001

Edição 29 de abril de 2004

Edição 21 de maio de 2004

Edição 12 de abril de 2005

Jornal da Mantiqueira

Edição 12 de Maio de 2002

Edição 12 de maio de 2006

Edição 17 de Setembro de 2006

Edição 19 de Julho de 2007

Jornal Chico Rei

Edição maio de 1989

Jornal Estado de Minas

Edição Novembro de 1995

Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas

Livro do Tombo da Paróquia de Poços de Caldas, folha 22.

Acervo fotográfico do museu.

Cartilhas produzidas pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura

BASTOS, Wilson de Lima. **Estudo Científico do Folclore**. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Juiz de Fora, 1969.

LIMA, Rossini Tavares de. **Geografia do Folgado Popular**. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1971.

Entrevistas realizadas durante o mês de maio de 2012 em Poços de Caldas

Vereadores

Vereador Joaquim Sebastião Alves

Vereador Paulo Eustáquio

Congadeiros

Orlanda da Conceição Silva. Terno de Congo São Gerônimo e Santa Bárbara.

Benedito (Seu Dito) – Seu nome completo não foi divulgado durante a entrevista. Terno de Congo Nossa Senhora do Rosário.

Roberto Tereziano- Jornalista.

Haroldo Paes Gessoni - Diretor do Museu Histórico e Geográfico.

Entrevistas realizadas durante o mês de maio de 2015 em Poços de Caldas

João Alexandre Moura de Oliveira- Secretário Municipal de Cultura.

Congadeiros

Orlanda da Conceição Silva. Terno de Congo São Gerônimo e Santa Bárbara.

Jocasta (o nome completo não foi falado). Terno de Congo São Benedito.

Jorge Luís Pinho. Terno de Congo Nossa Senhora da Guia.

Clodoaldo Marques da Costa. Terno de Congo Nossa Senhora da Guia.

Haroldo Paes Gessoni - Diretor do Museu Histórico e Geográfico.

Entrevistas realizadas durante o mês de janeiro de 2017 em Poços de Caldas

Jane Lúcia de Paula

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

ALBUQUERQUE, Carlos Vinicius Frota de. **A Eugenia e o Mito da Superioridade Racial Branca: Racismo no Brasil Moderno**. Universidade Federal do Ceará, 2011.

AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à brasileira - Significados do festejar, no país que "não é serio"**. São Paulo: USP, 1998. Tese de Doutorado em Antropologia Social.

ANUNCIACÃO, Ana Paula. "Será o Benedito" **A Festa de São Benedito em Poços de Caldas/MG entre memória e identidades (XIX/XXI)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ARANTES, Antonio Augusto. **Patrimônio imaterial e referências culturais**. Revista Tempo Brasileiro. n. 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

BARBALHO, Alexandre. Políticas e indústrias culturais na América Latina. *Contemporânea*. Vol.9, n. 1, ed.17,2011. Disponível em:

<http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_17/contemporanea_n17_02_barbalho.pdf>. Data de acesso: 18 de dezembro de 2016.

BRANDÃO, Carlos R. **O divino, o santo e a senhora**. Rio de Janeiro: Funarte, 1973. (Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro)

_____ **Memória do sagrado**. Estudos de religião e ritual. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

_____ **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 2000. [Coleção Primeiros Passos, n.60]

BOSCHI, Caio. **Os leigos e o Poder**. São Paulo: Ática, 1986.

BOSI, Alfredo. **Colônia, Culto e Cultura**. In: *Dialética da Colonização*. Companhia das letras, 1992.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. Tradução Nilo Odalia.

CAILLOIS, Roger de. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1950.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

_____. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade** . Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. **O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional**. Revista do Patrimônio Histórico e Artísticos *Nacional*, Rio de Janeiro, n.23, 1994.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 3ª edição. São Paulo. Ática, 1995.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Lisboa, Edições 70, Lda. 2008.

CHUVA, Márcia. **Os Arquitetos da Memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. **Patrimônio Imaterial: Práticas Culturais na construção de identidades de grupos**. Belo Horizonte: SEE/MG .2002.

_____. **Da referência cultural ao patrimônio imaterial: introdução à história das políticas de patrimônio imaterial no Brasil**. In: REIS, Alcenir Soares dos; Figueiredo, Betânia Gonçalves (orgs). *Patrimônio Imaterial em perspectiva*. -1. Ed.- Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2015.

COELHO, Teixeira. **O Que é Indústria Cultural**. Coleção Primeiros Passos, vol 08, São Paulo, Editora Brasiliense, 16ª ed., 1996.

DEL PRIORI, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo, Brasiliense, 2000.

DIWAN, Pietra: Raça Pura. **Uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. São Paulo: Contexto, 2007.

DURKHEIM, EMILE. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo, Edições Paulinas, 1989.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (Org.). **“Usos e Abusos da História Oral”** Rio de Janeiro, FGV, 8ª ed.2006.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Desfilar: a procissão barroca**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH, vol. 17, n° 33, 1997, pp. 251-279.

GALLOIS, Dominique T. 2005. **Patrimônio Cultural Imaterial de Povos Indígenas**. Documento Base – 2º Seminário Regional do Iepê: Experiências Indígenas em gestão e 11 pesquisa de patrimônios culturais no Amapá e norte do Pará. Obtido em: www.institutoiepe.org.br/docs/DocBase_seminario_iepe_2005.pdf.

GONÇALVES, Betânia Figueiredo. **Patrimônio Histórico e imaterial e a invenção da história**. In:_____; SOARES, Alcenir dos Reis (orgs). *Patrimônio Imaterial em Perspectiva*. 1 ed. – Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2015.

HARTOG, François. **Tempo e Patrimônio**. *Varia História*, Belo Hozizonte, vol 22 n° 36: p. 261-273, jul/dez 2006.

_____. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HOBBSAWM, E. , RANGER, T. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

JANCSO, István SL KANTOR, Íris. (orgs.). **Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa.** São Paulo: Imprensa Oficial;. Hucitec; Edusp; Fapesp, 2001.

KEHL, Renato. **A Eugenia no Brasil: esboço histórico e bibliográfico.** In: Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Rio de Janeiro, Volume I, 1929.

_____. **Lições de Eugenia.** 2 ed. Rio de Janeiro. Editora Livraria Francisco Alves, 1935.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado – contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

MARCHI, Euclides. **O Sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades.** História: Questões & Debates, Curitiba, n.43, 2005. Editora UFPR.

MARRAS, Stélio. **À propósito de águas virtuosas: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil.** Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2004.

MENESES, José Newton Coelho de. **Queijo Artesanal de Minas: patrimônio cultural do Brasil.** Dossiê interpretativo. Vol.1. Belo Horizonte: Ministério da Cultura, 2006.

MENESES, Ulpiano Bezerra. “**A Problemática da Identidade Cultural nos Museus: De Objetivo (de Ação) a Objeto (de Conhecimento)**”. “Anais do Museu Paulista da USP - História e Cultura Material”. Nº 1, 1993.

NETO, Isnard Camara . **A Festa de São Benedito e Os Redentoristas, 1894 – 1922.** Editora Santuário, 2009

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Os santos pretos carmelitas: culto dos santos, catequese e devoção negra no Brasil colonial (UFF,2002).**

OLIVEIRA, Nirlei Maria. **A História da Câmara Municipal de Poços de Caldas / Nirlei Maria Oliveira, Ramiro Canedo e Adinan Carlos Nogueira (Coord.).** Poços de Caldas (MG): Câmara Municipal de Poços de Caldas, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.** Lilia Moritz Schwarcz. — São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Aloísio Teixeira de. **Vida de São Benedito.** Editora Santuário, 2012.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOUZA, Maria José de. Reinado e poder no Sul das Minas Gerais/ Maria José de Souza (Tita).- Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2002.

TEIXEIRA, Joaquim de Souza. **Festas e Identidades**. Coleção: Artigos LUSOFIA. Universidade da Beira Interior Covilhã, 2011.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 528 p. Regina Weber. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

VIANNA, Francisco José de Oliveira. **Populações meridionais do Brasil**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.

WILLEKE, Frei Venancio. “**Convento de Santo Antônio de Ipojuca**”. Revista do Patrimônio Artístico e Nacional, nº 13, 1956, p. 296-297.